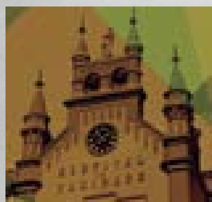


MUSEU DA
História da
Medicina
DO PARANÁ

SANTA CASA DE CURITIBA

Presente para o futuro

Santa Casa
140 Anos


Santa Casa
140 Anos
HOSPITAL DE CARIDADE







SANTA CASA DE CURITIBA

Presente para o futuro

CURITIBA | 1º EDIÇÃO | 2019



APRESENTA





MUSEU DA
História da Medicina
DO PARANÁ

PATROCÍNIO

SANDOZ A Novartis Division

REALIZAÇÃO





SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DA
CIDADANIA





EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL
Núcleo de Mídia e Conhecimento

EDIÇÃO
Fábio André Chedid Silvestre

ASSISTENTE DE EDIÇÃO
Fernanda Cheffer Moreira

COLABORADOR
Carlos Alberto Ravazzani

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Luiz Gustavo Schmoekel

DIAGRAMAÇÃO
Danielle Dalavechia Santos

REVISÃO
Márcio Borges Lacerda

PRODUÇÃO E EXECUÇÃO
Santa Casa de Curitiba
Associação Médica do Paraná
Núcleo de Mídia e Conhecimento

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

N964s *Núcleo de Mídia e Conhecimento (Org.)*
Santa Casa de Curitiba: presente para o futuro.
- Curitiba: Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2019.
180 p.

ISBN: 978-85-69126-06-5

1. Santas Casas de Misericórdia. 2. Santa Casa de Curitiba. 3. História da Medicina.

Mecanismo do relógio da fachada.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Sinais de um Novo Tempo

A Santa Casa de Curitiba é uma legítima protagonista nas profundas transformações que tem vivido nosso Estado do Paraná e esta capital, Curitiba. Desde sua fundação, em 09 de junho de 1852, antes ainda da emancipação do Paraná em 20 de agosto de 1853, tem participado da construção integral de nossa sociedade.

No primeiro censo demográfico realizado oficialmente no Brasil, no ano 1872, o Brasil contava com uma população de 9.930.000 pessoas, em 21 províncias e 641 municípios. O Paraná de então era habitado por 126.722 pessoas, a quarta província menos populosa, dividida em 16 municípios, onde Curitiba colaborava com 12.651 habitantes, ocupando a 280ª posição nacional.

Em 22 de maio de 1880, a Santa Casa de Curitiba inaugura, em ermo descampado, ao largo do centro da cidade, um dos mais impressionantes edifícios construídos até hoje, que encima portentoso a paisagem, na presença do Imperador D. Pedro II. Assim, o Hospital da Santa Casa de Curitiba tornou-se uma realidade sempre presente. No futuro distante de 2019, no Brasil de 202.768.562 de habitantes, o Paraná é o quinto estado mais populoso com mais de 11.400.000 pessoas. Curitiba continua sendo a cidade mais populosa do estado, e a oitava do país, com 1.933.105 habitantes e crescimento populacional anual da capital de mais de 15 mil pessoas.

A Santa Casa de Curitiba é o futuro neste presente, prestando serviços médicos de vanguarda para milhares de pacientes anualmente, mantendo seu imponente edifício preservado e, agora, destinado às novas utilidades sociais. Apesar de toda esta dinâmica demográfica e da revolução tecnológica dos últimos 100 anos, o Espaço Cultural da Santa Casa de Curitiba é fruto da perseverante missão cristã de prestar o atendimento hospitalar, de saúde e assistência social, além de qualificar culturalmente a coletividade que lhe cerca enquanto mantém a visão no horizonte e os pés bem firmes no solo que conquistou.

O Museu da História da Medicina do Paraná, em parceria com a Associação Médica do Paraná, é o coroamento desta ação de preservação de memória de uma sociedade recente, mas afluente, é sobre a vida de todos nós. As iluminadas palavras do Santo Padre, o Papa Francisco, nos inspira:

> *"A cura, entre outras coisas, não passa apenas pelo corpo, mas também pelo espírito, pela capacidade de reencontrar confiança e de reagir; por isso o doente não deve ser tratado como uma máquina, e o plano de saúde público ou particular não deve considerá-lo parte de uma cadeia de montagem[1]".*

Esta é a missão da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e de todos nós que trabalhamos pelo seu crescimento e humanização!

Bendito seja.

Monsenhor
Mário Sérgio Bittencourt de Carvalho
Provedor da Irmandadade
da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba

Vitral na Santa Casa de Curitiba



1 (https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francisco-agentes-saude.html, último acesso em 15 de novembro de 2019).

PREFÁCIO

Poucos lugares na cidade de Curitiba são tão propícios quanto a Santa Casa de Misericórdia para a recordação da história da Medicina no Paraná.

A memória deste singular Hospital de Caridade de Curitiba nos obriga a recordar não só o doutor José Cândido de Andrade Murici, benemérito médico fundador, bem como o provedor Doutor André de Barros e o primeiro Reitor da Universidade Federal do Paraná, Doutor Victor Ferreira do Amaral. Digna também de recordação, minha prima muito admirada, a primeira mulher médica deste Estado e uma das pioneiras, Doutora Maria Falce de Macedo, formada em 1919. Já em 1925 ensinou no recinto deste Hospital a partir do momento em que aceitou a regência da disciplina de Química Orgânica e Biologia Médica dos cursos de Medicina e Farmácia da pioneira Universidade do Paraná onde em 1929 se tornaria a primeira mulher catedrática.

Memória também do mestre cirurgião e médico humanitário, Doutor Mário Braga de Abreu, por vários decênios a alma clínica do Hospital. Lembrança ainda dos dois irmãos Monastier – o médico pediatra Waldemar e o dentista Arcésio. Eterna lembrança de outro pediatra e cientista insigne, o grande Doutor César Pernetta, inventor do soro caseiro e inspirador do dispensário infantil que daria origem, também com a colaboração do Doutor Raul Carneiro, ao atual Hospital Pequeno Príncipe, centenário em 2019.

Nas vestutas paredes da Santa Casa, sob o olhar da Mãe da Misericórdia, as horas pontuadas pelo tanger do sino da caridade, ali também clinicaram o Doutor Bernardo Pericás Moyá, avô da minha Margarita, o cardiologista Ari de Christan, o poeta e memorialista Lauro Grein e o nosso querido clínico geral Divonei Vianna de Oliveira. Também notável a contribuição clínica, cientifica e pedagógica dos Doutores Lysandro Santos Lima, Giocondo Villanova Artigas e Felix do Rego Almeida.

Sementeira de clínicos, embrião da Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica, a Santa Casa também abrigou no início de suas carreiras, o Doutor Hélio Brandão, que fundaria o Clube das Vítimas de Soda Cáustica de Curitiba; o neurocirurgião Marlus Moro; os obstetras Gastão Romanó, Orlando Greca e Cícero Tissot, fundadores do Hospital Nossa Senhora do Rosário; e o grande clínico, Doutor Daniel Egg, fundador do Hospital Evangélico e também da Faculdade Evangélica de Medicina.

Nesta Santa Casa também brilhou o ensinamento da médica católica, Doutora Zilda Arns, com o cardeal Geraldo Magela Agnello, criadora da Pastoral da Criança, de fama nacional e mundial. Impossível esquecer a eficiente presença de Mère Leonie e suas irmãs enfermeiras de São José de Chambéry, que cumpriram sua clausura à cabeceira dos doentes, tendo por claustro as enfermarias do Hospital.

O Hospital de Caridade de Curitiba foi inaugurado pelo Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon e Bragança, na manhã de 22 de maio de 1880, diante de uma multidão de dois mil curitibanos, animados pelas bandas da Polícia Militar e do maestro Schleder. O cortejo liderado pelo provedor Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque e seus Irmãos da Misericórdia, foi acrescido de cavaleiros imigrantes ajaezados com as cores e as bandeiras de seus países de origem.

Certamente o Imperador Dom Pedro II contemplou naquele dia o moderno elevador de tração mecânica que já em 1880 permitia alçar as macas desde o térreo até o pavimento superior sem transtorno para os doentes. O boticário Augusto Stellfeld revelou ao público presente os instrumentos de precisão importados da Alemanha, os vasos de cerâmica portuguesa Santo Antônio do Porto e as opalinas francesas da bem montada farmácia.

Precede o livro, a narrativa monumental para memória urbana de Curitiba, Patrimônio Cultural do Paraná, do Brasil e da Humanidade, de toda história acumulada neste esplêndido prédio histórico, onde este livro é oportunamente editado.

Guardem os que vão nascer, assim como nós o fazemos, perpétua memória destes médicos humanistas que foram grandes e foram nossos.

Rafael Greca de Macedo
Prefeito de Curitiba



Curitiba em 1883.

Vitrais do hall da escadaria do prédio da Hospital da Santa Casa de Curitiba, de autoria de Poty Lazarotto.

PRÓLOGO

A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia publica um livro que conta toda a história da Santa Casa de Curitiba com mensagens muito instrutivas e histórias aos novos médicos, enfermeiros e profissionais da saúde e a todos que se interessam em construir o futuro da Medicina no Paraná. Confesso-me muito grato ao eminente Arcebispo Emérito de Diamantina em Minas Gerais, Dom João Bosco Oliver de Faria[1], Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, pedindo-me este Prefácio.

A Santa Casa tem sua origem na Bíblia, de modo particular nos Evangelhos, onde Cristo Deus, Filho do Pai Eterno, se compadece dos enfermos. O Evangelho mostra-nos Jesus curando os doentes: leprosos, coxos, cegos, aleijados e mudos (Mt. 15, 29-31). Cristo envia seus Apóstolos com a ordem de ensinar a todas as criaturas o que vos ordenei (Mt. 28, 19-20) e (Mc. 16,15) e de curar os enfermos (Mt. 8,10), (Mc 16,18) e (Lv. 10,09).

Esta ordem não se restringe só aos Apóstolos e seus sucessores, o Papa e os Bispos, mas também aos sacerdotes e leigos. A cura dos enfermos acontece com a oração da fé, como Jesus e os Apóstolos e tantos milagres no mundo, mas também e de modo especial pela medicina através dos hospitais e médicos.

Origem das Santas Casas

As Santas Casas tiveram sua origem em Portugal. Foi Dona Leonor Lancaster, com o apoio do Rei Dom Manuel, o Venturoso, que fundou a primeira Santa Casa, inaugurada, a 15 de agosto de 1495, em Lisboa, na festa da Assunção de Maria.

Santas Casas nas Colônias Portuguesas

Nas colônias portuguesas também foram fundadas Santas Casas. A primeira Santa Casa do Brasil foi criada por Brás Cubas no Porto de Santos, em 1543, e a segunda no Rio de Janeiro, pelo Padre José de Anchieta, a 24 de março de 1582.

[1] Dom Bosco João Bosco Oliver de Faria era o Provedor da Santa Casa de Curitiba na ocasião da produção deste texto.

No Paraná, a 05 de outubro de 1835, uma Assembleia Geral Extraordinária de Paranaguá, composta de 26 membros, integrada pelo pároco da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, de 1834 a 1841, Padre João Crisóstomo de Oliveira Salgado Bueno, fundou a Santa Casa de Paranaguá.

Curitiba, desde 1648, era habitada por Eliodoro Ébano Pereira, Balthazar Carrasco dos Reis e Mateus Martins Leme. Em 1668, o Capitão-mor Gabriel de Lara de Paranaguá erigiu o Pelourinho de Curitiba, com 19 moradores e nomeou Mateus Martins Leme seu supervisor, permanecendo até 29 de março de 1693, quando foi criada a Vila Cidade de Curitiba, jurando os Vereadores seus compromissos na matriz de Curitiba, Nossa Senhora da Luz, criada paróquia em 1668. Em Curitiba não havia nenhum hospital. Os que tinham mais recursos iam à Santa Casa de Paranaguá, com muitas dificuldades por caminhos intransitáveis.

Origem da Santa Casa em Curitiba e o Pe. Antônio Teixeira Camello

Somente pelo ano de 1840, um grupo de idealistas são os pioneiros da Santa Casa, fundando a Fraternidade Curitibana. Devemos conhecer que historicamente foi o padre Antônio Teixeira Camello pároco da matriz de Nossa Senhora da Luz de Curitiba, 1833 a 1847 que com sua influência, aceitação, visão e formação religiosa, apresentou as diretrizes da fundação da Irmandade da Santa Casa, fundamentada nas verdades do Evangelho ensinadas por Cristo, a serem observadas pelos batizados católicos e os Dez Mandamentos da Lei de Deus, de acordo com a ética moral e atendimento aos doentes com carinho, caridade, sem exceção de pessoas e de acordo com a dignidade humana.

Estas orientações sempre foram observadas na Santa Casa por médicos, enfermeiros e funcionários até hoje. O Pe. Camello faleceu em 1847, antes da Fundação da Irmandade da Santa Casa. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, embora tenha sua origem na Fraternidade Curitibana, com a iniciativa de um grupo de idealistas, desde 1840, continuando anos depois, foi definitivamente instituída em 09 de junho de 1852.

A Irmandade começou a funcionar em 19 de dezembro de 1853

A Loja Maçônica, denominada Candura Curitibana, em 1855, doou o templo situado à Rua Direita, hoje Treze de Maio, onde foi instalado o primeiro hospital, até a inauguração do atual prédio, a 22 de maio de 1888.

Não é possível lembrar neste prefácio os nomes de todos os médicos, enfermeiros, funcionários que atuaram nesta Santa Casa. Quero expressar a melhor gratidão a todos. Mas, quero mencionar o Dr. José Cândido da Silva Murici. Dr. Murici nasceu, a 31 de dezembro de 1827, em Salvador, Província (Estado) da Bahia. Formou-se médico na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1852.

Em 1853, foi criado o Estado do Paraná, sendo seu primeiro Presidente (Governador) o baiano Dr. Zacarias de Góes e Vasconcelos. Certamente indicou e chamou este médico. Foi o primeiro e único médico quando começou a funcionar o Hospital da Irmandade da Santa Casa em 1855, sendo também seu Provedor de 1866 até sua morte em 1879.

Inauguração da atual Santa Casa

A edificação da atual da Santa Casa começou a 08 de março de 1868, na Praça da República, hoje Praça Rui Barbosa. Dr. Murici foi a alma e o coração na construção do atual edifício da Santa Casa, supervisionando diretamente toda a obra. Não conseguiu usufruir os benefícios de toda a sua dedicação, porque, aos 52 anos faleceu em Curitiba, a 20 de março de 1879.

Inauguração da nova Santa Casa

Na inauguração, esteve presente o Imperador do Brasil Dom Pedro II com sua Excelentíssima esposa a Imperatriz Dona Thereza Cristina, a 22 de maio de 1880.

A missa solene foi rezada pelo Vigário Geral Forense, Pe. Júlio Ribeiro de Campos. A razão da visita do Imperador a Curitiba foi a inauguração dos trabalhos da artística Estrada de Ferro de Curitiba a Paranaguá, pelo engenheiro baiano Dr. Antônio Rebouças que deu o nome à Colônia Antônio Rebouças, em Campo Largo, minha terra natal. O prédio foi construído fora do perímetro urbano na época, causando estranheza ao povo. Dom Pedro II fez o seguinte comentário: "O hospital é muito bom, pena que esteja tão longe da cidade".

Dom José de Camargo Barros

Neste prefácio, não posso omitir o nome do primeiro Bispo de Curitiba (1894 a 1904), Dom José de Camargo Barros. Era realmente o Bispo que a Diocese de Curitiba precisava.

Foi um pastor de ampla visão, abrangendo todos os níveis de pastoral. Deu um destaque especial ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Conhecia muito bem o trabalho das Irmãs de São José de Chambéry de Itu e de outras cidades de São Paulo, destacando-se no atendimento aos doentes nos Hospitais.

Não conseguindo as Irmãs brasileiras de São José de Chambéry, recorreu à superiora Geral na França. Ela enviou seis Irmãs acompanhadas de dois sacerdotes. Dom José as esperou, em vão, no porto de Paranaguá por dois dias. Voltou a Curitiba. Quando chegaram a cidade, mostrando todo o carinho e ajuda em tudo, ele foi recebê-las na estação de trem.

As Irmãs de São José de Chambéry

Chegaram a Curitiba, a 29 de julho de 1896. As Irmãs encontraram a Santa Casa necessitando de tudo. Somente o amor de Deus e os doentes as fizeram vencer todas as dificuldades possíveis e imagináveis. É só ler os relatórios da Santa Casa daquele tempo para compreender o que realizaram estas primeiras irmãs, na limpeza, faltando camas, roupas brancas, alimentação, remédios.

Depois as seguintes continuaram com a mesma fé, caridade, confortadas por Deus e pela dedicação aos doentes. Por isto, toda a gratidão é pouca para dizer o que fizeram as Irmãs de São José de Chambéry, no começo e depois também.

Dom José Alberto Gonçalves

Dom José Alberto Gonçalves é o primeiro Bispo paranaense e primeiro Bispo da Diocese de Ribeirão, São Paulo, nomeado, a 06 de dezembro de 1908. Quando chegaram a Curitiba as Irmãs de São José de Chambéry, era então pároco da paróquia da Catedral de Curitiba.

Foi um dos maiores colaboradores do primeiro Bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Barros. Deu total apoio às Irmãs na Santa Casa. Fundou para os doentes mentais o Hospital Psiquiátrico de Curitiba, Nossa Senhora da Luz, inaugurado a 25 de março de 1903, confiando o às Irmãs de São José de Chambéry.

Irmãos Maristas

A 23 de dezembro de 1999, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná assumiu o compromisso da Administração da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e do Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz, sendo nomeado seu 1° Provedor o Professor Doutor Irmão Ivo Clemente Juliatto, Reitor da PUC. Por isso, por todas as atividades desenvolvidas pelos Irmãos Maristas da PUC, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e do Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz devem muita gratidão aos Irmãos Maristas.

Minha gratidão

Neste prefácio, quero demonstrar meu melhor reconhecimento à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia pelo atendimento carinhoso a meu pai Jacob Fedalto, de 22 a 26 de agosto de 1972. Meu sincero agradecimento ao Dr. Manoel Cavalcanti, que operou meu pai e a todos os que o atenderam até o dia 26, quando veio a falecer, às 05 horas da manhã, depois de uma vigília à inteira por seus filhos.

A segunda gratidão é pessoal, porque do dia 16 a 25 de fevereiro de 1987, fiquei internado na Santa Casa de Misericórdia onde fui operado, no dia 18, pelo Dr. João Átila Rocha, devendo a ele profundo reconhecimento e a todos.

Agradecimento a todos

Ainda neste prefácio, elevo a Deus os melhores hinos de ação de graças aos Provedores, Médicos, enfermeiros e funcionários com a mais profunda gratidão por toda a sua dedicação, carinho e atendimento a milhares de doentes. Minha última palavra de profundo reconhecimento neste prefácio ao atual Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e a toda sua equipe de direção e serviços.

Que o Senhor Deus, por intercessão de Nossa Senhora da Luz, sempre o ilumine e o fortaleça com todo o carinho aos doentes, por intermédio de seus médicos, enfermeiros e funcionários.

Curitiba, 12 de outubro de 2018.

Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto
Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Curitiba

CARTA AO LEITOR

Uma longa jornada institucional separa a origem da atuação caridosa das Santas Casas de Misericórdia na Lisboa renascentista, com o presente ainda plenamente atuante destas organizações de assistência em nossas cidades contemporâneas, como agentes indispensáveis aos sistemas de saúde e assistência social.

Louva-se a iniciativa neste livro, que é parte de um conjunto de mídias constituídas para apresentar a nova vertente da Santa Casa de Curitiba, sua atuação como espaço cultural, que promove e guarda a memória das sociedades e épocas em que tem atuado.

A proposta de implantação do Museu da História da Medicina do Paraná, através da exposição homônima, bem como através desta obra, revela a vasta produção bibliográfica que já existe acerca da trajetória da Santa Casa de Curitiba e suas congêneres. Apresenta, também, aspectos do cotidiano daqueles que tem entregado seu trabalho ao mister da medicina e saúde pública.

Esta obra é dividida em três partes que permitem a observação do fenômeno cultural que surge das relações das Santas Casas com as comunidades em que se inserem. Notadamente nesta Curitiba, que se pretende também um ambiente para o desenvolvimento cultural, por meio do magnífico prédio histórico restaurado e sua destinação para guardar e expor o belíssimo acervo de objetos agenciados pela Associação Médica do Paraná, através da heroica coleta e seleção levada a cabo nos últimos cinquenta anos pelo notável médico Ehrenfried Othmar Wittig.

A primeira seção é formada por um conjunto de crônicas históricas, escritas pelo não menos notável médico Carlos Alberto Ravazanni. Pesquisador incansável, associado do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, fotógrafo brilhante e um privilegiado participante da vida real na Santa Casa de Curitiba, conhecendo-a por dentro, em corpo e espírito, legando-nos textos de um ator participante.

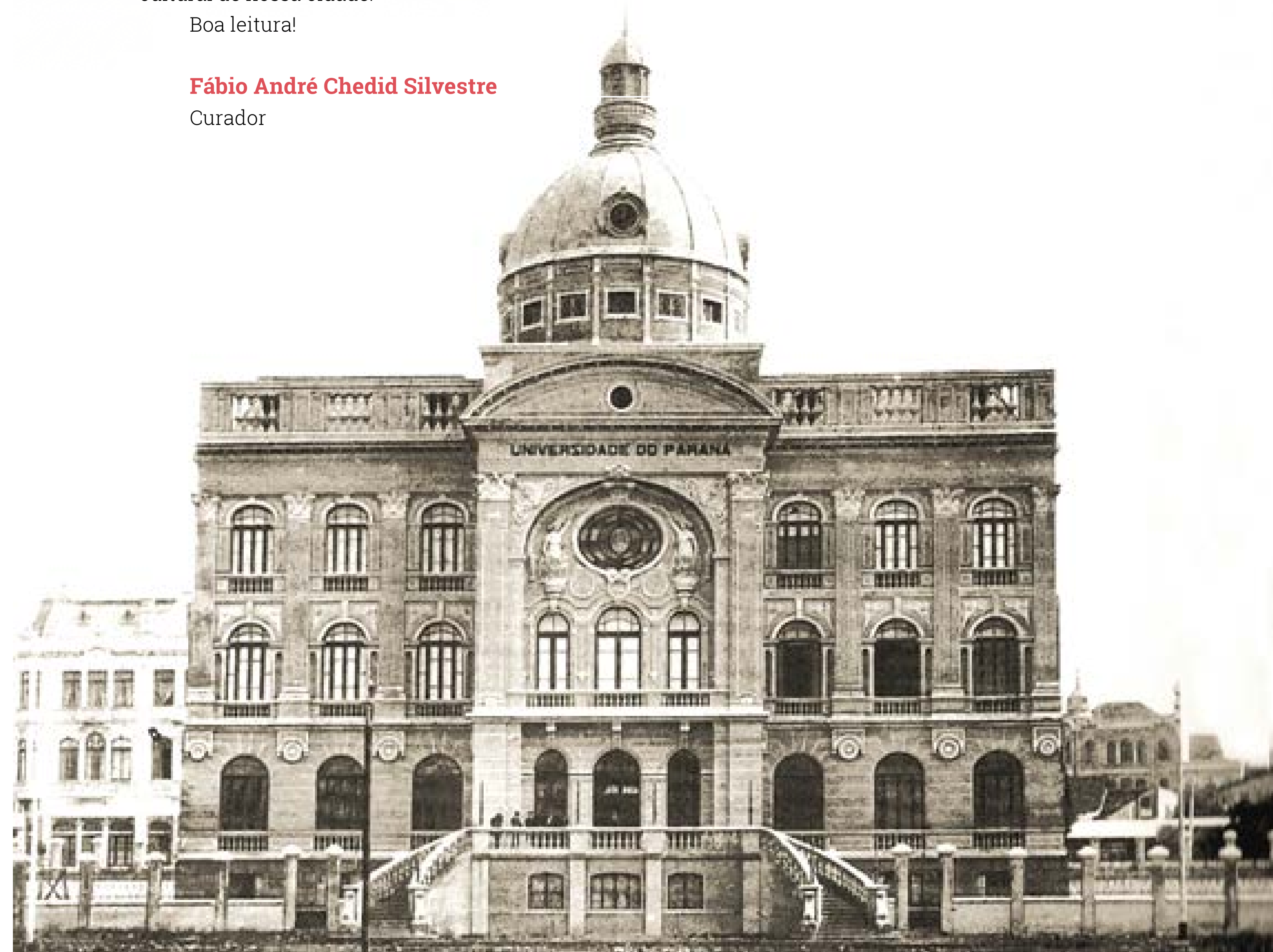
A segunda seção é uma descrição das estratégias de ação para conversão funcional da unidade hospitalar em um espaço cultural, não menos profissional e sempre aberto à comunidade, como sói acontecer nas Misericórdias. Por meio da perspectiva da curadoria do projeto a proposição de atividade cultural lógica e sequencial que leva ao uso racional e gradativo do lugar, transferindo-lhe as forças através de uma exposição que é antecedente à implantação do Museu da História da Medicina no Paraná.

A terceira seção é palavra firme do provedor que, sempre cioso de sua função social hospitalar, nos apresenta a atualidade da prestação médica, com seu corolário de tecnologia contemporânea, sempre acompanhada da sensibilidade misericordiosa que a medicina carrega desde seu juramento até a ação sobre o paciente, coroando-se com uma visão de futuro.

O conteúdo deste livro foi pensado em diálogo multimídia conferindo suporte necessário à visão de conjunto, sem descuidar da oportunidade de visitação presencial à sempiterna Santa Casa de Curitiba, presente desde sempre no imaginário de nosso estado e marcante como nunca na paisagem cultural de nossa cidade.

Boa leitura!

Fábio André Chedid Silvestre
Curador



Primeira fachada da Universidade do Paraná, foto de 1916.

A HISTÓRIA



Hospital da Santa Casa de Curitiba no início do século XX.

HISTÓRIAS DA SANTA CASA

A RAINHA LEONOR E AS MISERICÓRDIAS

A rainha D. Leonor (*1458 †1525) teve a ideia de fundar uma organização - reunindo pessoas de boa vontade (da nobreza, do clero ou do povo) - encarregadas de prestar assistência a quem precisava, nomeadamente aos mais pobres e desgraçados. Naquele tempo eram as ordens religiosas que, por iniciativa própria, tratavam doentes, visitavam famílias pobres, visitavam presos, procurando assim aliviar o sofrimento de quem mais precisava de ajuda.

Em 1498, sendo já viúva, ficou regente do Reino quando o seu irmão, D. Manuel I, se ausentou para Espanha durante algum tempo. Uma das medidas que tomou como regente foi fundar as Misericórdias de Lisboa. Não se sabe muito acerca da cerimônia de fundação, mas sabe-se que decorreu no claustro da Sé de Lisboa, na capela da Nossa Senhora da Piedade da Terra Solta.

Ao conjunto das regras definidas para o funcionamento desta associação chamou-se Compromisso, porque as pessoas que aderiram se comprometiam a segui-las. Essas regras inspiravam-se, afinal, em princípios fundamentais do cristianismo: amor ao próximo e entreajuda. Segundo a Igreja, os cristãos têm obrigação de cumprir sete obras de misericórdia corporais e sete obras de misericórdia espirituais.

A sede da Misericórdia de Lisboa começou por funcionar na Sé. Depois começou a construir-se, na zona do Terreiro do Paço, um edifício próprio que incluía igreja, hospital e albergarias. Este edifício demorou bastante a ficar pronto, mas funcionou até ser destruído pelo terremoto de 1755. Em 1768, a sede da Misericórdia de Lisboa mudou para a Igreja de S. Roque e edifícios anexos, onde ainda hoje se encontra. O largo da Igreja passou a chamar-se Largo da Misericórdia.

Esta iniciativa, que começou em Lisboa, espalhou-se rapidamente por todo o país, incluindo as ilhas atlânticas e as terras dos vários continentes onde se instalaram portugueses: norte de África, costa ocidental e oriental de África, Brasil, Índia, Macau, Japão e outros.







Obras da Misericórdia Corporais

1. Dar de comer a quem tem fome
2. Dar de beber a quem tem sede
3. Vestir os nus
4. Dar pousada aos peregrinos
5. Assistir aos enfermos
6. Visitar os presos
7. Enterrar os mortos

Obras da Misericórdia Espirituais

1. Dar bom conselho
2. Ensinar os ignorantes
3. Corrigir os que erram
4. Consolar os tristes
5. Perdoar as injúrias
6. Sofrer com paciências as fraquezas do próximo
7. Rezar a Deus pelos vivos e defuntos

Selo e postal em alusão ao aniversário de 500 anos de nascimento da Rainha D. Leonor de Portugal..

O que cabia às Misericórdias?

Cada Misericórdia devia contar com cem voluntários - os irmãos - que tinham de ser pessoas honestas e dispostas a realizar todo o tipo de serviços. Entre esses cem, escolhiam-se doze oficiais para organizarem as diferentes atividades. Como se reuniam à volta de uma mesa, eram "os mesários".

O chefe máximo era o Provedor, geralmente um nobre de autoridade, virtuoso, de boa fama, humilde e paciente. Havia ainda dois mordomos: um para organizar festas, outro para recolher esmolas e ofertas.

Os mordomos eram eleitos só por um mês. Cada Misericórdia contava também com um padre capelão - para dizer a missa cantada e fazer sermões às quartas-feiras e dias santos - e dois padres para darem apoio aos presos e acompanharem os enterros dos pobres e dos condenados. Nos enterros, os irmãos que comparecessem deviam rezar, pela alma do morto, 14 vezes o Pai Nosso e 14 vezes a Ave-Maria, em lembrança das 14 obras da Misericórdia.

As atividades das Misericórdias

- Recolher esmolas e dá-las aos pobres, sem esquecer os chamados "pobres envergonhados";
- Recolher e educar as crianças órfãs;
- Organizar albergarias para as pessoas sem casa e para os peregrinos;
- Organizar hospitais para todos os doentes, sobretudo os pobres;
- Visitar duas vezes por semana os presos e os condenados à morte e levar-lhes comida;
- Acompanhar os condenados à morte até ao fim;
- Enterrar cristãmente os condenados à morte e pobres sem família.

Conforme se pode verificar, as Misericórdias procuravam não esquecer nenhum tipo de desgraça. Até os criminosos podiam contar com apoio. As Misericórdias tinham que organizar duas procissões por ano: na Quinta-Feira Santa e no dia 1 de novembro, dia de Todos-os-Santos. Na procissão de Quinta-Feira Santa integravam-se pessoas que queriam arrepender-se dos seus pecados. Algumas optavam por vestir túnicas até aos pés e tapar o rosto de modo a não serem reconhecidas. E como nessa época se acreditava que a dor física era um castigo necessário e conveniente para obter o perdão de Deus, alguns caminhavam descalços, outros de joelhos, ou por vezes chicoteavam o corpo com tiras de cana ou bolas de metal enquanto iam atrás dos andores.

Esta procissão fazia-se em várias terras, tinha percursos fixos e era longa e demorada. A procissão do dia de Todos-os-Santos era uma cerimônia realizada com a intenção de rezar pelas almas dos mortos.



Imperial Ordem da Rosa.

D. Leonor de Portugal, quadro em acervo da Santa Casa de Curitiba.

Se nessa ocasião houvesse corpos no campo da forca, a procissão devia terminar recolhendo-os e enterrando-os cristãmente. No dia 02 de julho, em que se festeja a visitação da Nossa Senhora, os cem irmãos da Misericórdia reuniam-se solenemente para eleger os doze "mesários" .

O Símbolo

Para esta organização de ajuda, escolheu-se como símbolo a figura da Nossa Senhora acolhendo a todos debaixo do seu manto, que aparece seguro pelos anjos. Há muitas pinturas, esculturas, gravuras e painéis de azulejo que representam Nossa Senhora da Misericórdia. Para tornar claro que Nossa Senhora protege a todos, debaixo do manto encontram-se um papa, um cardeal, um bispo, frades e freiras. Aparece também um imperador, um rei, uma rainha, nobres, homens e mulheres do povo. Em muitos casos inclui uma prisão que encerra um preso.

A Bandeira

Cada Misericórdia tinha a sua bandeira. Numa face, pintava-se ou bordava-se o símbolo - Nossa Senhora da Misericórdia. Na outra, Nossa Senhora da Piedade - a Virgem recolhendo nos braços seu Filho morto na cruz.

O Amor à Arte

A rainha D. Leonor, além do amor ao próximo, revelou um imenso amor à arte, pelo que se pode concluir que era uma mulher culta e inteligente. Mandou construir belos edifícios, tendo o cuidado de escolher bons arquitetos e bons escultores do seu tempo.



Bandeira da Irmandade de Misericórdia de Lisboa.

Entre esses edifícios, contava-se o Hospital das Caldas da Rainha e a Igreja da Nossa Senhora do Pópulo. Mandou ainda construir o Convento da Madre de Deus, em Lisboa (hoje Museu do Azulejo); o Convento da Anunciada, também em Lisboa; a Igreja da Nossa Senhora da Merceana, em Alenquer, e a Gafaria (hospital para leprosos) do Espírito Santo, em Sintra.

Além de construções de raiz, mandou fazer obras nas Capelas Imperfeitas do Mosteiro da Batalha e no Mosteiro de Jesus, em Setúbal. Encomendou pinturas aos maiores artistas do seu tempo, portugueses e estrangeiros, como o Mestre da Lourinhã, Jorge Afonso, Cristóvão de Figueiredo, Garcia Fernandes, mestre Gil, Manuel Vicente, Quentim Metsys. Muito contribuiu desta forma para enriquecer o patrimônio nacional. Os painéis de Santa Auta foram encomendados para o Convento da Madre de Deus em Lisboa. Atualmente encontram-se no Museu Nacional de Arte Antiga. Além das pinturas e dos painéis de azulejo, procurou também ourives famosos, como o Mestre João e Gil Vicente, para lhes encomendar obras de arte destinadas a igrejas e conventos.

D. Leonor e Gil Vicente

Em junho de 1502, Gil Vicente apresentou-se no Palácio Real para festejar de uma forma originalíssima o nascimento do filho de D. Manuel I: onde recitou versos de sua autoria vestido de vaqueiro. Esta primeira espécie de peça de teatro encantou a corte. D. Leonor, que assistiu e muito apreciou o talento do grande escritor, encomendou-lhe muitas outras peças.

O Auto de S. Martinho, que foi representado na Igreja da Nossa Senhora do Pópulo, nas Caldas da Rainha, em 1504; o Auto da Fama, representado no Paço de Santos-o-Velho, em Lisboa, em 1515; o Auto da Alma, representado no Paço da Ribeira, em Lisboa, em abril de 1518 e o Auto da Barca do Purgatório, representado no Natal de 1518 no Hospital de Todos-os-Santos, em Lisboa. A rainha D. Leonor, incentivando e apoiando Gil Vicente, muito contribuiu para o nascimento do teatro português.

D. Leonor e os Livros

A rainha possuía uma biblioteca preciosa de que faziam parte, sobretudo, livros manuscritos, porque a imprensa tinha sido inventada há muito pouco tempo. No entanto, adquiriu livros impressos no estrangeiro e logo que surgiu oportunidade mandou imprimir livros em Portugal. Em 1495, Valentim Fernandes imprimiu por encomenda de D. Leonor, quatro volumes sobre a vida de Cristo. Este mesmo Valentim Fernandes, em parceria com Hermão de Campos, fez a primeira edição do Compromisso da Misericórdia, em 1516.



A SANTA CASA DE LISBOA



Nos grandes centros urbanos, como Lisboa, o desenvolvimento da expansão marítima, da atividade portuária e comercial favorecia o afluxo de gente na vã procura de trabalho ou de enriquecimento. As condições de vida degradavam-se e as ruas transformavam-se em antros de promiscuidade e doença, por onde passava toda a sorte de desgraçados, pedintes e enjeitados. Os naufrágios e as batalhas também originavam grande número de viúvas e órfãos e a situação dos encarcerados nas prisões do Reino era aflitiva.

D. Leonor, rainha viúva de D. João II, instituiu uma Irmandade de invocação à Nossa Senhora da Misericórdia, na Sé de Lisboa (Capela de Nossa Senhora da Piedade ou da Terra Solta), onde passou a ter a sua sede. Assim, no ano em que os navegadores portugueses atingiam a Índia, ao fim de quase um século de navegações oceânicas, surgia uma nova confraria orientada por princípios estabelecidos no Compromisso (estatuto ou regulamento) da Misericórdia.

O Compromisso originário da Misericórdia de Lisboa (provavelmente perdido com o terremoto de 1755), foi aprovado pelo Rei D. Manuel I e depois confirmado pelo Papa Alexandre VI. Deste documento foram tiradas diversas cópias e fez-se uma edição impressa (1516), que veio permitir a divulgação mais rápida do texto e, desta forma, facilitar a criação de outras Misericórdias por todo o Reino e nos territórios de além-mar.

A Irmandade, constituída primitivamente por cem irmãos, atuava junto dos pobres, presos, doentes, e apoiava os chamados "envergonhados" (pessoas decaídas na pobreza, por desgraça). A todos os necessitados socorria dando pousada, roupas, alimentos, medicamentos ou mezinhas. Mas a Irmandade também promovia uma importante intervenção ao nível religioso, presente nas orações e na celebração de missas e procissões, nas cerimônias dos enterros, no acompanhamento de condenados à morte ou na promoção da penitência. Desta forma, os Irmãos anunciavam o Evangelho com palavras, mas também com obras concretas, testemunhadas através de atitudes cristãs.

A Misericórdia adotou como símbolo identificador a imagem da Virgem com o manto aberto, protegendo os poderes terrenos (reis, rainhas, príncipes, etc.) e os poderes espirituais (papas, cardeais, bispos, clérigos ou membros de ordens religiosas); a proteção estendia-se também a todos os necessitados, representados por crianças, pobres, doentes, presos, etc. Este símbolo passou a ser impresso nos compromissos, desenhado em azulejos, esculpido em diversos edifícios e pintado em telas, designadamente nos pendões, bandeiras ou estandartes que cada Misericórdia possuía.

O rápido crescimento do prestígio da Misericórdia de Lisboa, trouxe-lhe um maior número de responsabilidades que se estenderam à administração do Hospital Real de Todos-os-Santos, dedicando-se então à proteção dos enjeitados. A sua ação entendeu-se também ao apoio às órfãs. As novas Irmandades também promoveram a divulgação e prática das 14 obras de misericórdia.

A eficaz ação da Misericórdia de Lisboa ficou a dever-se não apenas ao empenhamento e generosa participação dos membros da Irmandade, mas também ao forte apoio e proteção da Coroa. Assim se compreende a concessão de múltiplos privilégios, bem como a dotação de imponentes instalações, como a nova sede da Misericórdia de Lisboa, mandada edificar por D. Manuel I e concluída em 1534.

Cem anos após a sua fundação e pressionada por mudanças políticas, sociais e econômicas, decorrentes da perda da independência do Reino (1580), a Misericórdia de Lisboa sentiu a necessidade de reformar o Compromisso originário. Além disso, pretendia que a sua orgânica se adaptasse às novas realidades. Assim, em 1618, foi publicado um novo Compromisso.

O acréscimo de responsabilidades, originava maiores dificuldades financeiras. A criação dos expostos (crianças entregues para serem criadas pela Misericórdia) continuava a ser uma das principais preocupações da Misericórdia de Lisboa, mas a Câmara de Lisboa, que devia financiar esta ação, atrasava-se frequentemente nos pagamentos. A Coroa interveio a favor da Misericórdia de Lisboa, determinando que o município cumprisse as suas obrigações. Pouco depois, instituiu-se a "Meza dos Engeitados" ou dos "Santos Inocentes" (1657).

Durante o período de guerra com a Espanha (1640-1668), atribuíram-se privilégios às famílias das amas que criavam os expostos da Misericórdia. Para tal, isentaram-se da milícia os seus maridos, durante o tempo da criação. Posteriormente, este privilégio estendeu-se também aos filhos das amas. Os chamados "presos da Misericórdia" (detidos que eram sustentados pela Misericórdia) beneficiavam da vantagem de maior celeridade no despacho dos seus requerimentos e eram enviados para o degredo, "soltos" (desacorrentados) e sem deixarem fiança. Depois da Restauração, tais privilégios foram, de novo, confirmados.

Ao longo do século XVIII permaneceram insolúveis as duas grandes questões: o sustento dos expostos e o financiamento da Instituição. Na segunda metade desse século agravou-se, notoriamente, o processo de recepção e criação dos expostos, o que se explicava pelo crescimento do número de crianças enjeitadas e pela dificuldade de contratar amas residentes em Lisboa ou perto da capital. Deste modo, a mortalidade infantil aumentou e o governo do Marquês de Pombal levou a cabo a reforma do processo da criação, entrega e educação dos expostos, determinando novas regras. A regulamentação Pombalina aumentou a intervenção do Estado na vida da Irmandade e na própria administração da Misericórdia.

Novos subsídios foram concedidos para a criação dos Expostos. Esta política protetora da Misericórdia de Lisboa culminaria na doação, à Instituição, da Igreja e da Casa Professa de S. Roque (1768). Este edifício pertencera à Companhia de Jesus e, ainda hoje, alberga a sede da SCML. Aí, após o terremoto de 1755, foram instalados, convenientemente, os expostos e as órfãs do Recolhimento.

As dificuldades financeiras levariam a Mesa da Misericórdia e os Hospitais Reais de Enfermos e Expostos a solicitar à Rainha D. Maria I a mercê de lhe ser concedida permissão de instituir uma Loteria anual, "para acorrer com os lucros della às urgentes necessidades dos ditos dous Hospitaes" (Decreto de 18 de novembro de 1783). Parte dos lucros das loterias beneficiavam também outras instituições pias e científicas.

No início do século XIX, a situação econômica da Misericórdia de Lisboa continuava bastante precária. Apesar das medidas para prover a Misericórdia de Lisboa dos meios necessários à condução das suas inúmeras ações caritativas, a dívida passiva continuava a ser preocupante.

Os prédios urbanos que, antes do terremoto, contribuíam para a receita da Santa Casa, encontravam-se, em grande parte, arrasados ou danificados. Mesmo assim, a Misericórdia de Lisboa continuava a ser um modelo para todas as instituições de beneficência, já que o Príncipe Regente D. João (futuro D. João VI), veio ordenar (1806) que as misericórdias do reino passassem a regular-se pelo Compromisso da Misericórdia de Lisboa que, para o efeito, foi reeditado (1818) e amplamente divulgado.

Nessa época de grande instabilidade política, já marcada pela Revolução Francesa e pela Guerra Civil, assistiu-se ao lamentável declínio da Irmandade. Preocupado com a situação da Misericórdia de Lisboa (1834), o Duque de Bragança, regente em nome da rainha, procedeu então à nomeação de uma comissão administrativa, autorizada a executar as reformas julgadas mais urgentes, prescindindo dessa forma da participação ativa dos Irmãos da Confraria da Misericórdia de Lisboa.

Constatado o elevadíssimo índice de mortalidade infantil, a comissão tomou uma série de medidas para melhorar as condições na Casa dos Expostos. Quanto ao recolhimento das órfãs, foi transferido para o Convento de São Pedro de Alcântara, doado à Misericórdia por decreto de D. Pedro IV (1833). Também aqui se melhorou o método de ensino nas diferentes classes, estabelecendo-se aulas de escrita, de música e de outras matérias consideradas necessárias. Porém, apesar de todos os esforços da Comissão, as dificuldades financeiras não diminuíram.

Com o aumento do número de crianças entradas na Roda da Misericórdia de Lisboa (muitas das quais oriundas dos conselhos limítrofes), agravou-se consideravelmente a situação econômica da Santa Casa. A fim de reduzir as causas do abandono de crianças, foi determinado que, durante os três primeiros anos de vida, seria concedido um "salário ou esmola" que permitisse às mães sem recursos criarem os seus filhos (1853).

Com o agravamento da pobreza foi criado o Conselho Geral de Beneficência, com o objetivo essencial de extinguir a mendicidade. Reformado em 1851, coube-lhe a suprema direção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, dos Hospitais de S. José, de S. Lázaro e de Rilhafoles, da Casa Pia de Lisboa e de outros estabelecimentos.

Foi então determinado que a Misericórdia de Lisboa passasse a ser administrada por um Provedor de nomeação régia, dois Adjuntos eleitos pela Irmandade da Misericórdia (o que nunca veio a acontecer) e dois Adjuntos escolhidos pelo Governo.

Por meio do Decreto de 02 de dezembro de 1851, dissolveu-se a comissão administrativa da SCML, entrando-se no período da administração por mesas nomeadas exclusivamente pelo Governo e compostas por pessoas que não faziam parte da Irmandade. As fontes de financiamento da Misericórdia de Lisboa continuavam a ser constituídas, essencialmente, pelos lucros da loteria, pelo rendimento de prédios e títulos (aplicações financeiras) e ainda pela entrada de bens patrimoniais provenientes de heranças, legados e doações. Foram incrementadas, então, diversas medidas:



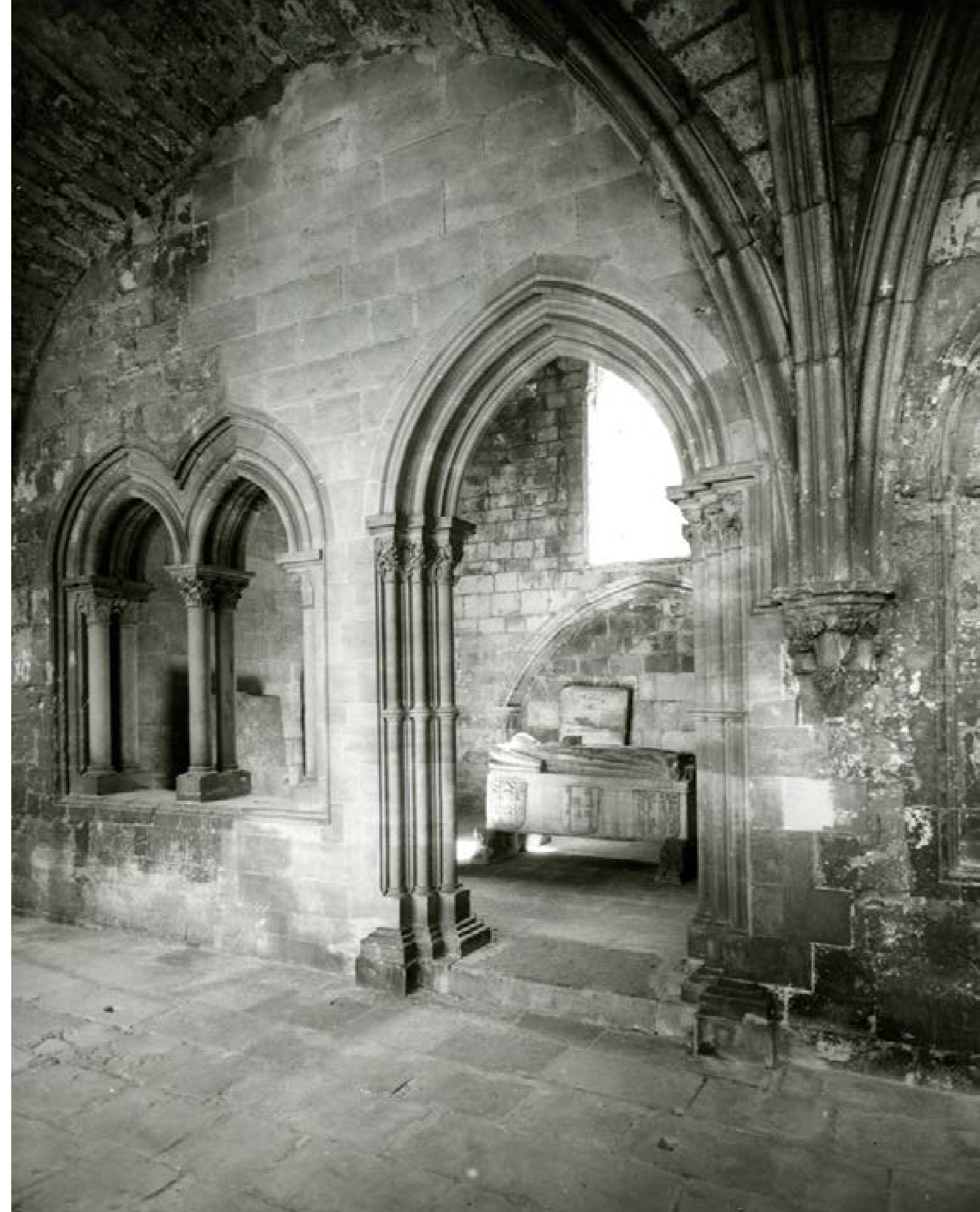
Igreja e Casa Professa de São Roque.

- o combate à prática de loterias extraordinárias que desviavam os lucros da Misericórdia de Lisboa;
- a luta contra a concorrência das loterias estrangeiras, sobretudo a espanhola;
- a atualização das rendas dos prédios urbanos e rurais;
- a multiplicação dos rendimentos das aplicações financeiras, pela sua orientação para investimentos mais favoráveis;
- a intervenção, junto aos poderes públicos, judiciais e notariais, no sentido de fazerem cumprir heranças e legados destinados à Misericórdia de Lisboa;
- o investimento na criação de novas fontes de rendimento (como foi o caso da construção dos Banhos Termais de S. Paulo);
- um maior rigor no controle das despesas e na fiscalização das obras;
- a prestação de contas ao Governo.

Em meados do século XIX, verificou-se uma grande quebra nos lucros gerados pela loteria. Simultaneamente, em virtude da aplicação das leis de desamortização, a Misericórdia de Lisboa viu-se obrigada a vender uma parte significativa dos bens imobiliários e a aplicar o produto da venda em títulos do tesouro. Estes fatores, conjugados com a questão dos expostos, conduziram a um agravamento da crise financeira, que só encontrou solução nas reformas levadas a cabo durante o mandato do Marquês de Rio Maior.

Os subsídios concedidos às mães grávidas mais necessitadas, iniciado em 1853, como forma de estimular a criação e desincentivar o abandono de crianças, tornara-se de difícil suporte, até porque este abono não evitava as exposições. A solução passava pela reorganização do serviço e, sobretudo, pela regulamentação da forma de admissão das crianças na Roda, impondo uma efetiva fiscalização. A aplicação das medidas previstas nas Instruções Regulamentares sobre o Serviço de Vigilância e Polícia da Roda (1870) conduziu à drástica redução do número de expostos e, consequentemente, a notável diminuição das despesas, o que possibilitou uma atuação mais diversificada por parte da Misericórdia de Lisboa. Além disso, foram estabelecidos novos subsídios, abrangendo todo o período de aleitamento da criança, e passaram a ser atribuídos prêmios às mães que, até ao primeiro ano, viessem requerer os seus filhos.

A Misericórdia manteve o serviço clínico externo, destinado às visitadas, que incluía o fornecimento de remédios e dietas. Alargou-se o apoio médico a um maior número de população carente e estabeleceram-se regulamentos do serviço clínico, repartindo-se a cidade e as freguesias limítrofes em diferentes áreas ou distritos onde os pobres passaram a dispor de um médico, de um cirurgião e de uma botica.



Primeira sede da Misericórdia de Lisboa.

Juntamente com as normas foi publicado o Formulário das Enfermarias da SCML, no qual se indicavam as quantidades, os produtos e a forma da sua preparação e administração aos doentes.

Pondo em prática as obras de misericórdia, foi determinado implementar uma assistência alimentar à população mais carente. Em dezembro de 1887, foi criada a Sopa da Caridade, mais tarde denominada Cozinha dos Pobres. Nesta decisão pesou a verba excessiva que era gasta com o tratamento de enfermos pobres, cujos problemas de saúde estavam, geralmente, relacionados com o seu tipo de alimentação.

No início do século XX, à Misericórdia de Lisboa foi incrementando o socorro assistencial, concretizado:

- nos cuidados prestados a crianças tuteladas e órfãs, orientados para a formação, ensino, higiene e saúde infantil;
- no aperfeiçoamento dos serviços clínicos e de visitação;
- no incremento da assistência alimentar;
- na atribuição de subsídios a diversas instituições públicas e particulares, algumas das quais, por dificuldades de subsistência, viriam a integrar-se na Misericórdia de Lisboa.

A República reestruturou a Assistência, através da Lei de 25 de maio de 1911. Este diploma criou a Direção-Geral de Assistência que englobava a Provedoria Central de Assistência de Lisboa, responsável pelos estabelecimentos de beneficência, incluindo os Hospitais Civis, a Casa Pia e a Misericórdia de Lisboa.

Entre 1926 e 1931 foram integradas na Misericórdia de Lisboa diversas instituições: em 1926, os balneários, os serviços dos postos de socorro noturno, os serviços de distribuição de subsídios e pensões (da Provedoria de Assistência de Lisboa) e o Instituto de Cegos Branco Rodrigues. Em 1927 os lactários infantis (da Câmara Municipal de Lisboa) e o Sanatório de Sant'Ana, na Parede. Em 1928, as Cozinhas Econômicas, e as Sopas dos Pobres, os Semi-Internatos (o Colégio Araújo, o da Travessa da Alameda e o da Rua Artilharia 1), o Pensionato da Rua da Rosa (instalado no Palácio Marquês de Minas), o Instituto Infantil da Parede e as Escolas Maternais do Alto de Pina e da Ajuda; Em 1931, as creches de Vítor Manuel e a de Nossa Senhora da Conceição (da Associação de Creches-Asilos de Lisboa).

Com o Estado Novo surgem reformas significativas, sendo que, um dos pontos centrais dizia respeito à criação dos novos centros sociais. O projeto para a Assistência na área da cidade de Lisboa considerava a Misericórdia de Lisboa como fonte instrumental e financiadora, fazendo congregar na Misericórdia diversas instituições de assistência e socorro social, tais como os novos Centro Sociais Polivalentes e a Comissão Executiva de Defesa da Família.

Em 1935, a Santa Casa inaugura, na sua sede, o importante Instituto Médico Central e, em 1943, o Hospital Infantil de S. Roque, com internamento em várias especialidades.

No campo dos jogos sociais, surgiu o Totobola (1961) que passou a ser organizado pelo Departamento de Apostas Mútuas Desportivas, da Misericórdia de Lisboa. As receitas líquidas eram repartidas, em partes iguais, pela assistência de reabilitação e pelo fomento da educação física e desporto, o que proporcionaria à Misericórdia a criação de um Centro de Medicina de Reabilitação, em Alcoitão (1966), destinado ao tratamento de acidentados e pessoa com deficiência.

Entre 1957 e 1963, introduziu-se na Misericórdia de Lisboa uma nova ideia de gestão e um maior dinamismo na solução dos problemas, traduzindo-se no desenvolvimento de acordos de cooperação com muitas instituições de apoio assistencial e no aparecimento de novos serviços como os de Medicina no Trabalho, um verdadeiro centro piloto onde estagiaram médicos e enfermeiros.

O interesse da Misericórdia de Lisboa pelas questões da saúde pública encontraria aplicação na assistência médico-social integrada, uma fórmula também característica dos anos 60 e que dava especial ênfase à Medicina Preventiva. Foi neste contexto que, em 1965, abriu o Centro de Saúde e Assistência Dr. José Domingos Barreiro, construído em terrenos doados à Misericórdia de Lisboa e que deveria atuar como modelo.

Após a Revolução de 25 de abril de 1974, iniciou-se outro período da história recente da SCML. A quebra de receitas provenientes dos jogos, agravada pela descolonização e o consequente encerramento das delegações ultramarinas, originou grandes dificuldades financeiras.

Após a criação do Serviço Nacional de Saúde, todos os hospitais centrais, distritais e conselhos passaram ao controle direto da Secretaria de Estado da Saúde. Embora inicialmente o Hospital de Sant'Ana e o Centro de Reabilitação de Alcoitão ficassem fora do alcance de tais decisões, os dois estabelecimentos passaram a depender da Direção Geral dos Hospitais, pela aplicação do Decreto-Lei n. 480/77, de 15 de novembro.



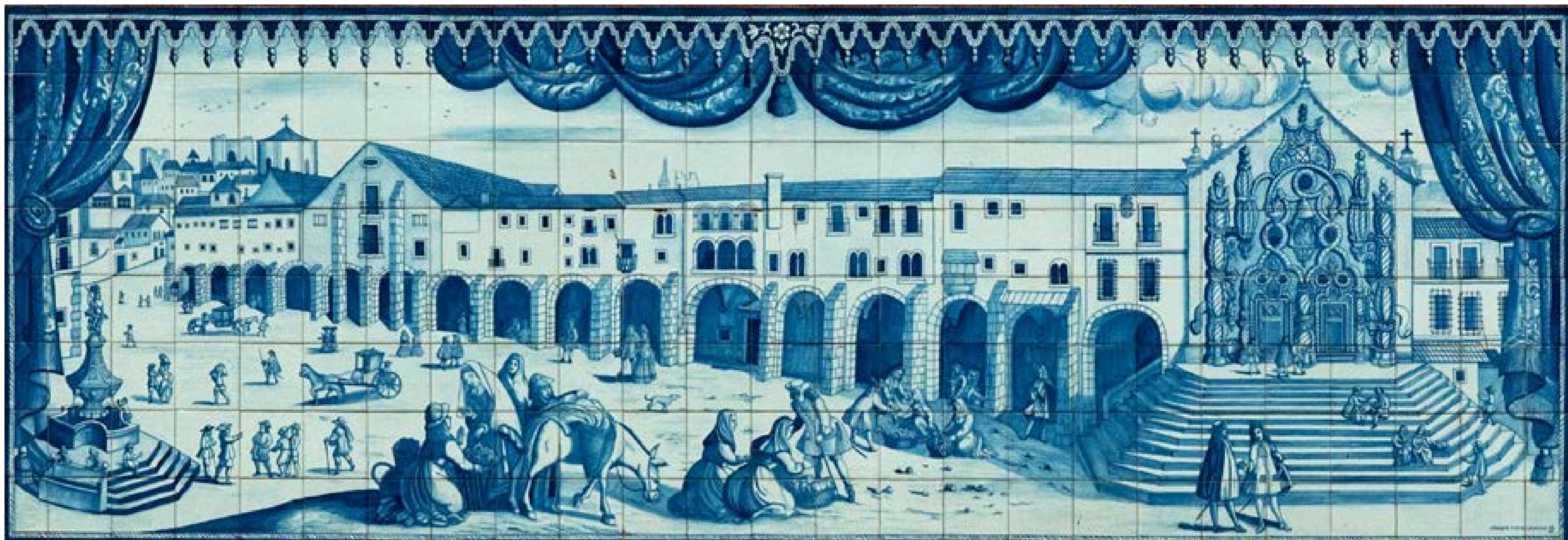
Frontispício da primeira edição impressa do Compromisso da Misericórdia de Lisboa (1516), mostrando Nossa Senhora da Misericórdia.

Em 1978, a Santa Casa valorizou os cuidados de saúde materno-infantis, introduzindo, o serviço de planeamento familiar. Com a passagem do período revolucionário e a consolidação do novo regime, muitas instituições de ação social encontraram dificuldades de sobrevivência pelo que, uma vez mais, o Estado optou pela sua integração na Misericórdia de Lisboa: Bairros Municipais (1975, 1976 e 1977); Casa de Abrigo de Campolide (1976); Creche e Jardim de Infância de Santo António (1978); Parques Infantis de S. Catarina, S. Pedro de Alcântara, Necessidades e Alcântara (1979); Colónia de Férias Infantil de São Julião da Ericeira, Obra Social do "Pousal", Internato de Menores do "Alvor", PRODAC (Associação de Produtividade na Auto-Construção), CASU (Centro de Ação Social Universitário), Orfanato-Escola Santa Isabel (depois designado Aldeia de Santa Isabel), Centro Social da Quinta do Ourives, Centro Social do Bairro das Casas Pré-Fabricadas e Jardim Infantil de Palma e Fonseca (1983).

Em 1982, o Hospital de Sant'ana regressaria à dependência direta da SCML. O Centro de Reabilitação de Alcoitão também foi reintegrado a Misericórdia de Lisboa (1991). Em 1994, a Escola Superior de Saúde de Alcoitão (ESSA), antiga Escola de Reabilitação de Alcoitão, seria reconhecida como estabelecimento de Ensino Superior Particular.

Visando-se a captação de maiores receitas para a implementação de outras ações, foram instituídos novos jogos sociais, o Totoloto, a Loteria Instantânea, o Joker e, mais recentemente, o Euromilhões. Durante os anos 80, iniciaram-se os trabalhos de reforma dos Estatutos da Misericórdia de Lisboa, que vieram a ser aprovados pelo Decreto-Lei nº 322/91, de 26 de agosto, o qual veio a ser alterado pelo Decreto-Lei nº 469/99, de 06 de novembro. No art. 2º dos Estatutos estabelece-se que a Instituição prossegue humanitária e benemerentemente para fins de ação social, de prestação de cuidados de saúde, de educação e cultura e de promoção da qualidade de vida, sobretudo em proveito dos mais desprotegidos, de acordo com a tradição cristã do seu compromisso originário e da sua secular atuação em prol da comunidade, devendo dar particular ênfase às obras de misericórdia a levar a cabo, nomeadamente nas seguintes áreas:

- família, maternidade e infância;
- menores desprotegidos;
- pessoas idosas;
- situações sociais de carência grave;
- cuidados de saúde primários;
- cumprimento dos encargos decorrentes de doações, heranças ou legados dos seus benfeitores.



Hospital Real de Todos-os-Santos (azulejos do Museu da Cidade - Lisboa).

AS PRIMEIRAS SANTAS CASAS DE MISERICÓRDIA DO BRASIL

Há mais de 500 anos, no dia 15 de agosto de 1498, no ano em que Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, D. Leonor de Lancaster, em regência do trono de Portugal, fundou a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, a primeira de Portugal e que serviu de modelo a todas as Misericórdias do país. A internação de pacientes destituídos de recursos ou recém-chegados ao Brasil, sem família e moradia, acarretou logo no século XVI, a necessidade da criação de Santas Casas da Misericórdia, segundo os moldes já estabelecidos em Lisboa.

Existem divergências sobre qual seria a primeira Santa Casa do Brasil. Alguns historiadores dão a primazia para a Santa Casa de Misericórdia da Vila de Olinda, que teria sido fundada em meados de 1539. Em 1540 já contava com sua igreja, a Igreja de Nossa Senhora da Luz ou Igreja da Misericórdia. Em 1860, a Santa Casa de Olinda foi extinta e incorporada pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Recife, que foi instituída em 12 de junho de 1856.

Outros historiadores garantem que a primeira Santa Casa do Brasil foi a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Santos fundada por Braz Cubas, fidalgo português e líder do povoado de São Vicente, provavelmente no dia 1º de novembro de 1543, após construir um hospital para socorrer os marinheiros que ali chegavam. O hospital foi chamado de Hospital de Todos-os-Santos, inspirado no nome do grande hospital de Lisboa e na data da sua fundação, o dia de Todos-os-Santos.

Segundo Frei Gaspar da Madre de Deus, o povoado de Enguaguaçu, local onde foi construído o hospital, passou a ser chamado Povoado do Porto de Todos-os-Santos e do Porto de Santos, por causa do nome do hospital. Entre 1545 e 1547, o então Capitão-Mor Brás Cubas elevou o povoado à categoria de Vila, com o nome de Vila do Porto de Santos. Em 1551, Brás Cubas conseguiu o alvará real de privilégios (incentivo para as Misericórdias), concedido por D. João III – que foi o primeiro obtido por uma Misericórdia brasileira. Em 1550 os jesuítas chegaram à região. A Vila, o Porto, a Irmandade e o Hospital prosperaram sob a proteção do seu fundador.

A Santa Casa de Vitória foi criada entre os anos de 1545 e 1551, por Vasco Fernandes Coutinho, junto à igreja mais antiga do Estado, a de Nossa Senhora do Rosário, na Vila Velha, com o nome de Irmandade da Misericórdia do Espírito Santo.

A Santa Casa de Misericórdia da Bahia foi fundada em 1549. Primeira instituição filantrópica de Salvador, ela nasceu junto com a cidade, durante o governo de Thomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil. Para cumprir a missão de tratar dos doentes, a Santa Casa construiu, no final do século XVI, o Hospital São Cristóvão, pioneiro no estado.

Por volta de 1560, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo foi criada sob denominação de Confraria da Misericórdia de São Paulo dos Campos de Piratininga. Esteve alojada no Pátio do Colégio, nos Largos da Glória e da Misericórdia, sucessivamente. É a mais antiga instituição assistencial e hospitalar em funcionamento na cidade de São Paulo.

A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro foi fundada em 24 de março de 1582 pelo padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, para cuidar dos homens da frota espanhola de Diogo Flores Valdez, atacados pela peste. Sobre a data de criação da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro há opiniões divergentes, admitindo que os primeiros povoadores tenham sido os fundadores da Misericórdia e que os irmãos desta, animados e auxiliados pelo jesuíta José de Anchieta, tenham edificado o hospital em 1582, com o propósito de nele abrigar os doentes da armada espanhola. De uma forma ou de outra, todos os que discorreram sobre o tema, concordam que a Santa Casa surgiu ou foi ampliada nesta data, por influência de José de Anchieta.

No Paraná, a Irmandade da Santa Casa de Paranaguá foi a primeira, originada da "Sociedade Patriótica dos Defençores da Liberdade e Independencia Nacional" e foi fundada em 1835, pelo Comendador Manoel Francisco Corrêa Junior, seu primeiro provedor. Em Curitiba, no dia 9 de junho de 1852 a sociedade maçônica "Fraternidade Curitybana" se extinguiu e se converteu em sociedade filantrópica, a "Irmandade da Santa Casa de Misericordia da Cidade de Curytiba". O seu primeiro provedor foi o Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira.



Hospital da Santa Casa de Santos, em 1836, ao fundo da imagem. Obra 'Rancho Grande (dos Tropeiros)', de Benedicto Calixto, óleo sobre tela, 40x50cm.



Igreja da Misericórdia, ou Igreja de Nossa Senhora da Luz, do antigo Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Olinda. Foi construída em 1540, por ordem da Coroa Portuguesa.

O HOSPITAL DE CARIDADE DA IRMANDADE DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE CURITIBA

No Paraná, a Irmandade da Santa Casa de Paranaguá foi a primeira, originada da "Sociedade Patriótica dos Defençores da Liberdade e Independência Nacional" e foi fundada em 1835, pelo Comendador Manoel Francisco Junior, seu primeiro provedor. Em 10 de abril de 1845 foi fundada a primeira loja maçônica em Curitiba, a "Fraternidade Curitybana", sob nº 75 de registro na Ordem da Grande Oriente do Brasil. Em 09 de junho de 1852 a "Fraternidade Curitybana" se extinguiu e se converteu em sociedade filantrópica, a "Irmandade da Santa Casa de Misericordia da Cidade de Curityba". No primeiro Compromisso da Irmandade (regimento), estava escrito:

> *Art.1º: Fica convertida a sociedade Fraternidade Curitybana em sociedade philantropica, com a denominação de Irmandade de Misericordia da cidade de Curityba, a qual se empregará toda em actos de benificencia, mui principalmente no soccorro de indigentes, miseraveis e desvalidos.*
>
> *Art.2º: A propriedade legada á irmandade, com os fundos da extincta sociedade, passarão a fazer parte dos fundos da nova irmandade.*

Entre os legados estava a casa do Padre Antônio Teixeira Camello que foi o pároco da Igreja Matriz de Curitiba, no período de 1823 a 1847. Morreu aos 63 anos de idade, em 24 de abril de 1847, e fez em seu testamento a doação de um bom prédio, onde tinha sua residência e que antes pertencera aos seus pais, ao lado da Matriz, na então praça da Matriz (hoje praça Tiradentes), esquina da rua Fechada (hoje rua José Bonifácio). No testamento do Padre Camello consta a seguinte verba:

> *"Deixo esta casa em que moro para servir de hospital de Caridade no caso se estabeleça no praso de deseceis annos, não tendo isto effeito será a mesma casa arrematada e seo producto repartido pelos pobres desta Freguesia a eleição de meo testamenteiro e no entanto os alugueis que renderem se distribuirá pelos presos pobres."*

Já consta no primeiro Compromisso que no dia 24 de abril de cada ano, data que assinala o aniversário de falecimento do Reverendíssimo Padre Antônio Teixeira Camello, será realizado uma missa solene em sufrágio da alma desse primeiro benfeitor da Santa Casa de Curitiba; essa tradição está mantida até os nossos dias. Onde era a casa do Padre Camello, atualmente está o edifício Nossa Senhora da Luz, ao lado da Catedral, ainda hoje propriedade da Santa Casa.

O primeiro provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba foi o Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira. O Comendador Roseira, abastado comerciante e fazendeiro, nascido na fazenda da Roseira em S. José dos Pinhais, deputado provincial na primeira Assembleia da Província do Paraná, onde foi vice-presidente. Durante muitos anos, as reuniões dos irmãos da Santa Casa de Curitiba, aconteceram na capela de São Francisco de Paula, (nas ruínas do alto do São Francisco), que era administrada pela Irmandade. A Santa Casa não tinha hospital.

Em 1855, preocupado com as notícias de que a província do Pará, e também outras províncias do nordeste do país, estavam sendo implacavelmente atingidas por epidemia de cólera-morbo, o ilustre engenheiro, tenente-coronel Henrique de Beaurepaire Rohan, vice-presidente da província em exercício (presidente de 27 de julho de 1855 a 10 de março de 1856), nomeou uma comissão de 12 membros, inclusive ele próprio, o Comendador Roseira e o Dr. José Cândido da Silva Murici para propor os meios considerados convenientes para obstar a invasão da cólera ou minorar seus efeitos, caso aparecesse entre nós.



Fachada do Hospital da Santa Casa de Curitiba em 1900.

Ao povo!

Está aberta uma subscripção para um monumento consagrado á memoria do humanitario medico,

DR. JOSE' CANDIDO DA SILVA MURICI

Convida-se á todas as classes de nossa sociedade para que concorram com as suas assignaturas até 5$000, exceptuando-se aquelles individuos que quizerem eleval-a, ou que hajam feito promessa de donativos para o mesmo fim.

Os serviços prestados por este apostolo de caridade, e da sciencia em occasiões bem afflictivas exigem que se perpetúe em lavrado marmore o reconhecimento deste povo que nelle repousam em paz as cinzas de tão preclaro cidadão.

A's senhoras mães de familia especialmente se faz este convite: ellas que em vida do caridoso medico deram-lhe evidentes provas de sua gratidão, pressurosas virão por certo depor o seu obulo para obra tão meritoria.

O convite é geral.

Um simples e eloquente epitaphio:

O povo de Curityba ao humanitario medico

DR. JOSÉ CANDIDO DA SILVA MURICI.

E' thesoureiro o negociante desta praça Antonio Martins Franco, que passará a cautella necessaria na occasião do recebimento.

Excerto do Jornal Dezenove de Dezembro.

A comissão apresentou suas sugestões a respeito de medidas a serem adotadas, de acordo com as normas aconselhadas pela higiene e ciência médica: 1) asseio das ruas e praças; 2) dessecação das águas estagnadas e dos banheiros; 3) fiscalização interna dos prédios públicos e particulares e dos quintais; 4) fiscalização dos gêneros comestíveis; 5) proibição dos enterramentos de cadáveres nas igrejas, devendo-se providenciar sobre a construção de cemitérios. Propôs ainda que se fizesse a aquisição de botica suficientemente sortida de medicamentos e solicitasse ao governo geral a remessa de alguns médicos militares. Providenciou-se, também, a instalação de um dispensário de hanseníase (lazareto, como era chamado naquela época) nos arrabaldes de Curitiba, e a criação de hospitais em vários pontos da província. Não havia hospital em Curitiba, e o único existente na província do Paraná era o da Santa Casa de Paranaguá.

O tenente-coronel Henrique de Beaurepaire Rohan muito influenciou para que os membros da loja maçônica "Candura Coritibana", em sessão magna datada de 07 de novembro de 1855, resolvessem doar à Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba o prédio de seu templo, localizado à Rua Direita, também chamada de Rua dos Alemães, hoje Rua 13 de maio, com todos os móveis, bens e numerários, visto que a loja estava em vias de extinção para patrimônio e sede do hospital dessa Irmandade que, em sessão solene de 10 de novembro do mesmo ano, resolveu aceitar a nobre oferta. A escritura de doação foi lavrada em 19 de novembro de 1855, pelo segundo tabelião Candido José Ferreira na residência do provedor da Santa Casa, o comendador Manoel Gonçalves José Roseira, na praça da Matriz nº 34. Por esta forma ficou a Santa Casa com uma sede e nela instalou seu primeiro hospital, que funcionou até 22 de maio de 1880, quando inaugurou o seu majestoso edifício do atual Hospital de Caridade. Importante frisar que na província do Paraná não aconteceu a temida epidemia de cólera. Neste primeiro hospital a Santa Casa teve seu primeiro médico, o baiano, oficial do Exército, Dr. José Cândido da Silva Murici.

José Cândido da Silva Murici

Nasceu em 31 de dezembro de 1827, na cidade de Salvador, capital da província da Bahia. Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1852, quando defendeu uma tese sobre um assunto filosófico: "Dissertação Medico-Philosophica Acerca da Influencia do Jogo Sobre a Economia". Na capital do Império o jovem médico ingressou no Corpo de Saúde do Exército, recebendo a sua patente em 09 de julho de 1953.

Em 08 de novembro de 1853, como oficial médico, chegou à Curitiba. Em 26 de abril de 1854, foi nomeado, como Vacinador Provincial, pelo primeiro presidente provincial do Paraná, o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos.

Dr. Murici, o grande baiano, a quem Curitiba e todo o Paraná tanto devem, além de médico, oficial do Exército e vacinador provincial foi também deputado provincial, liberal, por três mandatos. Junto com o Desembargador Agostinho Ermelino de Leão, em 25 de setembro de 1876, fundou o Museu Paranaense. Foi condecorado com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa.

Desde 1855, quando começou a funcionar o primeiro hospital da Santa Casa, na rua Direita (atual rua 13 de maio), que fora doado pela loja maçônica "Candura Coritibana", o Dr. Murici era seu único médico. Foi Provedor da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de Curitiba, de 1866, até sua morte, em 1879.

A colocação da pedra fundamental do novo Hospital de Caridade de Curitiba aconteceu em 8 de março de 1868, e sua conclusão da obra aconteceu doze anos após, em 1880. O Dr. Murici foi o construtor do Hospital de Caridade, foi a alma e o coração dos trabalhos de construção do edifício, da supervisão direta e permanente das obras, de seu planejamento e da luta por recursos junto aos poderes provinciais. O grande benemérito provedor faleceu prematuramente, em Curitiba, aos 52 anos, em 20 de março de 1879, não tendo alcançado o término e inauguração de seu hospital. Após a morte do Dr. Murici , foi eleito para Provedor da Santa Casa , o seu genro, o também baiano, militar e médico, Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, que concluiu as obras do Hospital de Caridade e o inaugurou em 22 de maio de 1880.

Muitas vezes o seu nome é escrito incorretamente com y, inclusive na "Alameda Doutor Murici", com o que a Câmara Municipal o homenageou, através da Lei Municipal 353, de 02 de dezembro de 1912, dando a seu nome, à antiga "Rua da Assembleia", que no início do século XIX, era chamada de "Rua do Jogo de Bola".



José Cândido da Silva Murici.

O Dr. Murici, provedor da Santa Casa, desde 1866, e único médico até a sua morte, foi o idealizador e responsável pela construção do atual Hospital de Caridade. Em março de 1868, fez o lançamento da pedra fundamental do novo Hospital de Caridade, cuja construção consumiu 12 anos de muito sacrifício e empenho solitário do benemérito médico. O Dr. Murici foi a alma e o coração dos trabalhos de erguimento do edifício, da supervisão direta e permanente das obras, seu planejamento à luta por recursos junto aos poderes provinciais.

Em 12 de maio de 1877 é assentado no frontão do prédio do novo Hospital de Caridade, em construção, o relógio chegado da Europa e encomendado pelo Dr. Murici. O relógio foi fabricado em Hamburgo (Alemanha), importado por intermédio do relojoeiro Julio Langue. Em 18 de maio de 1877 o jornal "Dezenove de Dezembro" noticiou:

> *"Funcciona há dias o relógio que o Dr. Murici, digno provedor da misericordia, mandou vir para collocar no novo hospital, que está a tocar ao fim de sua construcção. Possuindo bons tympanos, soam as horas em grande distancia."*

O devotamento ao hospital era tal que a Câmara Municipal fez denominar Largo do Murici ao então chamado Campo da Cruz das Almas, onde o hospital era construído. O benemérito provedor faleceu prematuramente a 20 de março de 1879, não tendo alcançado o término e inauguração de seu hospital. As obras de conclusão do Hospital de Caridade foram executadas pelo também baiano, médico, oficial do Exército e provedor Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, genro do Dr. Murici.

Um excelente trabalho do historiador Francisco Negrão é a "Memória da Santa Casa de Misericórdia de Curityba, 1852-1932", publicado em 1933. Ele assim termina: "Não deveria ser apenas uma das enfermarias do Hospital, que recebesse o nome do Dr. Murici; deveria ser o próprio edifício que se deveria denominar: Hospital Doutor Murici da Santa Casa de Curityba. Essa homenagem, algum dia, merecerá a consagração unanime da Irmandade; assim o esperamos, assim será".

Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque

Nasceu na Bahia, em 28 de janeiro de 1842. Entre seus ancestrais estavam Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde de Pirajá, Francisco Estevão Pires de Carvalho e Albuquerque, Barão de Jaguaribe. Formou-se médico, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1865. Nomeado 2º Cirurgião Tenente do Corpo de Saúde do Exército por decreto de 10 de janeiro de 1865. Casou-se em segundas núpcias com Josefina Cândido Murici, filha do Dr. José Cândido da Silva Murici que, como o Dr. Pires, era baiano, médico e oficial do exército. É avô do general Valter Pires de Carvalho e Albuquerque, que nasceu em Paranaguá, em 06 de junho de 1915, e que foi ministro do Exército no governo do presidente João Figueiredo. O pai do general Pires era Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque, que também era oficial do Exército e foi comandante da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, na Ilha do Mel.

Em maio de 1879, já como capitão, o Dr. Pires foi nomeado delegado do cirurgião-mor do Exército no Paraná, em substituição ao Dr.Murici, que morrera no dia de 20 de março. Eleito provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba de 1879, para suceder o Dr. Murici, foi reeleito sucessivamente de 1880 a 1887. Foi o responsável pela conclusão das obras do Hospital de Caridade e o inaugurou em 22 de maio de 1880, com as augustas presenças do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Thereza Christina Maria. Na ocasião fez um longo discurso elogiando o Dr.Murici. Além de provedor, o Dr.Pires foi o único médico da Santa Casa de Curitiba de 1879 até 1887, quando foi transferido para o Rio Grande do Sul.

Recebeu a Medalha Geral da Campanha do Paraguai e a Medalha Comemorativa da Guerra contra o Paraguai. Em 1880 foi condecorado como Cavaleiro da Ordem da Rosa pelos relevantes serviços prestados à Província do Paraná. Em 1882 foi nomeado Cavaleiro da Ordem de São Bento d'Aviz, e, em 1890 foi condecorado com o grau de Oficial da mesma Ordem de Aviz.

Por decreto nº 9554 de 03 de fevereiro de 1884 foi reorganizado o serviço de Saúde do Império. O Dr. Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, em 27 de fevereiro do mesmo ano, foi nomeado como o primeiro Inspetor de Higiene da Província do Paraná, o que hoje equivale ao Secretário Estadual de Saúde.

Em 1903, como general de brigada, foi Chefe do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. Morreu aos 62 anos, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 17 de julho de 1904.



Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque.

A inauguração do Hospital de Caridade aconteceu com grande pompa, em 22 de maio de 1880, com as Augustas Presenças das Suas Majestades Imperiais, o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Thereza Christina Maria, além de outras autoridades da Corte e da Província do Paraná, e o povo. No diário de D. Pedro II, no dia da inauguração do hospital, ele anotou: "... O Dr. Murici foi quem mais concorreu para a construção do hospital. O provedor, Dr. Pires de Albuquerque, seu genro, leu um discurso bem feito em que recordou comovido os serviços de Murici ..." A histórica ata da inauguração está preservada na Santa Casa:

"Acta da inauguração do Hospital de Misericordia da Capital do Paraná, com a Augusta Presença do S.S. M.M.I.I., comitiva e mais dignidades e povo."

"No anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus cristo, de mil oitocentos e oitenta, quinquagessimo nono da Independencia e do Imperio, as doze horas do dia vinte e dois de Maio, nesta cidade de Curityba, capital da Província do Paraná, antiga cabeça da quinta Comarca de São Paulo, elevada a cathegoria de Província, pela Lei de 12 de agosto de 1853, mil oitocentos e cincoenta e tres, e instalada pelo seu primeiro Presidente Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, achando-se reunidos no novo Hospital de Misericordia, o respectivo provedor Irmão Doutor Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, os irmãos funccionarios abaixo assignados, com os demais Irmãos, o Irmão Provedor declarou que, havendo Sua Magestade o Imperador se dignado Honrar o acto com Sua Presença, e a de sua Magestade a Imperatriz, designava todos os irmãos presentes para em corporação receberem os Augustos Imperantes. – A hora aprasada chegando Suas Magestades acompanhadas de sua comitiva composta dos Excelentíssimo .Senhores Ministro da Agricultura, Visconde de Tamandaré, Barão de Maceió, Conselheiro José Caetano de Andrade Pinto, Doutores Presidente da Província Manoel Pinto de Sousa Dantas Filho, Manoel Alves de Araujo, Presidente da Assembléia Provincial e Deputado Geral por esta Província, Deputados Provinciais, Antonio Ricardo Lustosa, Padre João Batista Ferreira Bello, Dr. Francisco Theresio Porto, Joaquim Ventura de Almeida Torres, Tenente Coronel Benedito Eneas de Paula, Dr. Presidente e mais vereadores da Camara Municipal. Reverendissimos Vigarios Geral e Forense e o da vara e mais sacerdotes desta Parochia.



Imperatriz Thereza Christina Maria.

Imperador D. Pedro II.

Drs. Chefe de Policia e Juiz de Direito da comarca, Juiz de Paz, o Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, Chefes e mais funccionarios das repartições publicas, autoridades militares, representantes do "Jornal do Comercio", "Cruzeiro" e "Gazeta de Noticias", da Côrte, os redactores do "Dezenove de dezembro", "Província do Paraná", e do "Paranaense", e muitas pessoas gradas, foram S. S. Magestades recebidas e solemnemente pela Irmandade, penetrando no recinto do edifício em cuja Capella ouviram missa, celebrada pelo Reverendíssimo Vigario Geral Forense, auxiliado dos demais sacerdotes presentes. Terminada a missa S. S. M. M., precedidos do mesmo acompanhamento, dirigiram-se para o grande salão no pavimento superior a direita do edifício, e ahi, depois de observadas as formalidades do estria, e concedida venia de S. Magestade o Imperador, o Dr. Provedor leu um discurso analogo terminado o qual, deu por inaugurado o Hospital de Misericordia da Capital do Paraná, franqueando-o aos desvalidos. Em fé do que eu Joaquim Antonio Gonçalves de Menezes, Procurador da Irmandade de Misericordia, servindo de Escrivão, no impedimento do effectivo, lavrei esta acta que vai assignada por S.S.M.M. Imperiais, sua comitiva, autoridades civis e militares, Irmandade e mais pessoas presentes. (Assignados)"

No dia 22 de maio de 1880, 162 pessoas assinaram a histórica ata e entre elas destacamos:

Imperador D. Pedro II

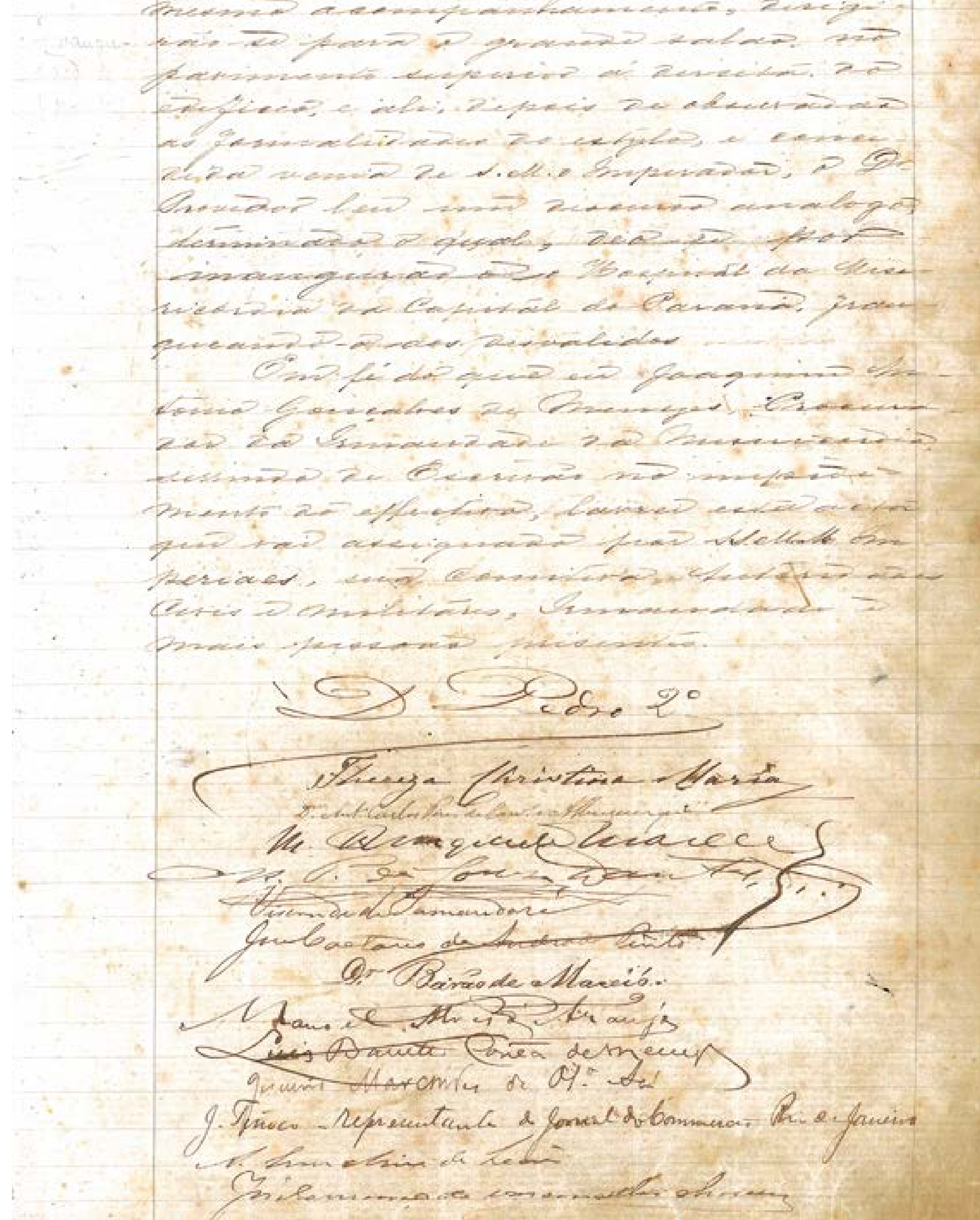
Nasceu no Rio de Janeiro em 02 de dezembro de 1825. Faleceu com pneumonia, em Paris, em 05 de dezembro de 1891.

Imperatriz Thereza Christina Maria

Nasceu em Nápoles, em 14 de março de 1822. Faleceu no Porto - Portugal, em 28 de dezembro de 1889.

Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque

Nasceu na Bahia, em 28 de janeiro de 1842. Médico e oficial do Exército. Como provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, concluiu as obras do Hospital de Caridade e o inaugurou. Nomeado em 1884, o primeiro Inspetor de Higiene da Província do Paraná. Em 1903, como general de brigada, foi Chefe do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. Morreu aos 62 anos, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 17 de julho de 1904.



Ata de fundação do Hospital da Santa Casa de Curitiba, em 1880, com a assinatura de diversas personalidades.

Manuel Buarque de Macedo	*Engenheiro pernambucano (1837-1881); ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e deputado geral pela província de Pernambuco; instituiu o cartão-postal no Brasil, pelo decreto nº 7695 de 28 de abril de 1880. Nasceu no Recife, a 1º de março de 1837. Morreu a 27 de agosto de 1881, durante uma viagem para inauguração de uma estrada de ferro em Minas Gerais.*
Visconde de Tamandaré	*Joaquim Marques Lisboa, o Almirante Tamandaré. Nasceu em 13 de dezembro de 1808, em Rio Grande-RS. Destacou-se na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70), comandando as forças navais; promovido a Almirante em 1887. Obteve os títulos de Visconde de Tamandaré, em 1865; Conde de Tamandaré, em 1887 e Marquês de Tamandaré em 1888. Faleceu em 20 de março de 1897, no Rio de Janeiro. É o patrono da Marinha do Brasil.*
José Caetano de Andrade Pinto	*Desembargador. Conselheiro do Imperador e veador da Imperatriz.*
Dr. Barão de Maceió	*Médico de D. Pedro II, o Dr. Antonio Teixeira da Rocha, o barão de Maceió, nasceu em Alagoas, na antiga capital dessa Província, em 04 de abril de 1824 e faleceu no Paço Municipal de São Cristóvão, em 29 de julho de 1886. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1846, sendo lente catedrático de histologia na Faculdade do Rio de Janeiro. Era médico da Santa Casa de Misericórdia e da Imperial Câmara. Deputado por Alagoas na 15ª legislatura de 1872-1875, do Conselho de S. Majestade, Comendador da Real Ordem de Cristo de Portugal e Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa.*
Manoel Alves de Araújo	*Conselheiro, presidente da Assembléia Provincial e deputado geral; foi ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; presidiu a província de Pernambuco. Nasceu no dia 19 de março de 1836, em Morretes-PR, e faleceu no dia 11 de dezembro de 1908, no Rio de Janeiro.*
Luiz Barreto Correia de Menezes	*Chefe de polícia. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano), instalado em 02 de dezembro de 1869.*
Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá	*Conselheiro do Imperador e deputado geral; foi ministro da agricultura e quando foi proclamada a República, era o presidente da província do Paraná. Nasceu em Palmeira-PR, em 10 de junho de 1827. Faleceu em Genebra- Suiça, em 07 de outubro de 1903.*

José Tinoco	*Representante do "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro.*
Agostinho Ermelino de Leão	*Desembargador. Ocupou a presidência da província do Paraná por três vezes. Junto com o Dr. Murici, fundou o Museu Paranaense, em 25 de setembro de 1876. Nascido em Paranaguá-PR, em 25 de março de 1834. Faleceu em Curitiba-PR, em 28 de junho de 1901.*
Joaquim Ventura de Almeida Torres	*Industrial de erva-mate. Foi camarista e presidente da Câmara Municipal de Curitiba e deputado provincial. Faleceu em Curitiba, em 21 de março de 1910.*
Vigário Agostinho Machado Lima.	*Vigário Colado da antiga Matriz de Curitiba de 1854 a 1883. O Revmo.Vigário foi deputado provincial e fundador do Cemitério Municipal. Em 13 de fevereiro de 1876 realizou o lançamento e benção da primeira pedra da Catedral.*
Generoso Marques dos Santos	*Advogado, foi deputado provincial por seis legislaturas, senador constituinte pelo Paraná em 1891. Primeiro presidente eleito do estado do Paraná, em 1891. Senador federal de 1909 a 1926. Mesário da Santa Casa de Curitiba por muitos anos. Nasceu em Curitiba-PR, em 13 de janeiro de 1844. Faleceu em 8 de março de 1829.*
Francisco J. P. Pinto Requião	*Farmacêutico. Fundador da Sociedade Portuguesa Beneficente 1º de dezembro.*
Joaquim de Almeida Faria Sobrinho	*Promotor público e juiz de direito. Foi presidente da província do Paraná em 1886-1887. Nasceu na Lapa-PR em 13 de agosto de 1847.Faleceu em Paranaguá-PR em 10 de setembro de 1893.*
João Lourenço Taborda Ribas	*Negociante abastado; foi camarista da Câmara Municipal de Curitiba e deputado provincial. Nasceu em Curitiba, em 08 de janeiro de 1854.*
Vicente Ferreira da Luz	*Major da Guarda Nacional, industrial de engenho de erva-mate e olaria; sogro do Dr. Murici.*
Manuel Pinto de Sousa Dantas Filho	*Presidente da Província do Paraná em 1879-1880 e da província do Pará em 1882. Nasceu em Salvador-BA, em 18 de outubro 1852 e faleceu em Paris–França, em 26 de outubro de 1937.*
Antonio Francisco Correia de Bittencourt	*Major da guarda nacional e comerciante. Foi vereador e deputado estadual. Nasceu em Curitiba, em 14 de junho de 1834 e morreu, na mesma cidade, em 8 de setembro de 1918.*
Antonio Ricardo de Sousa Dias Negrão	*Foi deputado provincial, juiz de paz, comissário de polícia, contador dos correios e escrivão de órfãos.*

Manoel Francisco Corrêa Netto	No dia da inauguração tinha nove anos. Nasceu em Curitiba, em 02 de janeiro de 1871. Farmacêutico diplomado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1894.Jornalista, redigiu durante 10 anos o Almanaque do Paraná e o Calendário do Paraná. Foi um dos fundadores do Centro de Letras do Paraná. Foi por 9 anos procurador da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, até 1922. Proprietário da antiga Pharmácia Corrêa, instalada, em 1877, por seu tio João Francisco Corrêa.
Francisco David Perneta	Cristão-novo, português, pessoa abastada, era proprietário de uma alfaiataria. De curioso modo de andar, adveio-lhe o apelido "perneta", que adotou finalmente. Pai do poeta Emiliano Perneta. Foi mesário da Santa Casa.
João Ferreira da Luz	Coronel da Guarda Nacional, cunhado do Dr. Murici.
José Ferreira da Luz	Era conhecido como Juca Luz, tabelião, homem de prestígio político; cunhado do Dr. Murici.
Padre Julio Ribeiro de Campos	Vigário Geral Forense do Paraná, no período 1879-1885. Nasceu em Curitiba em 1850. Faleceu em 1885.
João Tobias Pinto Rebello	Coronel da Guarda Nacional, industrial; foi camarista e presidente da Câmara Municipal de Curitiba e deputado estadual. Foi vice-presidente da província do Paraná. Nasceu em Curitiba, em 8 de março de 1846.
José Fernandes Loureiro	Comerciante. Foi tesoureiro da Irmandade e provedor em 1887-1889.
Manoel Euphrasio Correia	Advogado, foi presidente da Assembléia Legislativa do Paraná no período:1874-1879. Foi presidente da província de Pernambuco em 1887-1888. Nasceu no dia 16 de agosto de 1839 em Paranaguá - PR. Faleceu em 04 de fevereiro de 1888, em Pernambuco.
João Baptista Ferreira Bello	Padre e deputado provincial.
Luiz Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque	Advogado, irmão do provedor da Irmandade da Santa Casa, casou com a viúva do Dr. Murici. Foi desembargador.
Joaquim Ignacio Silveira da Mota Junior	Foi desembargador e como vice-presidente do estado do Paraná, substituindo o Dr. Generoso Marques, promulgou a primeira constituição do estado, em 1891. Nascido em Curitiba, em 24 de agosto de 1844, faleceu na mesma cidade em 26 de março de 1903. Era filho do primeiro médico de Curitiba.
Bento Munhoz da Rocha	Coronel da Guarda Nacional, industrial. Pai do médico Caetano Munhoz da Rocha, que foi governador do estado do Paraná em 1920-1928 e avô do engenheiro Bento Munhoz da Rocha Netto, governador do estado do Paraná em 1951-1955.

David Antonio da Silva Carneiro	Industrial, de engenho de erva-mate. Nasceu no Iguape, em 10 de janeiro de 1853 e faleceu em 2 de maio de 1908. Pai do Coronel David Antonio da Silva Carneiro Junior e avô do historiador David Antonio da Silva Carneiro.
Joaquim Antonio Gonçalves de Menezes	Procurador da Irmandade e escrivão desta ata.
Iria Narcisa Ferreira Murici	Viúva do Dr. José Cândido da Silva Murici, idealizador e construtor do Hospital de Caridade, que faleceu em 20 de março de 1879.
Josephina Murici Pires d'Albuquerque	Filha do Dr. Murici, casada com o provedor Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque.
André Pinto de Barros	Prático-farmacêutico, grande benemérito da Santa Casa de Curitiba, foi provedor da Irmandade no período de 1920 a 1922. Nasceu na Vila da Conceição do Norte, então Província de Goiás, em 1855. Faleceu em 12 de janeiro de 1923; doou, em testamento, parte da sua fortuna para a Santa Casa de Curitiba.
Benedicto Pereira da Silva Carrão	Redator e proprietário do jornal "O Paranaense"; foi escrivão de registro civil de Curitiba, chefe de policia, deputado provincial e deputado estadual.
José Ferreira Pinheiro	Redator proprietário do jornal "Província do Paraná".
Antonio Martins Franco	Comendador. Grande comerciante nascido em Portugal, em 1825. Em sua residência ficaram hospedados o Imperador e comitiva; o palacete ficava, onde hoje estão as Casas Pernambucanas, na praça Tiradentes.

Em 03 de dezembro de 1884, o Hospital de Caridade recebeu as honrosas visitas das Suas Altezas Imperiais, a Princesa Izabel e, seu marido, o Conde d'Eu, acompanhadas da Baronesa de Suruhy. Foram recepcionadas pelo ainda provedor Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque. Os ilustres visitantes assinaram a ata como Izabel, Condesse d'Eu - Princesa Imperial e Gastão de Orleans - Conde d'Eu.

O Hospital de Caridade foi pioneiro da Medicina Paranaense em muitos procedimentos médicos e/ou cirúrgicos. O jornal "A República", do dia 1.º de novembro de 1907, noticiou que fora realizada na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba a primeira cesariana no Paraná. Os cirurgiões foram os doutores João Evangelista Espíndola e Reinaldo Machado e a anestesia realizada pelo Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos. O texto dizia o seguinte:

> ***"Ontem (31 de outubro) à noite, foi na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba realizada delicada operação cesariana. A operação correu sem incidentes, sendo extraída uma criança do sexo feminino. O estado da paciente, se bem não apresente gravidade iminente, todavia é melindrosa pela natureza especial da operação. Foram operadores o Dr. Espíndola e o Dr. Reinaldo Machado, auxiliados pelo Dr. Lemos, encarregado da cloroformização. Cumpre acentuar que é a primeira vez, ao que nos consta, que se executa esta operação no Paraná."***

Victor Ferreira do Amaral e Silva foi uma importante figura nas áreas social, médica e política paranaense, mas é indiscutível que seu nome destaca-se, acima de tudo, pelo papel que teve ao fundar e consolidar a Universidade do Paraná. Em 1912, um grupo de intelectuais, como Nilo Cairo, Hugo Simas, Euclides Bevilaqua e Daltro Filho, liderados por Victor do Amaral, resolveu criar a primeira universidade brasileira. Em 19 de dezembro do mesmo ano, com o apoio de Carlos Cavalcanti, então presidente do Estado, a Universidade do Paraná foi solenemente instalada no edifício do Congresso Legislativo do Paraná. O curso de medicina começou a funcionar em 1914 e teve onze alunos matriculados, que se formaram em 1919.

A partir de 1916 a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, tornou-se pioneira no ensino médico no estado do Paraná, ao franquear as enfermarias de seus hospitais, o Hospital de Caridade e o Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz, para o ensino prático da Faculdade de Medicina do Paraná. E assim permaneceu até 1961, quando foi inaugurado o Hospital de Clínicas da já então Universidade Federal do Paraná.



Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel.

Dr. JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICI

José Cândido da Silva Murici, nasceu em 31 de dezembro de 1827, na cidade de Salvador, capital da província da Bahia. Era filho de Joaquim Inácio da Silva Pereira e de Joana Francisca Pereira. Seu progenitor era um patriota exacerbado, que participou na luta pela Independência; era do grupo de jacobinos que trocaram o nome, por outros ligados à terra. Daí esse ilustre sobrenome Murici, que figura com muito destaque na história do Paraná.

Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1852, quando defendeu uma tese sobre um assunto filosófico: "Dissertação Medico-Philosophica Acerca da Influencia do Jogo Sobre a Economia". Na capital do Império o jovem médico ingressou no Corpo de Saúde do Exército, recebendo a sua patente, em 09 de julho de 1853.

Em 8 de novembro de 1853, como oficial médico, chegou em Curitiba. Em 26 de abril de 1854, foi nomeado, como Vacinador Provincial, pelo primeiro presidente provincial do Paraná, o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos. O cargo equivale o que é hoje o Secretário Estadual da Saúde.

Dr. Murici, o grande baiano, a quem Curitiba e todo o Paraná tanto devem, além de médico, oficial do Exército e vacinador provincial foi também deputado provincial, liberal, por três mandatos. Foi condecorado com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa. Junto com o Desembargador Agostinho Ermelino de Leão, em 25 de setembro de 1876, fundou o Museu Paranaense, com o apoio do presidente da província, o pernambucano Dr. Adolfo Lamenha Lins.

Desde 1855, quando começou a funcionar o primeiro hospital da Santa Casa, na rua Direita (atual rua 13 de maio), que fora doado pela loja maçônica "Candura Coritibana", o Dr. Murici era seu único médico. Foi Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, de 1866 até sua morte, em 1879.

A colocação da pedra fundamental do novo Hospital de Caridade de Curitiba aconteceu em 08 de março de 1868, e a conclusão da obra ocorreu doze anos após, em 1880. O Dr. Murici foi o construtor do Hospital de Caridade, foi a alma e o coração dos trabalhos de construção do edifício, da supervisão direta e permanente das obras, seu planejamento à luta por recursos junto aos poderes provinciais.

O devotamento ao hospital era tal que a Câmara Municipal fez denominar "Largo do Murici" ao então chamado Campo da Cruz das Almas, hoje Praça Rui Barbosa, onde o hospital estava sendo construído. O benemérito provedor faleceu prematuramente a 20 de março de 1879, não tendo alcançado o término e inauguração de seu hospital.



Pintura do Dr. Murici, de autoria de A. Macedo.
Quadro acervo Santa Casa de Curitiba.

Após a morte do Dr. Murici , foi eleito para Provedor da Santa Casa o seu genro, o também baiano, militar e médico Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, que concluiu as obras do Hospital de Caridade e o inaugurou em 22 de maio de 1880. No diário de D. Pedro II, no dia da inauguração do hospital, ele anotou:

> *¨...O Dr. Murici foi quem mais concorreu para a construção do hospital. O provedor Dr. Pires de Albuquerque, seu genro, leu um discurso bem feito que recordou comovido os serviços de Murici..."*

Muitas vezes o seu nome é escrito incorretamente com y, inclusive na "Alameda Doutor Murici", com o que a Câmara Municipal o homenageou através da Lei Municipal nº 353, de 02 de dezembro de 1912, dando seu nome à antiga "rua da Assembléia", que no início do século XIX era chamada de "rua do Jogo de Bola".



O grande benemérito Dr. Murici faleceu em Curitiba, aos 52 anos, no dia 20 de março de 1879, em consequência de um derrame cerebral. O jornal "Dezenove de Dezembro", do mesmo dia, assim noticiou:



> *"Hoje, às 4 horas da madrugada, faleceu o Dr. José Cândido da Silva Murici.*
>
> *A dor é profunda e geral entre todos os habitantes desta cidade, que cobre-se de luto.*
>
> *O Estado perdeu um dos mais distintos e honrados de seus servidores, a província o mais infatigável dos obreiros de seu progresso, e a humanidade um fervoroso apóstolo da Caridade...*
>
> *...O nome do Dr. José Cândido da Silva Murici fica perpetuado no coração de todos os paranaenses, e quando por ventura a ingratidão dos homens tentasse empanar o brilho da justiça e da história, aí está para atestar o grande mérito do inexcedível protetor das classes desvalidas, o novo Hospital de Misericórdia, primeiro edifício público da Província, obra dos esforços e sacrifício de uma vontade perseverante.*
>
> *O comércio brasileiro e estrangeiro fechou as suas portas.E quem deixará de derramar uma lágrima de saudade sobre o túmulo que vai abrir-se hoje!".*

Os jornais dos dias seguintes relatam que, depois da encomendação solene na igreja matriz, o Reverendo Vigário Agostinho Machado Lima proferiu uma tocante alocução destacando as virtudes e serviços do Dr. Murici e a Sociedade Alemã entoou um coro fúnebre. Cerca de mil pessoas acompanharam o féretro até o cemitério, onde uma guarda militar fez ao ilustre finado as honras devidas ao seu posto de capitão do Corpo de Saúde.

O TERRENO DO HOSPITAL DE CARIDADE DA SANTA CASA DE CURITIBA

Nas atas da Câmara Municipal de Curitiba consta que durante a 3ª sessão ordinária, de 02 de setembro de 1867, sob a presidência do Dr. Augusto Lobo de Moura, foi lido "o requerimento do Dr. José Candido da Silva Murici Procurador da Santa Casa de Misericordia, que desejando levar efeito a construção de um hospital da mesma irmandade requer que a Camara lhe conceda para tal fim toda a quadra comprehendida por traz da rua da entrada, entre as casa de D. Carlotta Franco e Antonio de Paula por uma face, e por outra entre os terrenos de Tobias Rebello e rua nova do Campo". A presidência solicitou ao fiscal para informar.

O terreno era localizado atrás da Rua da Entrada, no local conhecido como Campo da Cruz das Almas. Recebeu nome de Largo do Murici, por deliberação da Câmara de 4 de outubro de 1876. Foi também conhecido por Largo do Quartel, Largo do Hospital e Largo da Misericórdia. Em sessão da Câmara de 29 de maio de 1890, passou a ser denominada Praça da República. Atualmente é chamada de Praça Rui Barbosa. A Rua da Entrada era a denominação da atual Rua Emiliano Perneta (Lei nº 5 de 16.01.1935), que também foi chamada de rua Aquidaban (03.11.1871).

Em 1879 foi traçada a rua atrás do Hospital Novo, iniciando-se a concessão de lotes de terreno nesta rua. Em 21 de janeiro de 1880 recebeu o nome de Barão de Guarapuava; em sessão da Câmara, de 08 de abril de 1890 foi o nome desta rua mudado para o de Rua de Democracia. Pela Lei 353 de 02 de dezembro de 1912 foi dado novamente o nome de Avenida Barão de Guarapuava. Mais tarde, pelo Decreto-lei nº 26, de 19 de abril de 1942, passou a denominar-se de Avenida Getúlio Vargas. Em 17 de junho de 1947, pelo Decreto-lei nº 168, foi novamente restaurado o nome de Avenida Visconde de Guarapuava.

Na ata da 5ª sessão ordinária, de 6 de setembro de 1867, ainda sob presidência do Dr. Moura, consta:

> *"O Provedor da Irmandade da Sta Casa da Misericordia pedindo o terreno que compreende a quadra por traz da rua da entrada entre as casas de D. Carlota Franco e Antonio de Paula por uma face e por outra entre os terrenos de Tobias Rebello e rua nova do Campo para fazer uma casa que sirva de hospital da mesma irmandade com informação do fiscal de achar-se o terreno devoluto de a excepção de um lugar de casa que consta foi concedido ao Dr. Joaquim Ignácio Silveira da Motta, a qual dizem desistiu a beneficio da Irmandade da Sta Caza, veio a meza a seguinte indicação – Indicação que se conceda gratuitamente o titulo do terreno pedido pelo provedor da Irmandade da Misericordia para edificação do hospital o qual foi aprovado."*

Assim, os camaristas da Câmara Municipal de Curitiba aprovaram a doação do terreno para a construção do novo Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. No dia 31 de dezembro de 1867 a Câmara Municipal deu uma Carta de Data do terreno requerido pelo provedor. Era o dia do aniversário de 40 anos do Dr. Murici.

A Carta de Data passada ao Dr. José Cândido da Silva Murici, provedor da Santa Casa de Misericórdia, pela Câmara Municipal foi assinada pelo presidente, Dr. Augusto Lobo de Moura, advogado, que em 1855 foi provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, e pelo secretário Ermelino Marques dos Santos. A carta especificava:

> *"o terreno tinha 400 palmos de frente e os fundos correspondentes, fazendo frente a um largo para ser construído um Hospital para a mesma Irmandade(...) com a condição de no prazo de um ano levantar as paredes externas do Edifício pondo-as em estado de receber o madeiramento superior e enquanto assim não fizer ou irão desistir do terreno na forma das posturas ou pagará multa anual de $12.000,00 (doze contos de réis).(...)."*

Atualmente, o terreno tem mais de 15 mil metros quadrados, apresenta 88 metros de frente para a Praça Rui Barbosa e fundos para Avenida Visconde de Guarapuava. Lateralmente, tem 176 metros na Rua Alferes Poli, que em 1885 foi chamada de Rua dos Pinhais e na Travessa Frei Caneca (assim denominada pela Lei nº 353 de 02 de dezembro de 1912 e, segundo o Almanaque do Paraná de 1906, era chamada de Travessa da Misericórdia).

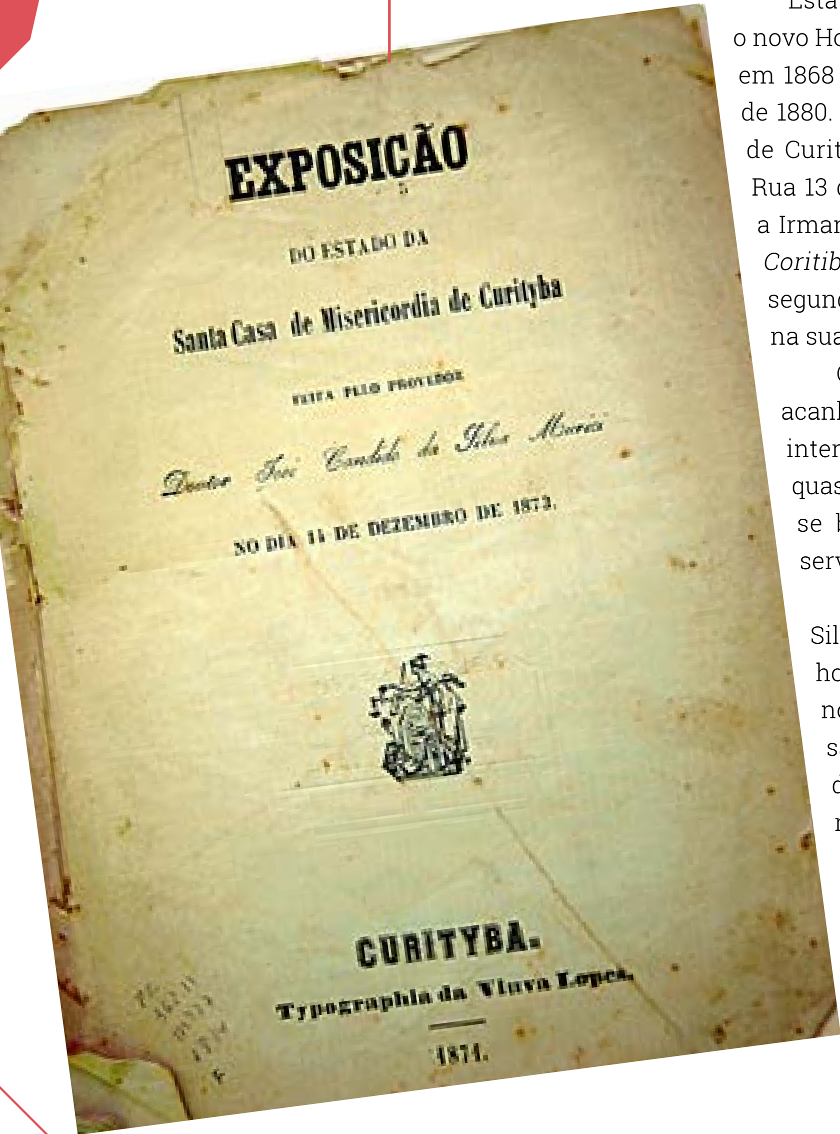
Em março de 1868, o provedor Dr. José Cândido da Silva Murici fez o lançamento da pedra fundamental do novo Hospital de Caridade, cuja construção consumiu 12 anos de muito sacrifício e empenho.



Vista da Catedral a partir da atual Praça Rui Barbosa (1870).

PEDRO ÁLVARES CABRAL FOI ENFERMEIRO DA SANTA CASA

Em 1874 o Doutor José Cândido da Silva Murici, então único médico e provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, publicou um longo relatório intitulado *"Exposição do estado da Santa Casa de Misericordia de Curityba"* editado pela *"Typografia da Viuva Lopes"*, lido em 14 de dezembro de 1873, na prestação de contas anual da Irmandade.



EXPOSICÃO

DO ESTADO DA

Santa Casa de Misericordia de Curityba

FEITA PELO PROVEDOR

Doutor José Candido da Silva Muricy

NO DIA 14 DE DEZEMBRO DE 1873.

CURITYBA.

Typographia da Viuva Lopes.

1874.

Estava sendo construído, com grande dificuldade, o novo Hospital de Caridade, cujas obras tiveram início em 1868 e seria inaugurado somente em 22 de maio de 1880. Na época, o primeiro hospital da Santa Casa de Curitiba ainda funcionava na Rua Direita (atual Rua 13 de maio), na casa que havia sido doada para a Irmandade, em 1855, pela loja maçônica *"Candura Coritibana"*. Neste hospital, durante o ano de 1873, segundo o Dr. Murici, foram atendidos 50 enfermos, na sua grande maioria de imigrantes.

O Dr. Murici relatou que o hospital era muito acanhado e carecia de material para o seu serviço interno. A roupa era pouca, estava já muito usada e quase sempre imprestável. O pessoal do hospital, se bem que insuficiente, prestava excelentes serviços.

Referiu-se ao enfermeiro Laurentino José da Silva, empregado digno dos maiores elogios pela honradez, dedicação e humanidade que revelava no exercício de suas funções, além de acumular satisfatoriamente os cargos de administrador do hospital e de amanuense. Este empregado recebia apenas o insignificante ordenado 40$000 (quarenta mil réis) mensais, e que graças ao seu zelo, a escrituração achava-se em dia.

O Dr. Murici informou que, por vezes, por falta de acomodações, recorreu a caridade do digno cidadão Laurentino José da Silva e a de outros, para que recebessem os enfermos em suas casas, onde os visitava e prestava-lhes todos os socorros precisos para o seu tratamento.

Também digna de elogios era a ex-demente Marcolina, que serviu de enfermeira e cozinheira e que, no tratamento dos doentes, mostrava-se dotada de incomensuráveis sentimentos de caridade. Esta mulher alienada tinha recuperado o juízo após dois anos de estada no hospital.

Em sinal de sua gratidão pelos benefícios que recebera da Santa Casa, ofereceu-se para servir gratuitamente de enfermeira por um ano. Entretanto, após dois anos de ter expirado o prazo para o qual prometera seus serviços, continuou no hospital, sempre com o mesmo zelo e com a mesma boa vontade, independente de qualquer recompensa pecuniária, contentando-se tão somente com a alimentação que recebia.

O Dr. Murici lastimava que tão valiosos serviços não recebessem a menor remuneração por causa do miserável estado das finanças da Irmandade. Lamentava também ter sido forçado, pela penúria de meios, a dispensar do cargo de ajudante de enfermeiro e cozinheiro, o cidadão Guilherme José Corrêa, um empregado de confiança que tanta falta faria, porque acumulava também o lugar de zelador das insígnias[1] e alfaias[2] da Irmandade e o de andador[3].

Na ata da reunião da Irmandade, realizada aos seis dias do mês de outubro de 1878, no consistório da igreja que servia de Matriz, consta que: o irmão provedor (Dr. Murici) deu ciência aos presentes, entre outras ocorrências,

> *"que em atenção aos bons serviços prestados pelo enfermeiro mandou no dia do enterramento do seu cadaver fornecer o carro funebre da Irmandade para condusilo ao cemitério. Que para preencher a vaga desse empregado chamou Pedro Alvares Cabral(4), que, pela pratica de que dispõe, reunida a sua bôa vontade e zelo, cumpre bem os seus deveres."*

(1) Insígnias: sinal distintivo que é atributo de poder, de dignidade, de posto, de comando, de função, de classe, de corporação, de confraria etc.; símbolo, emblema, estandarte, divisa.

(2) Alfaias: qualquer móvel ou utensílio usado em uma casa; objeto utilizado como adorno; enfeite, joia.

(3) Andador: diz-se do irmão que, em confraria ou irmandade, se encarrega de fazer entregas, pequenas cobranças, levar recados etc.

(4) No Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Provincia do Paraná para o anno de 1877, editado no Rio de Janeiro, por Dias da Silva Junior, consta que Pedro Álvares Cabral era enfermeiro do Hospital Militar que funcionava em um compartimento do Hospital de Caridade. Os médicos do Corpo de Saúde do Exército eram os doutores: José Candido da Silva Murici, Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque e Trajano Joaquim dos Reis.

O ARQUITETO DO HOSPITAL DA SANTA CASA DE CURITIBA

Em 09 de junho de 1852 a Loja Maçônica Fraternidade Curitiba transformou-se em Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Instalada inicialmente em edifício ao lado da Igreja Matriz, cuja propriedade resultara de doação testamentária do Padre Antônio Teixeira Camello, não possuía hospital. Apenas em 1855, graças ao recebimento do patrimônio de outra loja maçônica, a Candura Curitibana, foi possível estabelecer um hospital à Rua Direita (hoje 13 de Maio), esquina da rua do Nogueira, depois chamada de Rua da Graciosa (atual Barão de Serro Azul).

Embora o antigo templo maçônico tivesse sofrido algumas ampliações, nunca foi adequado para o funcionamento do hospital, além de albergar a enfermaria militar. José Cândido da Silva Murici, médico do hospital, que se tornara provedor da Irmandade, vivendo suas deficiências, entregou-se inteiramente ao projeto da construção de um edifício que satisfizesse efetivamente as necessidades da capital da Província, que atravessava um notável surto de progresso.

A construção, situada em terreno que a municipalidade doara no alagadiço do Campo da Cruz das Almas, faz parte da contribuição dos imigrantes alemães ao progresso da cidade, pois foram quase exclusivamente eles e seus descendentes que nela trabalharam. Gustavo Hermann Strobel em seu "Relato de pioneiro da imigração alemã" faz uma vívida descrição do labor de marceneiros, carpinteiros, entalhadores, mestres de obras, pedreiros, todos teutônicos, durante os doze anos que decorreram até seu término.

Os cronistas registraram os nomes destes obreiros, muitos dos quais no futuro constituíram famílias tradicionais na cidade, como os Strobel, Merlo, Dietrich, Moeckel, Peter, Mann, Warneck e Schiebler. Se, por um lado, os nomes dos obreiros estão guardados nos relatos da imigração germânica, dúvidas persistem sobre quem teria sido o autor do projeto arquitetônico do hospital que Bigg-Whitter, em 1875, comparou com os que haviam em Londres.

August Strobel afirma que a planta e a supervisão das obras do Hospital de Caridade foram de responsabilidade do engenheiro Wieland. Carl Gotlieb Wieland foi um engenheiro alemão de destacada atuação no Paraná. Administrador da Colônia Assungui, de 1861 a 1864, veio para Curitiba e trabalhou em obras rodoviárias, como a ponte do rio dos Papagaios e a estrada da Graciosa, além de ter participado das obras da catedral e da Santa Casa. É seu o projeto da Farmácia Stellfeld na praça Tiradentes. As construções da catedral e do Hospital de Caridade foram em parte simultâneas e nas duas a contribuição dos imigrantes alemães foi decisiva. Durante a construção da catedral, quando se deveria "assestar a cobertuira" de madeira verificaram-se ameaçadoras rachaduras nas paredes laterais. Encarregado de resolver o problema, Wieland fez instalar pesadas ancoragens de aço, que permitiram a colocação de um arremate de pedra e convocou Heinrich Henning para a condução dos trabalhos. Esta participação terminou por levar à tragédia da Cruz do Alemão, com o assassinato de Henning.

Romário Martins, mestre reconhecido na historiografia do Paraná, a propósito da obra do Hospital de Caridade escreveu que ela ainda hoje honra a elevada visão dos que a idealizaram: o Dr. Murici, como médico, e o engenheiro Monteiro Tourinho, como arquiteto. Acreditamos que o fato de Monteiro Tourinho, como engenheiro do Estado, ter servido como fiscal do emprego da verba destinada pelo presidente Lamenha Lins ao término da construção possa ter induzido Romário ao equívoco de atribuir-lhe a autoria do projeto arquitetônico. Quem foi, afinal, o arquiteto do mais belo e antigo edifício histórico da cidade? Gottlieb Wieland? Moritz (ou Mauricio) Schwartz? Monteiro Tourinho?

A colocação da pedra fundamental do Hospital de Caridade da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba aconteceu em 08 de março de 1868. O jornal Dezenove de Dezembro noticiou que a festa foi prestigiada por um grande número de senhoras e cavalheiros dos mais graduados da sociedade. A pedra foi abençoada pelos vigários Agostinho e Albino e pelo padre Gabriel. Após a benção, o provedor, o Dr. José Cândido da Silva Murici solicitou às autoridades, entre elas o presidente da província José Feliciano Horta de Araujo, que depositassem no receptáculo da pedra um manuscrito historiando os fatos notáveis da Irmandade e um exemplar do Dezenove de Dezembro. O presidente da Assembleia, comendador Antonio Alves de Araujo, depositou um vaso com moedas de diversas procedências e em seguida diversas pessoas depositaram cartões de visita, entre elas o Dr. Murici, um com seu retrato. Durante a cerimônia havia música e subiam ao ar inúmeros foguetes.

Sonhou alto o benemérito baiano e planejou um edifício de extraordinárias dimensões, ao qual o relatório do presidente da província Frederico José Cardoso de Araujo Abranches, de 15 de fevereiro de 1874, assim se refere:

> *"Com minha assistência procedeu-se no dia 9 de agosto ao levantamento da cumieira do elegante edifício do hospital, cujas obras tiveram grande incremento no anno findo...O seu todo apresenta uma perspectiva imponente e reúne a precisa solidez. Vai ficar o primeiro edifício da província".*

Ainda sobre o mistério do responsável pela obra, o Pastor Wilhelm Fugmann, no livro "Os alemães no Paraná", afirma, a propósito do Hospital, que o projeto foi obra do arquiteto alemão Moritz Schwartz, que em relatórios diversos também é citado como Mauricio Schwartz ou Schwarcz ou Schwarz ou Schwad.

Moritz Schwartz foi engenheiro da província em 1859 e trabalhou com Gottlieb Wieland e Monteiro Tourinho na construção da estrada da Graciosa e na estrada de Mato Grosso. Em 10 de abril de 1869 casou com D. Francisca de Olympia de Sá Sottomaior, com quem teve sete filhas. O decreto nº 4674 do Governo Imperial, de 10 de janeiro de 1871, concedeu aos engenheiros Antonio Pereira Rebouças Filho, Francisco Antonio Monteiro Tourinho e Mauricio Schwartz os privilégios para a construção da estrada de ferro Antonina-Curitiba; em 1874, esses direitos concessionários foram transferidos para o Barão de Mauá.

Em 1871, junto com os engenheiros Monteiro Tourinho e Henrique Eduardo Hargreaves, Shwartz construiu o chafariz da praça Zacarias, canalizando a nascente existente no Largo da Cruz (praça Rui Barbosa), ideia do engenheiro Antonio Pereira Rebouças Filho.

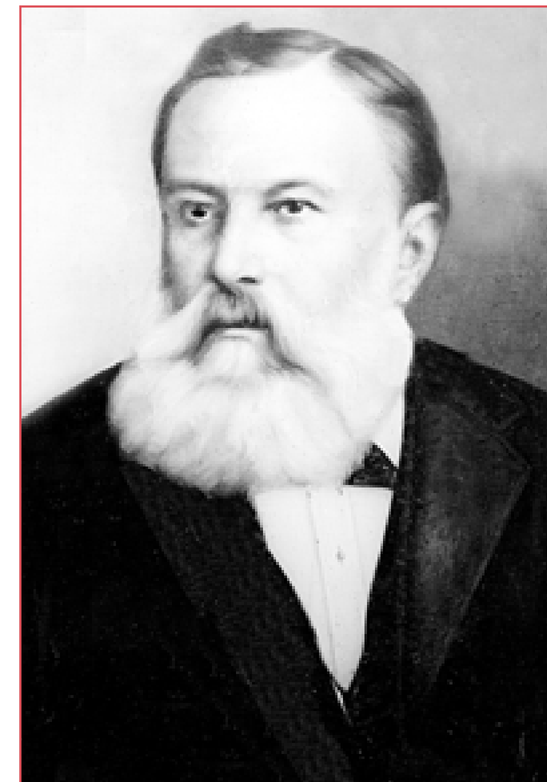
Quem nos esclarece sobre quem foi o arquiteto do Hospital de Caridade é o Dr. Murici, nos seus relatórios da Santa Casa de Misericórdia de 1868 e 1870. No "Relatorio da Santa Casa de Misericordia desta capital, apresentado na assembleia geral da irmandade no dia 6 do corrente, pelo provedor Dr. José Candido da Silva Murici" publicado no jornal Dezenove de Dezembro de 16 de dezembro de 1868, onde relata:

> *"Releva não esquecer, tratando deste assumpto, de mencionar o nome dos dignos engenheiros os Srs. Wieland e Shwartz que gratuitamente se prestaram escolher comigo o local, riscar a planta, nivelar o terreno, fazer a inscripção da pedra fundamental e guiar-me com suas luzes de modo mais ecomomico de fazer as diversas empreitadas"*

No relatório de 08 de dezembro de 1870 publicado no Dezenove de Dezembro, em 17 de dezembro, o provedor Dr. Murici foi mais explícito:

> *"... Conhecendo e apreciando devidamente as qualidades do digno representante desta provincia o Exmo. Sr. Dr. Manoel Francisco Corrêa, dirigi-me a ele para nos obter uma loteria. Envidou ele todos os esforços: faltou porem ao requerimento que fiz, ser acompanhado da planta do edifício e seu orçamento que gratuitamente foi copiada pelo distincto engenheiro Wieland que, como sempre, tem trabalhado para o hospital. ... Recomendo o nome do Exmo. Sr. Dr. Manoel Francisco Corrêa a nossa gratidão pelo interesse e boa vontade que por mais de uma vez tem provado a favor de nossa irmandade. Recomendo-vos igualmente o nome dos engenheiros Mauricio Schwartz e G. Wieland, prestando-se – o primeiro a dirigir as obras do novo hospital de que fez a planta, o segundo a examina-las a miúdo, prestando-se a qualquer trabalho como aquelle que acabo de citar. Os serviço deste habeis engenheiros, sendo aliás de importância, ocupando-lhes não pouco tempo, que lhes é precioso, tem sido gratuitamente oferecidos em beneficio da humanidade."*

Assim, ficamos sabendo que os dois engenheiros alemães Mauricio Schwartz e Gottlieb Wieland foram responsáveis, respectivamente, pelo projeto e pela supervisão das obras do Hospital de Caridade da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba que, após 139 anos da sua inauguração, continua prestando relevantes serviços à população de Curitiba e do Paraná.



Gottlieb Wieland.

Dr. ANTONIO CARLOS PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE



O Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque nasceu na Bahia, em 28 de janeiro de 1842, filho de José Pires de Carvalho e Albuquerque e Maria Clara da Silva Tavares. Descendia de tradicional família baiana; entre seus ancestrais estavam Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, visconde de Pirajá, Francisco Estevão Pires de Carvalho e Albuquerque, barão de Jaguaribe e José Pires de Carvalho e Albuquerque, senhor da Torre de Garcia DÁvila. Formou-se médico, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1865. Nomeado 2º Cirurgião Tenente do Corpo de Saúde do Exército, por decreto de 10 de janeiro de 1865.

Casou-se em segundas núpcias com Josefina Cândido Murici, filha do Dr. José Cândido da Silva Murici que, como o Dr. Pires, era baiano, médico e oficial do exército. É avô do general Valter Pires de Carvalho e Albuquerque, que nasceu em Paranaguá, em 06 de junho de 1915, e que foi ministro do Exército no governo do presidente João Figueiredo. O pai do general Pires era Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque, que também era oficial do Exército e foi comandante da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, na Ilha do Mel. Em maio de 1879, já como capitão, o Dr. Pires foi nomeado delegado do cirurgião-mor do Exército no Paraná, em substituição ao Dr. Murici, que morrera no dia de 20 de março.

Eleito provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba em 1879, para suceder o Dr. Murici, foi reeleito sucessivamente de 1880 a 1887. Foi o responsável pela conclusão das obras do Hospital de Caridade e o inaugurou em 22 de maio de 1880, com as augustas presenças do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Thereza Christina Maria. Na ocasião, fez um longo discurso elogiando o Dr. Murici, que foi inclusive lembrado e registrado por D. Pedro II em seu diário.

"(...) Mas, Senhor, e Senhora. porque esta comoção que divisa em todos os semblantes?! porque todos teem lagrimas nos olhos em tão solenne momento?! Elles teem razão! e com elles pranteio a falta do venerando irmão provedor Dr. José Candido da Silva Murici, Dr. Murici! Este nome, Senhor, traduz uma vida inteira de abnegacão, de esforços, de nobres commettimentos, de sacrificios, de dedicação á causa da humanidade! A população inteira desta capital sabe que a esse distincto cidadão deve a província a hospital que hoje se inaugura: todos sabem as difficuldades que elle teve que vencer, assim como reconhecem que elle jamais esmorecera aos obstaculos que se lhe antolharam, e que prostrado no leito dos soffrimentos, e já a apagar-se-lhe a luz da vida, ainda o seu pensamenlo estava preso á esta grandiosa obra, para cuja realisacão puzera em contribuicão todas as suas forcas, a saude, a sua vida emfim. Quem de todos os presentes não tem a palavra – Murici – gravada no íntimo do coração? Qual a família á cujas alegrias e soffrimentos não esteja esse nome intimamente ligado? Qual a morada luxuosa ao miseravel mansarda, sobre a qual não tivesse adejado esse anjo de esperança e caridade, restituindo á vida, ora o filho querido, ora o idolatrado esposo, ora o terno e estremecido irmão? Mas não perturbemos a paz, que na mansão das justos, entre os eleitos de Deus, deve gozar aquelle que por suas virtudes, rara abnegação e dedicação á humanidade, tão querido e venerado foi na terra, onde tantos beneficios espalhára; daquelle que. nesta hora solemne de lá nos dirige uma palavra de animação e coragem, e sorri-nos, contemplando a realisação de sua obra(...)".

Trecho do discurso do Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque por ocasião da inauguração do prédio do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.

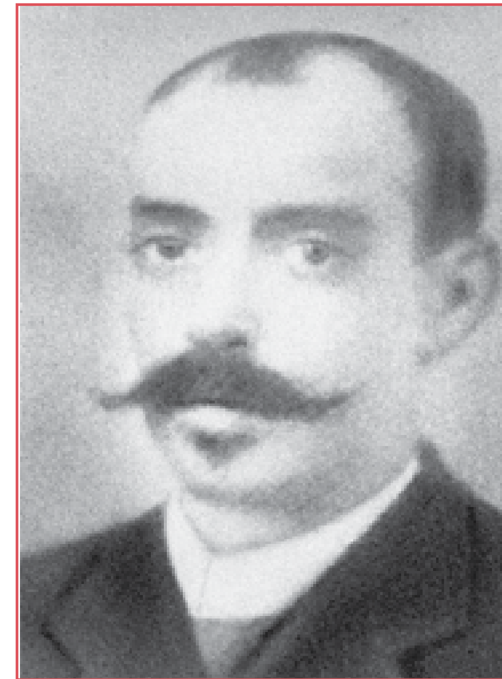
Além de provedor, o Dr. Pires foi o único médico da Santa Casa de Curitiba de 1879 até 1887, quando foi transferido para o Rio Grande do Sul. Recebeu a Medalha Geral da Campanha do Paraguai e a Medalha Comemorativa da Guerra contra o Paraguai. Em 1880 foi condecorado como Cavaleiro da Ordem da Rosa pelos relevantes serviços prestados à Província do Paraná. Em 1882 foi nomeado Cavaleiro da Ordem de São Bento d'Aviz e, em 1890, foi condecorado com o grau de Oficial da mesma Ordem de Aviz.

Por decreto nº 9554 de 03 de fevereiro de 1884 foi reorganizado o serviço de Saúde do Império. O Dr. Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, em 27 de fevereiro do mesmo ano, foi nomeado como o primeiro Inspetor de Higiene da Província do Paraná, o que hoje equivale ao Secretário Estadual de Saúde. Em 1903, como general de brigada, foi Chefe do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. Morreu aos 62 anos, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 17 de julho de 1904.

MÉDICOS PIONEIROS DA SANTA CASA DE CURITIBA



A maioria dos professores pioneiros da Faculdade de Medicina do Paraná eram também, médicos pioneiros da Santa Casa de Curitiba. Em destaque o Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos, médico da Santa Casa de 1894 a 1918 e primeiro professor nomeado para a cadeira de Psiquiatria; Dr. João Evangelista Espíndola, médico da Santa Casa de 1895 a 1930 e diretor do Hospital de Caridade por mais de 20 anos, catedrático da cadeira de Higiene; Dr.Victor Ferreira do Amaral e Silva, um dos fundadores da Universidade do Paraná, seu primeiro reitor e o primeiro catedrático de Obstetrícia e Ginecologia, foi médico do Hospital de Caridade de 1898 a 1930; Dr. José Guilherme de Loyola, médico da Santa Casa desde 1901, professor de Clínica Neurológica e Psiquiátrica; Dr. Miguel Severo de Santiago, médico do Hospital de Caridade desde 1902 e primeiro catedrático de Anatomia Descritiva; Dr. Joaquim Pinto Rebello, médico da Santa Casa por quase 50 anos, desde 1911, e primeiro catedrático de Clínica Cirurgia Infantil e Ortopedia; Dr. Szymon Kossobudzki, médico da Santa Casa de 1913 a 1934, iniciou o ensino da Clínica Cirúrgica e é o patrono do ensino da cirurgia no Paraná; Dr. João Cândido Ferreira, catedrático que inaugurou o ensino de Clínica Médica na sua enfermaria do Hospital de Caridade, onde trabalhou desde 1913; Dr. Francisco Martins Franco, médico do hospital de Caridade desde 1916, catedrático de Propedêutica Médica; Dr. Miguel Isaacson, médico da Santa Casa desde 1923 e chefe das enfermarias Santa Ana e Santa Rosa na Santa Casa, catedrático de Ginecologia.



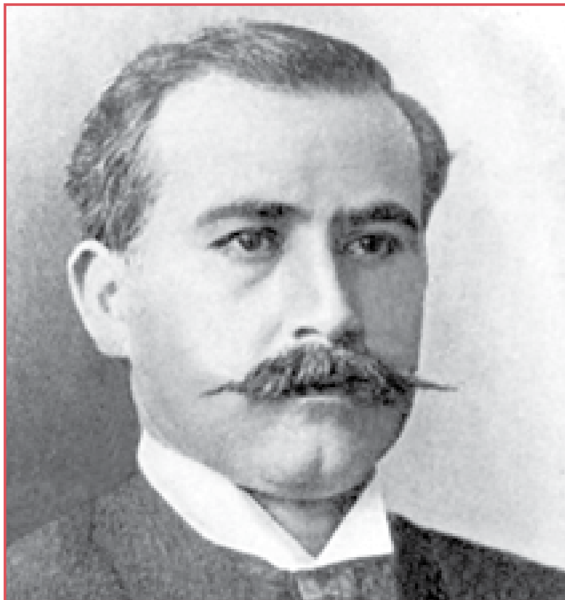
Antonio Rodolpho Pereira de Lemos

Foi nomeado o primeiro Médico da Polícia, em 22 de junho de 1892, e exerceu a função de primeiro Diretor do Serviço Médico Legal, de junho de 1892 a junho de 1894. Foi capitão médico do Regimento de Segurança Pública. Foi precursor da psiquiatria no Paraná e foi o primeiro professor nomeado para a cadeira de Psiquiatria na Universidade do Paraná. Seu trabalho em prol dos alienados confunde-se com a história da Santa Casa de Curitiba onde foi médico desde 1894. Foi diretor clínico do Hospital de Caridade até 1902 e, sob sua orientação, foram construídos os primeiros pavilhões do Hospício N. S. da Luz, onde foi diretor de 1904 até a sua morte, em 24 de novembro de 1918, vítima da febre espanhola.

João Evangelista Espíndola

Gaúcho da cidade de São Pedro, nasceu em 27 de dezembro de 1860. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1883. Trabalhou em Paranaguá, como Inspetor de Saúde do Porto. Foi médico da Santa Casa de Paranaguá. Em 1894 transferiu-se para Curitiba. Em 1895 foi nomeado médico-adjunto do Exército e médico da Santa Casa de Curitiba. Foi Diretor do Hospital de Caridade de 1903 a 1928. Jornalista de mérito, escreveu em diversos jornais de Curitiba. Um dos redatores da Gazeta Médica do Paraná, o primeiro periódico médico paranaense em 1901. Em 1907 realizou a primeira operação cesariana do Paraná, auxiliado por Reinaldo Machado. Foi deputado estadual e professor da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Paraná. Morreu em Curitiba, no dia 09 de janeiro de 1934.





Victor Ferreira do Amaral e Silva

Nasceu na Lapa, no dia 09 de dezembro de 1862. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1884. Em 1897 foi nomeado médico legista da Polícia. Em 1898 efetivou-se no corpo clínico do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, onde trabalhou por mais de 30 anos e ocupou a chefia da enfermaria de ginecologia. Foi um dos fundadores da Universidade do Paraná e seu primeiro reitor. Foi o primeiro Catedrático de Obstetrícia e Ginecologia e diretor da Faculdade de Medicina, até 1946. Foi vereador, deputado estadual e federal. Morreu em Curitiba, no dia 02 de fevereiro de 1953, aos noventa e um anos de idade.



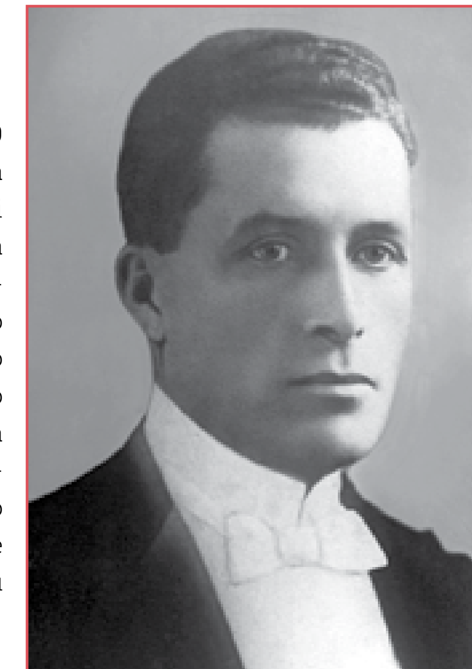


José Guilherme de Loyola

Nasceu em 16 de janeiro de 1874, em São João da Graciosa, Paraná. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1899. Em 1901 entrou no corpo clínico da Santa Casa de Curitiba. Diretor do Serviço de Medicina Legal da Polícia, de 1900 a 1904. Primeiro diretor do Hospício N. S. da Luz, inaugurado em 1903. Foi deputado do Congresso Legislativo do estado do Paraná de 1902 a 1906. Diretor do Serviço de Higiene do Estado de 1908 a 1912. Professor da Universidade do Paraná desde sua fundação. Em 1917 e 1918 ficou na regência da cadeira de Física Médica. De 1919 a 1923 ocupou a cadeira de Clínica Neurológica e Psiquiátrica e, até 1930, a de Psiquiatria. Faleceu em Curitiba no dia 23 de outubro de 1951.

Miguel Severo de Santiago

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 29 de março de 1876 e formou-se em 1901 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi médico do Hospital de Caridade da Santa Casa de Curitiba a partir de 1902. Foi o primeiro toxicologista do Paraná. Em 1904 organizou o Instituto de Identificação e Serviço Médico Legal, onde foi diretor até 1919. Foi o primeiro professor catedrático de Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina do Paraná e seu secretário. Foi um dos fundadores e secretário do "Paraná Médico", publicação da Sociedade de Medicina do Paraná, de 1916 a 1918. Faleceu em Curitiba, no dia 6 de abril de 1919.



Joaquim Pinto Rebello

Nasceu em São João da Graciosa, Paraná, em 25 de fevereiro de 1876. Formado em Farmácia e Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Pioneiro da Universidade do Paraná, era professor desde 1913 na cadeira de História Natural Médica e, a partir de 1918, na cadeira de clínica pediátrica médica e higiene infantil. Em 1922 optou pela cátedra de clínica cirúrgica infantil e ortopedia e permaneceu na função até aposentar-se, em 1950. Chefiou o Serviço de Saúde do Exército no Paraná e em Santa Catarina. Encerrou a carreira militar como general médico. Foi médico da Santa Casa de Curitiba desde 1911 até o final da vida profissional e, de 1928 a 1931, foi diretor clínico do Hospital de Caridade. Faleceu em Curitiba, no dia 25 de agosto de 1962.





Szymon Kossobudzki

Nasceu, no dia 28 de outubro de 1869, em Plock, província da Mazóvia, na Polônia. Em 1895 obteve o título de doutor na Universidade de Kazan, capital da Tartária. De 1901 a 1907 chefiou a clínica cirúrgica da Universidade de Varsóvia. Chegou no Brasil em março de 1907 e fixou residência em São Mateus do Sul, no Paraná. Em 1913 iniciou suas atividades na Santa Casa de Misericórdia e permaneceu no Hospital de Caridade até a sua morte. Em 1916 iniciou o ensino da clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina. É considerado o patrono do ensino da cirurgia na Universidade do Paraná. Foi um dos sócios fundadores da Associação Médica do Paraná e das agremiações que lhe deram origem. Morreu em Curitiba, no dia 08 de julho de 1934.

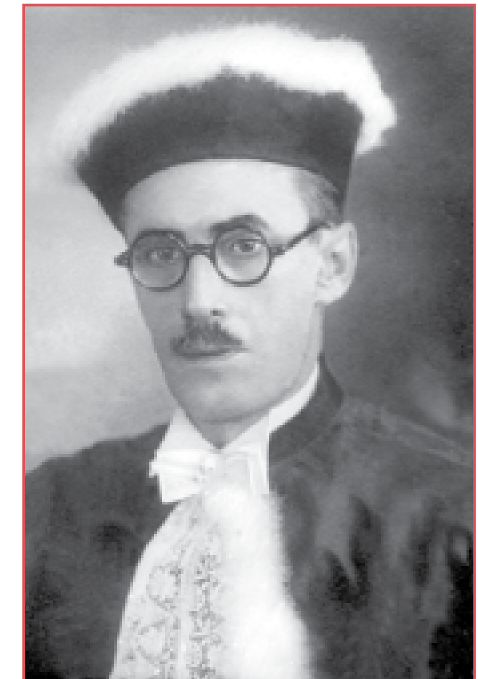


João Cândido Ferreira

Nasceu na Lapa, Paraná, no dia 21 de março de 1864. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio Janeiro em 1888. Eleito prefeito municipal da Lapa em 1892. Durante o histórico cerco da Lapa, João Cândido dirigiu o Hospital de Sangue e assistiu aos últimos momentos de vida do General Carneiro. Foi eleito deputado estadual em 1896 e deputado federal em 1901. Em 1904 foi eleito vice-presidente do Paraná e, em 1907, presidente do Estado, mas renunciou ao cargo e voltou a dedicar-se exclusivamente à medicina. Passou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba chefiando uma das enfermarias. Em 1913 foi estudar em Paris e na volta tornou-se catedrático da cadeira de clínica médica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná. Em 1916 inaugurou o ensino clínico na enfermaria que chefiava na Santa Casa. Exerceu a cátedra por três décadas. Morreu em Curitiba, no dia 20 de fevereiro de 1948.

Francisco Martins Franco

Nasceu em Curitiba, no dia 17 de março de 1888. Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1913. De 1915 a 1917 foi assistente da cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Paraná; em 1917, passou a reger interinamente a Clínica Propedêutica Médica e foi elevado a catedrático em 1918. Com a reforma do ensino superior de 1931, coube-lhe em 1932 a primeira cadeira de Clínica Médica. Foi secretário da Faculdade de Medicina do Paraná de 1922 a 1933. Como médico da Santa Casa de Misericórdia, desde 1916, chefiou a enfermaria Santa Isabel e exerceu a direção clínica do hospital, em 1932. Em 1933 acumulou os cargos de diretor do Departamento de Saúde Pública do Paraná e de secretário do Interior e Justiça. Morreu em Curitiba, no dia 08 de maio de 1939.



ANDRÉ DE BARROS

por Valério Hoerner Júnior

O prático-farmacêutico André de Barros foi provedor da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba no período de 1920 a 1922. André de Barros foi, com respeito à Instituição, incansável e zeloso. Conseguiu melhoramentos apreciáveis e deu início à instalação de um laboratório de análises clínicas que seria o embrião do atual.

Era muito popular na cidade. Conta-se que passava horas a fio ouvindo queixas dos doentes. Eles o procuravam para que indicasse os remédios por ele mesmo preparados. Talvez seja essa uma faceta estranha para os nossos dias, mas tal procedimento o fazia, cada vez mais, chegar-se aos simplórios e assíduos fregueses. Ou clientes?

É sabido que, na cidade, André de Barros atendia a grande número de doentes, desde crianças com sarampo até velhos surdos; desde braços destroncados de crianças travessas ao mal das urinas dos trôpegos.

Em 1923, Augusto Gonçalves Loureiro, vice-provedor no exercício da provedoria da Santa Casa, apresentou os relatórios referentes aos dois anos anteriores, justificando, como ele mesmo o disse, em virtude da moléstia que atingira André de Barros. Os pontos abordados no relatório eram basicamente os mesmos de todos os anos, salvo uma e outra ocorrência de caráter especial. Assim, quanto ao patrimônio, diz ele que evoluíra em mais de quinhentos contos, face às avaliações das propriedades da Irmandade. Não houvera donativo algum.



André Pinto de Barros era filho de Miguel Pinto de Barros e Gabriela Ferreira dos Santos. Nasceu na Vila da Conceição do Norte, então Província de Goiás, em 1855. Aprendeu a ler, escrever e contar em sua cidade natal. Ao entrar para o exército, serviu como enfermeiro em um batalhão de infantaria, unidade que, depois da guerra com o Paraguai, foi deslocada para Curitiba. Foi assim que chegou o notável cidadão à capital do Paraná. Foi, então, transferido para a Enfermaria da Circunscrição Militar, órgão que daria origem ao Hospital Militar.

Nessas funções, foi-se afeiçoando ao preparo de remédios, conhecimentos que lhe seriam úteis no futuro. Antes da proclamação da República, deu baixa do Exército e abriu uma farmácia com bastante freguesia. Construiu um prédio na Rua da Assembléia, atual Dr. Murici, cuja farmácia ali instalada possuía a razão social André & Carriel. Esse estabelecimento foi destruído por um incêndio de expressiva monta, o maior ocorrido em Curitiba, pois além de destruir diversas construções, causou incontáveis vítimas. Reconstruído o edifício e reinstalada a farmácia no mesmo local, prosseguiu por conta própria.

GAZETA DO POVO

Propriedade da EMPREZA GRAPHICA PARANAENSE

Redactor Chefe: Acir Guimarães — Gerente: Dr. Placido e Silva

Anno VI - Curityba, 12 de Janeiro de 1924 - N. 1.457

A inauguração da herma de André de Barros

AS SOLEMNIDADES DESSE ACTO. — OS DISCURSOS



João Turin, o primoroso autor da herma de André de Barros.

Hoje, às 9 horas da manhã, conforme fora annunciada, teve logar a inauguração da herma de André de Barros, mandada executar pela directoria da Santa Casa de Misericordia, como preito de reconhecimento ao abnegado bemfeitor desse estabelecimento de caridade, cujo trabalho foi executado pelo talentoso esculptor João Turin.

Após a missa pela alma do homenageado, o Coronel Anibal Guimarães Carneiro, provedor desse estabelecimento pio, convidou os srs. Octavio Santos e dr. João Evangelista Espindola, para descobrir a herma.

[illegible] Coronel Anibal Guimarães Carneiro, com as seguintes palavras:

"Carissimos irmãos.

A administração da Santa Casa de Misericordia pela voz do seu primeiro representante, vem num movimento de inextinguivel gratidão, dar cumprimento a deliberação, tomada em reunião da Mesa, de perpetuar a memoria de André de Barros em monumento erigido, no Hospital de Misericordia.

Ali está o symbolo, do grande, do maior protector da nossa Instituição, daquelle que, de muitos annos a esta parte, vinha em continuas dadivas suprindo necessidades mais urgentes, auxiliando-nos nesta campanha do bem em que nos vemos empenhados vae para mais de cincoenta annos.

O seu retrato já está figurando ao lado dos nossos bemfeitores, mas esta suprema honra que hoje corporificamos na herma, especialmente assim pela primeira vez, o sentimento de imorredouro reconhecimento da Irmandade, accentuará aos que vierem depois de nós, que significa ella.

André de Barros, todos vós o sabeis, foi um humilde, uma simples praça de pret que o destino, em hora feliz, ha 45 annos talvez trouxe para nossa terra.

Destacado para o Hospital Militar desta capital ahi iniciou a carreira que depois abraçou, com tanta fé e amor ao trabalho, servindo como pratico da respectiva pharmacia.

Era um campo muito resumido para as suas aspirações. Tempos depois empregou-se na antiga Pharmacia Correia, á rua 15 de Novembro, pela sua dedicação e louvavel esforço, captou desde logo a sympathia do saudoso pharmaceutico João Francisco Correia, seu chefe e amigo, que o teve sempre em subida conta.

Mas, espirito talhado para grandes emprehendimentos, não podia permanecer muito tempo em circulo tão restricto. Poucos annos depois, com o seu camarada e amigo José Pedro da Silva Carriel, fundou o estabelecimento de pharmacia intitulado "André de Barros".

Entrou a crescer na popularidade e na estima publica. Com a prosperidade da pharmacia, avoluma-se-lhe [illegible] o espirito caridoso [illegible] do nosso homenageado.

A mancheias distribuia remedios gratuitos á pobreza e com tanta frequencia que o seu nome começou a ser repetido e mesmo endeusado como um dos grandes philantropos do Paraná.

Entrou, tambem, a se lembrar de nós, com o primeiro donativo ao tempo em que foi feito de subidissimo valor. Quero referir-me á bella armação da nossa pharmacia no valor approximado de nove contos de réis, então. Nem mesmo das falhas eventuaes de que se resentia a nossa Pharmacia, ou preparados caros e que adquiriamos em sua casa, jamais nos apresentou a menor conta. Diversas vezes nos fez presentes, nas nossas aperturas permanentes de importancias avultadas para pagamento de facturas de medicamentos. E, outros, muitos outros que seria longo enumerar.

Pois bem, meus senhores, foi esse homem, mesmo que tendo vindo pela lei do destino collaborar na nossa obra de progresso que, tambem pela da fatalidade, foi arrebatado á Sociedade Paranaense que tanto o admirava pelas excelsas virtudes, que entregou á nossa Instituição todo o remanescente de toda sua grande fortuna.

Como provedor e em nome da pobreza do Paraná, eu direi inaugurando o monumento: Que Deus, na sua infinita bondade, no seu gesto divino de abençoar os que foram bons conserve-o lá nas alturas como um dos seus apostolos da caridade.

Honra á sua memoria".

Em seguida o dr. E. Espindola, Chefe do Serviço da Santa Casa de Misericordia, [illegible]

[illegible] apoiando [illegible], a [illegible] social do extincto ora no cargo de Provedor amparando desde longos annos, a grande Instituição, nas suas mil e uma necessidades, com os recursos da sua farta bolsa, ora um de simples particular, particularisando as grandes virtudes da caridade que foram como que uma energia concentrada de toda a alma do grande bemfeitor da Santa Casa.

Falava em nome dos seus collegas do Hospital.

Ainda, a pedido da administração, o dr. Espindola, a seguir, apresentou á extraordinaria e selecta assistencia o sr. João Turin o habil esculptor, que tão brilhantemente acabava de affirmar os seus foros de vencedor artistico, apresentando um trabalho que se dirá um instantaneo photographico a reproduzir a alma do grande philantropo. E' a herma mais fiel ao original que jamais vimos, terminou, abraçando o querido patricio.

A banda de musica das "Operarias do Bem", executou diversas peças do seu repertorio, dando mais brilho as solemnidades. Foi grande o numero de pessoas que compareceu á inauguração da herma.

Quanto ao trabalho artistico da herma de André de Barros, revela o talento do nosso conterraneo João Turin, que deixou de ser uma esperança para ser um verdadeiro artista.

Os traços phisionomicos de André de Barros, estão perfeitamente coordenados, recommendando o primoroso artista.

ALBERTO DE OLIVEIRA

Amanhã ás 15 horas, será logar a sessão do Instituto Pithagorico, em homenagem ao eminente homem de letras Alberto de Oliveira, que actualmente é hospede da nossa capital.

Essa recepção promovida pelo tribuno paranaense professor Dario Vellozo, será a homenagem que o Instituto Pithagorico presta ao maviosó cantor de "Meridionaes" e impeccavel parnasiano do "Livro de Ema".

Para essa reunião, convida-se os admiradores do grande vate, e todas as pessoas que desejem abrilhantar a recepção.

Excerto sobre a inauguração do busto de bronze de André de Barros, obra de João Turin.

André de Barros é descrito como pessoa de média estatura, cheia de corpo, pendendo para adiposo, olhos empapuçados desde moço, pele morena com fisionomia meio índia, meio mulata, e boca larga. Cabelos curtos com calva frontal, taciturno. Raras vezes sorria, olhar triste e paciente. Popular e confiável, quando faleceu, em 1923, perto dos setenta anos, foi chorado por todos os que recebiam de suas mãos o amparo que atenuava seus padecimentos. Sua bondade era conhecida até fora dos limites da capital.

Ao sentir-se doente e já afastado de suas funções de provedor da Santa Casa, pediu ao amigo Gabriel Ribeiro, notário de Curitiba, que o orientasse para distribuir o seu legado, pois foi durante toda a vida parcimonioso nos gastos, amealhando por isso grande fortuna. Possivelmente, uma das maiores que o Paraná teve. Aberto o testamento, verificou-se que aquinhoou diversas pessoas de sua intimidade e auxiliares. Sua casa, por exemplo, situada na atual Praça Osório, foi legada à sua empregada doméstica, além de boa importância em dinheiro.

Muitas instituições de caridade e religiosas beneficiaram-se de sua lembrança: a Santa Casa de Misericórdia de Goiás, sua terra natal; a Santa Casa de Paranaguá; o Asilo São Vicente de Paula, da cidade da Lapa; a Sociedade de Socorro aos Necessitados, o Orfanato de São Luiz, Maternidade e Orfanato do Cajuru, o Albergue Noturno e a Cruz Vermelha do Paraná. Para a Igreja do Senhor Bom Jesus de Iguape deixou cinquenta libras esterlinas em ouro, como pagamento de uma promessa.

O remanescente de seus bens, prédios, terrenos e títulos da dívida pública da União, foi legado à Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, o que na época representou fabuloso presente. Alguns registros dão esse valor como superior a 1.300:000$000 (mil e trezentos contos de réis), quantia esta capaz de solucionar todos os problemas que permanentemente afligiam os provedores da Santa Casa. Sua memória foi honrada pela Irmandade. Seu retrato, pintado a óleo, foi colocado na galeria de honra do Salão Nobre. Seu busto de bronze permanece no jardim de entrada do hospital. Seu nome ainda aparece em uma das alas do hospital, justamente a mesma que fora construída com os recursos que ele próprio legara.

O túmulo de André de Barros, situado no lado Oeste do Cemitério Municipal São Francisco Xavier, quase junto ao portão lateral de entrada, é exornado por seu busto, um notável trabalho de autoria de João Turin. A edificação é imponente. Foi mandada fazer pela Mesa Administrativa da Santa Casa, na ocasião.

A Lei Municipal nº 621, de 30 de outubro de 1923, determinou que a rua da Misericórdia, que começava em um dos cantos da Santa Casa, passasse a ser denominada Rua André de Barros.



Busto de bronze de André de Barros, obra de João Turin.

HOSPÍCIO NOSSA SENHORA DA LUZ

Por ato nº 123 de 03 de março de 1891, foi nomeada uma comissão para dirigir e fiscalizar as obras da seção do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, inaugurado em 22 de maio de 1880, destinada à internação de alienados. Essa comissão, julgando não ser aconselhável a construção de uma ala anexa ao hospital, procurou local mais apropriado nos arredores da cidade, para a construção de um asilo.

Em 29 de janeiro de 1896 foi lançada a pedra fundamental do edifício destinada ao novo Hospício, em terreno no Ahú, cedido à Santa Casa de Curitiba pela Câmara Municipal, por título de 31 de julho de 1895.

Construído pelo provedor Monsenhor Alberto José Gonçalves, em 25 de março de 1903 foi inaugurado o Hospício Nossa Senhora da Luz, que teve como primeiro diretor o Dr. José Guilherme de Loyola. Os serviços de enfermagem eram dirigidos pelas Irmãs de Caridade da Congregação de São José.

O Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos, médico da Santa Casa de Curitiba desde 1894 e diretor do Hospital de Caridade até 1902, foi nomeado para diretor e único médico do Hospício Nossa Senhora da Luz, no lugar do Dr. José Guilherme de Loyola, que se mudara para Antonina, em setembro de 1904.

Em 1905 o Governo do Estado propôs a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba a compra do prédio do hospício, para nele instalar a Penitenciária do Estado, prometendo indenizar a Irmandade da importância necessária para a construção do novo hospício. Foi cedido outro terreno, de quatro alqueires, onde funcionava o Hipódromo Paranaense, e construído um novo hospício de acordo com as regras da ciência e higiene da época, que preconizava a construção de pavilhões separados.

O novo Hospício N. S. da Luz, com três pavilhões isolados, foi inaugurado, pelo infatigável provedor Monsenhor Alberto José Gonçalves, em 07 de julho de 1907.

No relatório de 1911, Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos, diretor do Hospício N. S. da Luz, informa que durante o ano de 1910 foram internados 218 pacientes e que o Dr. José Guilherme de Loyola fora, novamente, nomeado para médico do estabelecimento e ficou encarregado da seção dos homens. Nos anos seguintes, o Dr. Rodolpho de Lemos assinalava em seus relatórios que ano a ano aumentava o número de alienados superpovoando o hospício, com prejuízo para o tratamento e para a higiene. A promiscuidade favorecia o alastramento da tuberculose. Em 1912, o Dr. Claudio Pereira de Lemos, filho do Dr. Rodolpho, começou a trabalhar no hospício.

Em novembro de 1918, no lapso de 15 dias, o Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos e o Dr. Claudio Pereira de Lemos, morreram vítimas da "gripe espanhola". Ficou como diretor clínico do Hospício o Dr. José Guilherme de Loyola. Em 1931, foi construído o pavilhão cinco, denominado de Pavilhão "Dia da Caridade", por ter sido construído com donativos da comunidade, angariados por senhoras da sociedade conhecidas como "Damas de Caridade". Eram médicos do Hospício: Dr. José Guilherme de Loyola (diretor), Dr. Coriolano Silveira da Mota, Dr. Petit Carneiro, Dr. Octávio da Silveira e Dr. Alô Guimarães.

O Dr. Alô Guimarães foi catedrático de Psiquiatria, prefeito de Curitiba, deputado federal, senador, secretário da saúde e presidente da Associação Médica do Paraná. Foi Diretor, a partir de 1933, e em 1938 mudou a denominação do Hospício para Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz, nome que persistiu até o seu encerramento.

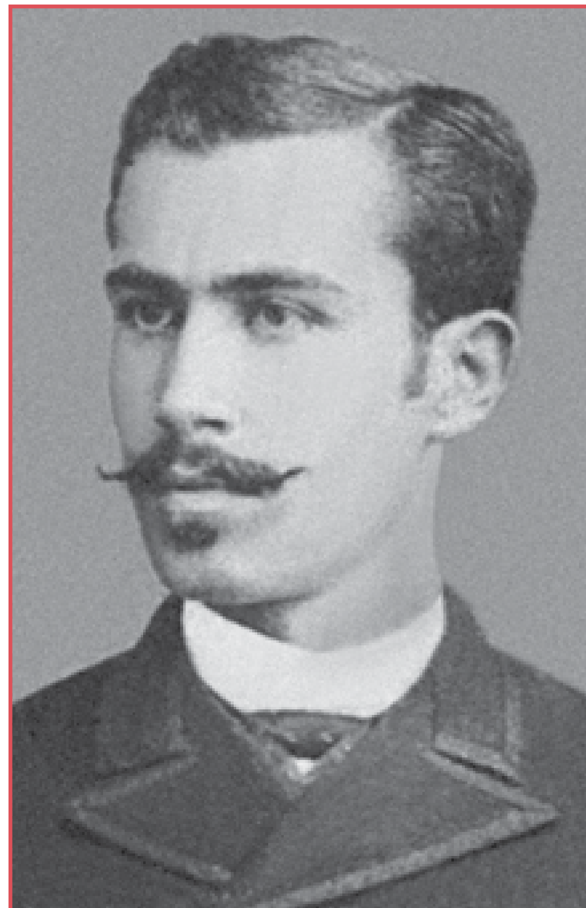
Jardins do Hospício Nossa Senhora da Luz, com vista a partir do pavilhão André de Barros.



MÉDICOS LEGISTAS DA POLÍCIA

Pela Lei Orgânica nº 15 de 21 de maio de 1892, o Médico da Polícia, juntamente com a Repartição Central da Polícia, ficaram subordinados à Secretaria de Negócios do Interior e Justiça. Nas disposições transitórias (Capítulo único, art. 15), consta que *"É creado o logar de Médico da Polícia, na capital, ao qual compete: exames de corpo de delicto, sanidade e autópsia"*. Na ocasião, o Presidente do Estado do Paraná era Francisco Xavier da Silva e o Secretário do Interior e Justiça era João Ferreira Leite.

As autópsias eram realizadas no necrotério da Santa Casa, em prédio onde depois foi instalado o Laboratório de Análises Clínicas, na Avenida Visconde de Guarapuava. Quando o Hospital de Caridade foi fundado, em 22 de maio de 1880, o necrotério já existia e D. Pedro II, presente na inauguração, registrou em seu diário: *"...Bom relógio de torre e necrotério demasiado grande para o resto..."*.



O Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos foi nomeado o primeiro Médico da Polícia, em 22 de junho de 1892, e exerceu a função de primeiro Diretor do Serviço Médico Legal, de junho de 1892 a junho de 1894. Foi capitão médico do Regimento de Segurança Pública. Foi precursor da psiquiatria no Paraná e seu trabalho em prol dos alienados confunde-se com a história da Santa Casa de Curitiba, onde foi médico desde 1894. Foi diretor clínico do Hospital de Caridade até 1902. Sob sua orientação, foram construídos os primeiros pavilhões do Hospício Nossa Senhora da Luz.

O Dr. Jorge Hermano Meyer foi o segundo diretor de junho de 1894 a outubro de 1896. Catarinense de Lages, nasceu em 08 de maio de 1861. Formou-se em Medicina na Alemanha pela Universidade de Heildeberg e Goetingen. Revalidou o diploma no Rio de Janeiro. Era cirurgião. Foi prefeito municipal de Curitiba de 1895 a 1896. Em 1913 foi designado para a cadeira de Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Paraná.

De fevereiro de 1897 a outubro de 1900, o diretor era o Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva. Foi a partir de 1º de setembro de 1899, com a abertura do primeiro livro de Laudos, que se deu início ao registro sistemático dos exames legais, no denominado Gabinete Médico Legal, realizado pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, registrando o primeiro exame de corpo de delito em 05 de setembro de 1899.

A partir de junho de 1929 o Serviço Médico Legal recebeu a denominação de Departamento Médico Legal. A Lei nº 4615, de 09 de julho de 1962, criou o Instituto Médico Legal.



Drª MARIA FALCE DE MACEDO

Maria Falce de Macedo nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 15 de janeiro de 1897. Recebeu o grau de professora primária em 1913 e fundou o jardim-de-infância Emilia Erichsen. Dedicou-se ao ensino infantil de 1917 a 1919.

Em 1914 surpreendeu por ser a única mulher a matricular-se na primeira turma da Faculdade de Medicina do Paraná. Maria Falce foi a primeira médica a formar-se no Paraná. Em 1919 obteve o grau de doutora apresentando a tese "Em torno de um caso de ascaridíase hepática". Em 1920 casou-se com o colega de turma, José Pereira de Macedo.

Até 1919 a Santa Casa não dispunha de recursos para análises clínicas, havia apenas um pequeno laboratório da Faculdade de Medicina que até 1921 funcionou sob direção de Maria Falce de Macedo, sendo que ela não recebia nenhuma remuneração para tal.

Em 1923 fez o curso de bacteriologia e zoologia médica no Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro. Em 1926 estagiou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, aperfeiçoando-se em bacteriologia. Na volta para Curitiba, ela passou a chefiar o Laboratório de Análises Clínicas da Faculdade, na Santa Casa, e montou outro, particular, com o marido.



Em 1926 irrompeu um surto de peste bubônica em Paranaguá e, devido às deficiências do laboratório da Diretoria de Higiene do Estado, o casal Pereira de Macedo realizou um estudo bacteriológico completo, isolando o bacilo de Yersen e caracterizando seu papel etiológico.

Em 1929, Falce de Macedo prestou concurso para a cátedra de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina e foi aprovada com distinção, defendendo a tese "Variação do teor de uréia no sangue conforme o modo de colheita da matéria". José Pereira de Macedo, desde 1927, foi o catedrático de Anatomia Humana.

Em 1964, Falce de Macedo implantou um moderno programa de ensino e a disciplina de Química Fisiológica passou a denominar-se Bioquímica. Este setor do ensino médico progrediu e dinamizou-se com a fundação do primeiro instituto da Universidade do Paraná, o Instituto de Bioquímica.

A carreira docente de Maria Falce de Macedo estendeu-se por três décadas. Mestra querida pelos estudantes, ornada por uma aura de bondade e tolerância. Morreu em Curitiba, no dia 24 de abril de 1972.


Maria Falce e José Pereira de Macedo.



Ao centro, Maria Falce com uma de suas turmas de Medicina.

Dr. MÁRIO DE ABREU

Mário Braga de Abreu nasceu em Curitiba, a 25 de abril de 1906, filho de Manoel Martins de Abreu (de Guimarães-Portugal) e de Maria Joana Braga de Abreu (da Lapa-PR). Realizou estudos primários no Ginásio Diocesano de Curitiba, naquela época chamado de Seminário, e cursou o secundário no Colégio Militar do Rio de Janeiro, de 1919 a 1923.

Manoel Martins de Abreu era comerciante, proprietário da Casa Abreu & Cia, localizada na Rua XV de novembro, nº 58. Na parte de cima morava a família, onde nasceu Mário de Abreu. Foi um dos fundadores da Junta Comercial do Estado do Paraná, onde foi presidente de 1900 a 1919; sua firma teve o registro nº4 da Junta. Foi também um dos fundadores e presidente do Clube Curitibano e Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba de 1909 até 1919, quando, por motivo de doença, foi morar no Rio de Janeiro, onde faleceu aos 70 anos, em 06 de abril de 1925.

Em 1924, Mário de Abreu matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Formou-se em dezembro de 1929 e defendeu a tese de doutoramento, com a dissertação "Ruptura expontanea da vesícula biliar em peritoneo livre", aprovada com distinção, em 25 de fevereiro de 1930.

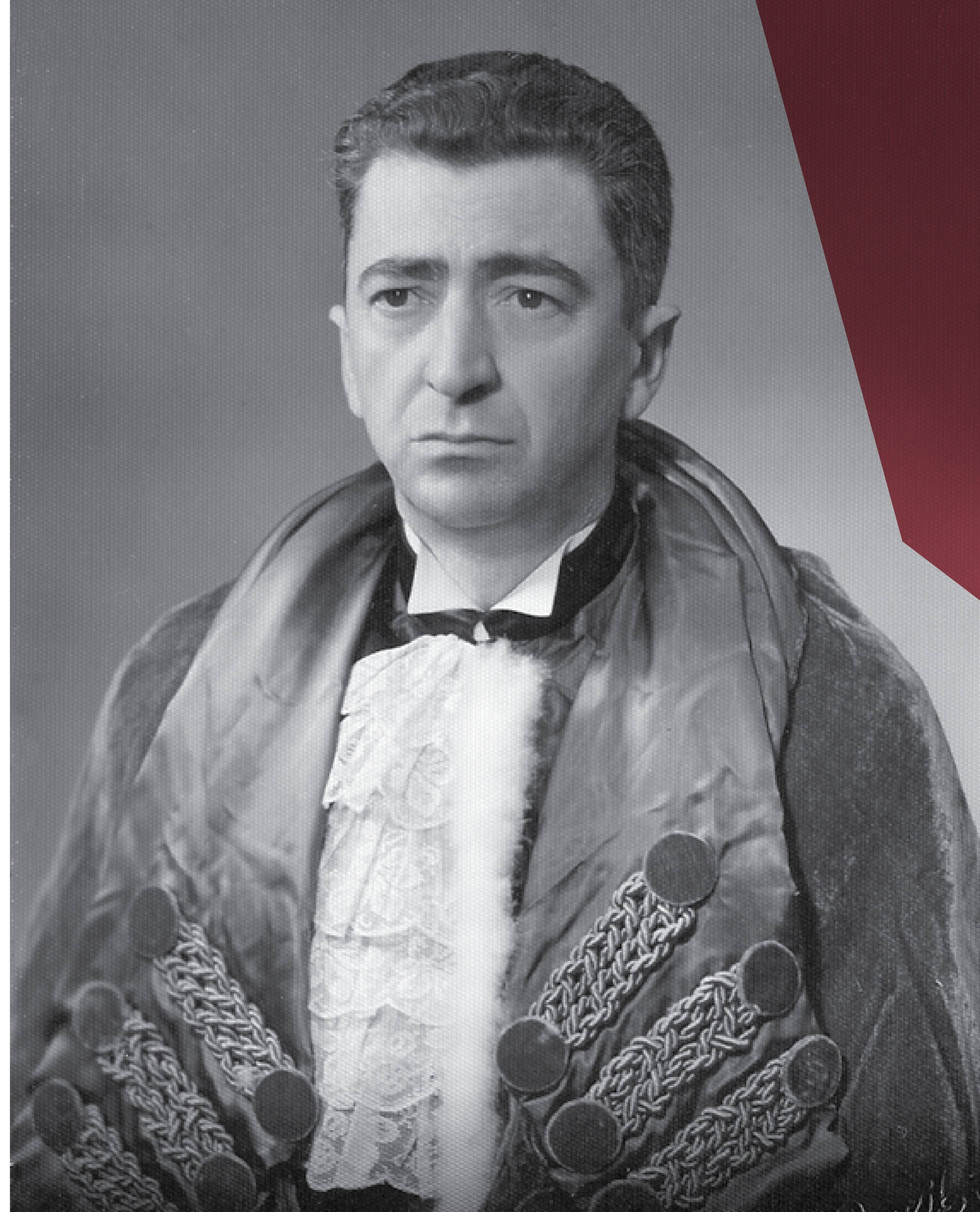
Em 15 de julho de 1930, Mário de Abreu foi nomeado médico do Hospital de Caridade da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Era Provedor, interinamente, o Sr. David Silveira da Mota, e era Diretor Clínico o Dr. Joaquim Pinto Rebello.

Mário de Abreu foi sócio fundador da Associação Médica do Paraná (AMP), fundada em 02 de julho de 1933, no salão nobre do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Foi presidente da AMP por duas vezes, em 1939 e de 1962 a 1963.

Em 1934, Mário de Abreu passou a Chefe de Clínica Cirúrgica da Enfermaria São Roque da Santa Casa de Curitiba, em substituição ao Dr. Szymon Kossobudzki, que falecera em 08 de julho de 1934. Também o sucedeu na cadeira de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Paraná, após ser aprovado, em setembro de 1935, em concurso para Livre-docente de Clínica Cirúrgica.

Em setembro de 1936, aos 30 anos de idade, Mário de Abreu obteve por concurso o título de catedrático da cadeira de Clínica Cirúrgica do 4º ano do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina do Paraná.

Em 05 de agosto de 1936, fez uma curiosa viagem, do Rio de Janeiro para Recife, no GRAF ZEPPELIN. Em 1937, Mário de Abreu viajou durante quase todo o ano, frequentando importantes centros médicos da Europa.



Na Alemanha, estagiou nos serviços do Prof. Rutz, do Prof. Gohrbandt e do Prof. Kirschner. Na Áustria, fez estágio com o Prof. Böhler. Na França, estágios com os Professores Mathieu, Mondor e Gosset.

Em 1937, ano de Jubileu da Universidade do Paraná, Mário Abreu foi escolhido pela primeira vez para paraninfo da turma de médicos, da Faculdade de Medicina do Paraná. Seria paraninfo das turmas de 1940, 1947, 1955 e 1960 e das turmas de 1963 e 1973 da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica de Curitiba.

Em 30 de dezembro de 1940 casou-se, em São Paulo, com Denise Lombardi, de Serra Negra (SP), que passou a assinar Denise Lombardi de Abreu, com quem teve quatro filhos: Maria Isabel, Maria Cecília, Mário e Maria Cristina.

Durante a década de 40, tornou-se tradição os médicos de Curitiba comemorarem a sua Páscoa com celebração de missa na capela do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia. A primeira vez ocorreu em 1942 e a Santa Missa foi oficiada por Dom Ático Euzébio da Rocha.



Medalha de Cidadão Benemérito do Paraná.

Fotografia tirada em 4 de 8 de 1958

Conselho Regional de Medicina

Região Estado do Paraná
Carteira 458 Inscrição n.º 458
Carteira de Identidade do MÉDICO
Expedida a Dr. Prof. Mário Braga de Abreu
Título
Pela Faculdade Nacional de Medicina
Tendo colado gráu 1929
Nacionalidade Brasileira
Filiação Manoel Martins de Abreu e Maria Joana B. Abreu
Data do nascimento 25-4-1906
Séde principal da atividade Curitiba - Pr.
Data da inscrição no Conselho 14-8-1958
Carteira de identidade 13.240 - Paraná
Carteira de reservista 2043 - Colégio Militar do Rio de Janeiro.

POLEGAR DIREITO

ASSINATURA DO POSSUIDOR



Mário de Abreu recebendo a medalha de São Lucas em 1964.

Mário de Abreu foi um pioneiro da especialidade de Ortopedia e Traumatologia, no estado do Paraná. Seus dois primeiros trabalhos publicados na Revista Médica do Paraná, em 1931 já eram sobre traumatologia: "Fractura do olecraneo" e "Phalangisação do primeiro metacarpiano". De 1938 até 1940, foi cirurgião ortopedista do Hospital de Crianças de Curitiba e em 1939 começou como cirurgião ortopedista de acidentes de trabalho da Cia. Atalaia. Em 1940 era o único membro titular, do Paraná, da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), fundada em 1935.

Na década de 40 era sócio ativo e dedicado da SBOT, tendo participado de todos os congressos realizados pela sociedade. Em 1944, foi relator de um dos temas oficiais (Tratamento das Osteomielites), do VI Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, em Porto Alegre. Em 1946, no VII Congresso, no Rio de Janeiro, apresentou o trabalho "Traumatismos do pé e acidente de trabalho", dentro do tema oficial; já no tema livre falou sobre "Penicilina e osteomielite aguda". Em Salvador, no VIII Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, foi o orador oficial e apresentou três trabalhos. No IX Congresso, em São Paulo, foi coordenador da sessão sobre "Fraturas diafisárias de fêmur".

Sócio fundador da Sociedade Latino Americana de Ortopedia e Traumatologia (SLAOT), apresentou trabalho no 1º Congresso da Sociedade realizado em Mar del Plata, em 1950; no 2º Congresso da SLAOT, realizado no Rio de Janeiro, em 1953, foi moderador da mesa redonda de um dos temas oficiais, "Encavilhamento medular nas fraturas dos ossos longos".

Em 1951, foi membro da comissão examinadora do Concurso a Livre Docência de Cirurgia Infantil e Ortopedia da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Em 1953, membro da comissão examinadora de Concurso de Professor Catedrático de Cirurgia Infantil e Ortopedia da Universidade Federal do Paraná, vencido por Heinz Hücker, formado em 1937.

Em 1954, membro da comissão examinadora de Concurso de Professor Catedrático de Urologia da Universidade Federal do Paraná, vencida por João Átila Rocha, formado em 1939. Em de 19 de abril de 1951, o Presidente da República Getúlio Vargas assinou a nomeação de Mário de Abreu para exercer, a partir de 08 de dezembro de 1950, o cargo de Professor Catedrático de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, que foi federalizada em 04 de dezembro de 1950.

A Faculdade de Ciências Médicas foi fundada em 11 de agosto de 1956, por médicos de reconhecida idoneidade moral e profissional, com destaque para Mário de Abreu, José Loureiro Fernandes, Carlos Franco Ferreira da Costa, Orlando de Oliveira Mello, Brasílio Vicente de Castro, Metry Bacila e Ruy Leal, com o apoio do Arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D`Elboux. A FCM recebeu a autorização de funcionamento em 18 de dezembro de 1956, através do Decreto nº 40.571, e foi reconhecida pelo Decreto nº 47.733 de 02 de fevereiro de 1960. A entidade mantenedora era a Sociedade Paranaense de Cultura.

Em novembro de 1957, já era associado desde 1949 e foi ratificado como Membro Titular da Societé Internacionale de Cirurgie, no Congresso Internacional da Sociedade no México. Participou como membro ativo em Congressos Internacionais da Societé International de Cirurgie, no México em 1957, em Munique em 1959, em Roma em 1963 e Buenos Aires em 1969.



Operando na Santa Casa auxiliado pelo Dr.Manoel Cavalcanti em 1948.

De 1962 até 1972, Mário de Abreu permaneceu como Diretor Clínico do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.

A Fundação para o Progresso da Cirurgia, com sede na cidade de São Paulo criou a Comenda do "Mérito Cirúrgico São Lucas", distinção destinada a premiar simbolicamente os cirurgiões brasileiros que se tenham destacado como propugnadores do progresso da Cirurgia. A Comenda do "Mérito Cirúrgico São Lucas" é uma insígnia que consta de Medalha de Mérito, acompanhada de diploma alusivo, ambos entregues solenemente em 18 de outubro de cada ano, a somente uma pessoa por vez.

Mário de Abreu recebeu a medalha de São Lucas, em 16 de outubro de 1964, durante coquetel na Terraza Martini, com comparecimento de grande número de cirurgiões e professores de São Paulo, além de amigos e colegas paranaenses. A entrega da medalha foi feita pelo Prof. Benedicto Montenegro. Inicialmente, o Dr. Eurico Branco Ribeiro, presidente da Fundação para o Progresso da Cirurgia, em breves palavras distinguiu o laureado como sendo o terceiro cirurgião brasileiro a receber a insígnia. O primeiro foi o paulista Prof. Benedicto Montenegro, em 1962, e a segunda foi o Prof. Fernando Paulino, do Rio de Janeiro, em 1963. A imprensa paranaense cognominou o prêmio de "Bisturi de Ouro".

Durante os anos 60, Mário de Abreu foi homenageado em várias oportunidades:

- Paraninfo da turma de 1960 de médicos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná;
- Paraninfo da turma de 1963 de médicos da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná;
- ganhou a Comenda do "Mérito Cirúrgico São Lucas" em 1964;
- escolhido "O Homem do Ano" de 1964 na promoção Melhores do Ano do jornal Tribuna do Paraná;
- em dezembro de 1965, foi eleito para membro efetivo da Academia Paranaense de Letras, em sucessão a José Pereira de Macedo, fundador da cadeira nº 35, que tem como patrono Nilo Cairo;
- em 1º de março de 1966 recebeu o Diploma da Medalha do Mérito Universitário da Universidade Federal do Paraná. A medalha foi concedida por deliberação do Conselho Universitário em reunião de 30 de novembro de 1964.
- em 15 de setembro de 1966, ganhou o título de Cidadão Pontagrossense.

Em sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado, em 02 de junho de 1966, pela segunda vez na história do Paraná foi entregue um título de Cidadão Benemérito. Mário de Abreu recebeu o diploma das mãos do governador Paulo Pimentel. Na ocasião foi saudado pelo deputado médico Arnaldo Busato. A medalha de ouro contendo alusão à homenagem de Cidadão Benemérito do Paraná, foi entregue a Mário de Abreu pelo desembargador Ernani Guarita Cartaxo, presidente do Tribunal de Justiça.

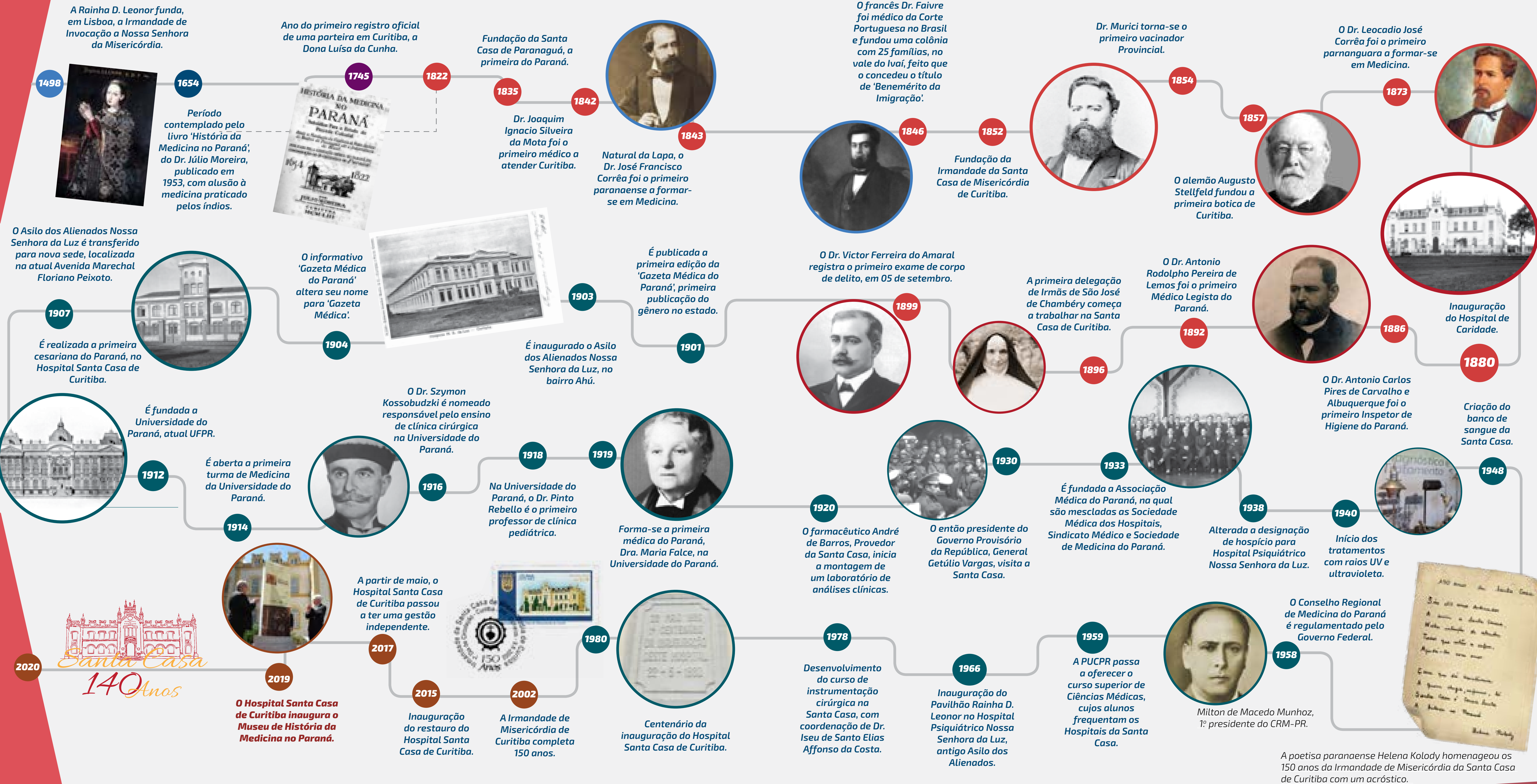
Em 1973, Mário de Abreu foi homenageado como paraninfo pela última vez, pela turma de médicos da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná.

Em 22 de outubro de 1973, Mário participou da Comissão Julgadora do Concurso para Professor Titular de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde foi vencedor o Professor Arrigo Antonio Raia. Em 1969, Mário de Abreu também participou do Concurso para Professor Titular de Clínica Cirúrgica da mesma Faculdade, quando foi aprovado o Professor Euryclides de Jesus Zerbini.

Mário de Abreu morreu em sua residência, na Rua Vicente Machado nº 1200 no dia 08 de julho de 1981. Curiosamente, morreu no mesmo dia e mês que Szymon Kossobudzki (08 de julho de 1934), médico que ele substituiu na Chefia do Serviço na Santa Casa de Curitiba e na cadeira de Clínica Cirúrgica na Faculdade de Medicina do Paraná.



LINHA DO TEMPO



A poetisa paranaense Helena Kolody homenageou os 150 anos da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de Curitiba com um acróstico.

O ESPAÇO CULTURAL



Patrimônio Cultural

A Santa Casa no mapa de Curitiba

Quando o Paraná se emancipava, em 1853, Curitiba abrigava 4.500 habitantes em não mais do que 20 quarteirões, agrupados ao redor do conhecido Marco Zero simbólico, a Praça Tiradentes. A nova capital desenvolveu-se em todas as direções e o seu primeiro hospital, a Santa Casa de Curitiba, tem o início de sua construção em 1868, no limite Oeste da cidade, que então já dobrara a sua população.

As condições da cidade de Curitiba, nos idos de 1854, estão descritas no Relatório que o Chefe de Polícia, Dr. Antônio Manoel Fernandes Júnior, organizou e remeteu ao Presidente da Província, Zacarias de Góes e Vasconcellos.

A Província do Paraná foi desmembrada da Província de São Paulo em 29 de agosto de 1853, quando o Imperador D. Pedro II sancionou a Lei nº 704, oriunda da Assembleia Geral, elevando a antiga "Comarca de Coritiba" à condição de Província e determinando que a capital seria Curitiba. A nova província do Paraná foi instalada em 19 de dezembro de 1853, e seu primeiro presidente foi o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos.



Curitiba povoada desde 1654, com pelourinho levantado em 1668, pelo Capitão-mor Gabriel de Lara, com instalação da Vila estabelecida em 29 de março de 1693, pelo Capitão Povoador Mateus Martins Leme, elevada à cidade paulista em 1842, passou à capital da Província do Paraná em 1853.

Existiam quatro Igrejas: a Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora da Luz, em bom estado e ainda não concluída; a do Rosário ou dos Pretos; a da Ordem Terceira e a de São Francisco de Paula, em construção. As sete Irmandades mantinham o espírito religioso, todas com seus compromissos aprovados: a do Santíssimo Sacramento, a de Nossa Senhora da Luz, a de São Miguel das Almas, a de São Francisco das Chagas dos Terceiros, a de Nossa Senhora do Rosário e a da Misericórdia. Exstiam apenas duas escolas de primeiras letras para meninos e uma para meninas.

Tinha uma Casa da Câmara e uma Cadeia, prédios regulares, uma casa própria provincial, comprada nos últimos anos para as sessões da Assembleia e outra para sede do Governo.





Era dividida em 27 quarteirões, contando com 5.819 habitantes, sendo que apenas 491 tinham idade acima de 40 anos. Eram 4.102 brancos, 955 mulatos ou pardos e 762 pretos, desses 473 eram escravos. A cidade possuía 308 casas, sendo 52 em construção; 38 lojas de negócios, 35 armazéns, 3 lojas de ourives, 5 de ferreiro, 2 de marceneiro, 1 de seleiro, 9 de sapateiro, 1 padaria, uma tipografia que imprimia o jornal oficial "Dezenove de Dezembro" e algumas diferentes casas, completavam o panorama citadino. Achavam-se estabelecidos 99 negociantes, 802 lavradores, 10 oleiros. Diversas chácaras localizadas na periferia e 43 cidadãos estrangeiros.

Os habitantes ocupavam-se na criação de todas as espécies de gado, existindo 13 fazendas de gado; colhia-se muito milho, feijão, aipim, batata, algum trigo e principalmente a erva mate, havendo 15 engenhos de beneficiamento desse vegetal amplamente usado como bebida pela população. Poucas ruas, travessas, becos, praças, especialmente a central ou praça da Matriz, muitas mal traçadas e tortuosas, completavam o panorama da cidade de Curitiba.

O terreno destinado à obra, fruto de uma doação da Câmara Municipal, ficava em frente ao local conhecido como Campo da Cruz das Almas, nome que manteve até a inauguração do prédio, em 1880, quando foi denominado Largo da Misericórdia.

Com a chegada do século XX, passa a ser conhecida como Praça da República. Na década de 1920, adotou-se o nome atual, Praça Rui Barbosa, quando a cidade contava então com 80 mil pessoas e a totalidade de sua área urbana original era o atual bairro Centro.

A Santa Casa de Misericórdia de Curitiba sempre manteve a iniciativa de liderar a implantação de unidades hospitalares de vanguarda, posicionadas adiante das zonas mais habitadas, sendo encontradas anos mais tarde pelo crescimento urbano que se acercou das três grande obras realizadas.

Além das funções de saúde física e profilática, também a saúde mental era uma situação de atendimento no edifício do século XIX, que mantinha uma pequena ala para esta finalidade (depois também divídico com a delegacia de polícia). Esta sempre foi insuficiente, desde antes da implantação e tornou-se imperativo a expansão do atendimento manicomial em separado.

"O afastamento do núcleo urbano,...foi uma constante na implantação das instituições de isolamento. Mesmo a Santa Casa foi construída em loical mais distante na época. Para a edificação do hospício, "um estabelecimento humanitário" (id), a Câmara Municipal de Curitiba concedeu uma área de 42.000 m2, no quarteirão do Ahú, em 31 de julho de 1895".

A inauguração em 25 de março de 1903 marcou um épico esforço da sociedade parananense, liderados pela caridade construiu-se um edifício imponente e adequado ao trato das enfermidades mentais, mendigos e inválidos. A administração ficou a cargo das Irmãs da Congregação de São José de Chambéry. Em 1905 o Estado do Paraná adquiriu o prédio para instalar a Penitenciária do Estado, que lá funcionou até recentemente, quando em 2016 passou a ser utilizado pelo Poder Judiciário, revitalizando as formas.

Tal movimento levou a função hospitalar psiquiátrica para outro lado da crescente capital, nos terrenos do antigo prado na confluência do Rebouças e Prado Velho (hoje Av. Marechal Floriano Peixoto). Entre 1907 e 1913, quatro pavilhões foram construídos, com o mesmo princípio de acolhimento.

Entre 1923 e 1924 foi construído o elegante prédio da administração, denominado André de Barros, fixando aquele ponto no imaginário de Curitiba, o Hospício Nossa Senhora da Luz. Desta maneira, a Santa Casa posicionou-se na vanguarda do desenvolvimento urbano de Curitiba, tanto arquitetônicamente como no posicionamento estrutural.

Curitiba em 1912.



PLANTA DE CURITYBA 1927

Santa Casa

Hospício do Ahú

Hospício Nossa Senhora da Luz

Centro

1 Santa Casa de Misericórdia
2 Praça Tiradentes
3 Praça Carlos Gomes
4 Praça Osório
5 Praça Rui Barbosa
6 Passeio Público

Quando a Santa Casa foi inaugurada, Curitiba tinha a dimensão do bairro Centro de hoje.

A Curitiba de hoje conta com 75 bairros e mais de 1,9 milhão de habitantes, em uma área urbana de 320 km². Além disto, a sua região metropolitana é composta de 29 municípios, nos quais residem mais de 3,8 milhões de pessoas.

A Santa Casa de Curitiba acompanhou todo o agigantamento urbano de Curitiba, desenvolvendo-se contemporânea aos conhecimentos e tecnologias capazes de manter o atendimento misericordioso, a sua atividade-fim em todos estes tempos. O majestoso prédio está há 139 anos servindo a comunidade, tornando típica a paisagem local.



Unidade de Interesse de Preservação

A cidade de Curitiba tem desenvolvido uma linguagem de preservação do patrimônio cultural edificado ao menos em três momentos diferentes. O primeiro deles decorre da Lei Estadual n° 1.211 de 1953, inovadora em seu tempo e que permitiu a observação dos primeiros objetos a serem preservados pelo mecanismo de tombamento em Curitiba.

Nos anos 1970, com a criação da Região Metropolitana de Curitiba, um amplo estudo foi elaborado para estabelecer critérios e escolhas de imóveis detentores de significado patrimonial cultural, sendo tudo consolidado pelo Decreto Municipal n° 1.547 de 1979. Neste inventário, a Santa Casa de Misericórdia de Curitiba foi relacionada, tornando-se uma Unidade de Interesse de Preservação.

A Constituição de 1988 ampliou a perspectiva de preservação do patrimônio material e imaterial, até que a Lei Municipal nº 14.794 de 2016 consolidou as condições jurídicas adequadas para a continuidade das ações preservacionistas.

Os processos de restauro e conversão em espaço cultural acontecem neste enredo de normas, bem como outras que promovem o incentivo à cultura. O edifício da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba - Hospital de Caridade, por ser uma unidade de interesse de preservação (UIP) da cidade de Curitiba, é protegido pelo poder público do Município. Como tal, sofre restrições a modificações em sua arquitetura, em contrapartida goza de alguns benefícios fiscais, como forma de incentivar sua manutenção, conservação e restauração.

Restauro do Prédio

Foi neste cenário de garantias legais e estímulo à preservação que iniciou-se o processo de restauro, que não foi uniforme e desdobrou-se no tempo. Através da coordenação do experiente arquiteto Cláudio Maiolino dirigiu-se um projeto consequente.

O projeto principal de restauro ficou a cargo da empresa Albatroz Arquitetura, Construção e Restauro, cujo plano de trabalho e relatos fornecem informações relevantes acerca deste processo. Do ponto de vista arquitetônico, foram restaurados seus elementos compositivos, que se desgastaram ou foram substituídos.

O desafio de restaurar e preservar o prédio era agigantado pelo fato de que não era possível paralisar os setores vitais do hospital para a sua realização. Assim, a complexidade da obra exigida para recuperação predial era enorme e sua execução começou em 2002, sendo concluída apenas em 2015.

A arquitetura original, de interesse histórico é claramente perceptível quando olhada com atenção. Trata-se de um belo e significativo edifício eclético de fins do século XIX e início do XX, sendo portanto objeto de interesse da história da arquitetura e da medicina.

A parcela preservada e de interesse público do imóvel ocupa a parte do terreno que faz frente para a praça Rui Barbosa. Seus jardins mantém um agradável espaço verde, sendo uma ilha de descanso em meio ao caos urbano. O edifício de 8,5 mil metros quadrados desenvolve importante atividade médica assistencial. Sofreu durante anos com o desenvolvimento tecnológico da medicina, que necessitava de maior infraestrutura predial e, consequentemente, promoveu diversas adaptações.

"Para a história da medicina, a arquitetura do prédio ainda conserva, escondidos sob antigas reformas, espaços, texturas e técnicas originais, recompostas com pouco esforço, como antigas enfermarias e salas cirúrgicas", relatou Maiolino.

De estilo eclético, a construção não segue um princípio único. O prédio foi construído em uma época em que se construía sem muito padrão, os engenheiros projetavam com o que a indústria tinha para oferecer naquele momento.

Ao avaliar a estrutura, Maiolino declarou que a mesma encontrava-se sólida e bem conservada. As paredes do hospital são em tijolos maciços e o mais danoso para o processo de restauro foram as intervenções no prédio. Em alguns locais, foram colocadas vigas de concreto em cima de pilares de madeira. No restauro, foram retirados os improvisos, em busca de recuperar a planta original. Além da edificação secular, o restauro englobou duas ampliações históricas, que formam um "U" e estão localizadas no sótão.

A restauração da cobertura era urgente para assegurar a integridade das partes internas da edificação bem como a dos usuários. O estado de conservação era precário, sua estrutura em madeira (pinho do Paraná) encontrava-se seriamente danificada pela ação de insetos xilófagos e infiltrações decorrentes de falhas na cobertura cerâmica. Os trabalhos de restauração da cobertura principal não alteraram as características arquitetônicas, a área construída ou volumetria original.

Foi proposta ainda a demolição e liberação das áreas possíveis no terreno; sendo ocupadas as partes envoltórias do prédio histórico e reformulados prédios anexos, sem interferir no conjunto arquitetônico.

O prédio histórico ganhou intervenções de reforma no telhado, na capela, farmácia e pisos dos corredores superiores. O investimento, superior aos R$ 6 milhões, só foi possível devido ao apoio de pessoas físicas e jurídicas, amparadas pela Lei Rouanet, que possibilita ao doador a dedução no Imposto de Renda em razão do valor doado.

Durante os trabalhos desenvolvidos no prédio, ocorreram algumas surpresas. O restauro do que seria um armário revelou a existência de um elevador do século 19, até então desconhecido. O elevador era usado para transportar macas e pacientes de um andar para outro em uma época sem energia elétrica. Toda a estrutura de funcionamento da peça também foi descoberta.

A restauração de um bem edificado é sempre um momento em que podemos conhecer muito da história e possibilita encontrar alguns elementos que ficaram preservados como testemunho. O restauro do prédio da Santa Casa de Curitiba não foi diferente e nos presenteou, após sua conclusão, com vislumbres de como a medicina era planejada e executada no século XIX.



Recorte construtivo, presente na Capela, revelado pelo processo de restauro.

Memorial Descritivo das Obras

Foi produzido pela empresa encarregada Albatroz Arquitetura, Construção e Restauro e permite uma ideia da abrangência e relevância das obras executadas no processo de restauro:

1. Serviços preliminares:

Foram providenciadas licenças, taxas e documentos necessários para o início das obras, assim como execução de placas, canteiro de obras, proteções, local.

2. Sondagens:

Sondagens, perfurações, aberturas em paredes, forros, pisos, realizadas durante toda a obra para definir e reavaliar as propostas de intervenções com maior exatidão, durante a execução dos serviços.

3. Consolidação das alvenarias:

As áreas comprometidas das alvenarias foram consolidadas com injeção de polímero acrílico.

As rachaduras foram escariadas para avaliação do grau de comprometimento e posteriormente feito o restauro apropriado. A proposta geral para consolidação das alvenarias teve a seguinte sequência:

- determinação das áreas a serem consolidadas; trincas, fissuras e rebocos soltos;
- limpeza manual e mecânica;
- furação com espaçamento médio de 0,25m nas áreas envoltórias dos trechos a consolidar;
- injeções de resina acrílica;
- fechamento das trincas e fissuras com argamassa de cal e areia.

4. Imunização:

Todo madeiramento existente foi substituído e tratado com produtos organoclorados diluídos em veículo neutro (álcool), aplicado por pincelamento, aspersão, injeção e/ou imersão.

A superfície do madeiramento foi previamente limpa, escovada e raspada para remover qualquer vestígio de sujeira, poeira ou outras substâncias. Todos os trabalhos de manuseio, preparo e aplicação dos produtos foram efetuados com a indispensável cautela, indicada pelas normas técnicas de segurança.

Fotos e relatos do Relatório do Projeto de Restauro da Santa Casa de Curitiba (2010):



Fachada principal do edifício histórico antes e após o restauro. Retomada das cores originais das alvenarias e esquadrias.



Porta principal antes e após o restauro. Restauração das esquadrias, com remoção das repinturas, recomposição de peças e elementos deteriorados e nova pintura de proteção.



A situação do pátio antes do início do restauro. Implantação de edificações anexas sem critério, poluindo o espaço arquitetônico e prejudicando a insolação e ventilação naturais. Comparação com foto antiga.



Instalações da farmácia antes e após o restauro.

5. Instalações elétricas, hidráulicas prevenção contra incêndios:

Foi realizado o agenciamento da elaboração dos projetos específicos e execução dos mesmos. Ainda foram executadas as novas instalações elétricas e lógica, com substituição de fiação, tomadas e interruptores. Instalação de eletrodutos, eletrocalhas, cruvas e conectores necessários. Revisão e substituição das instalações hidráulicas, adaptando às necessidades do local. A execução de instalações de prevenção contra incêndios foi realizada de acordo com as normas de segurança atuais.

6. Iluminação:

Projeto luminotécnico específico para os ambientes. Design de luminárias compatível com o ambiente restaurado, atendendo os níveis necessários de iluminação para cada ambiente e ao critério de emissões de calor específicos para obras de arte.

7. Esquadrias:

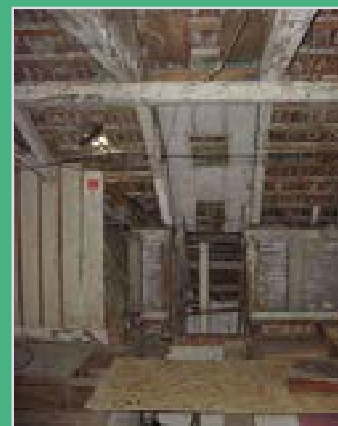
Restauro das esquadrias em madeira, remoção das repinturas, substituição de peças faltantes ou danificadas, imunização, acabamento com selador e encerramento. As esquadrias externas em ferro foram substituídas por esquadrias de madeira, executadas conforme modelo existente e acervo fotográfico, recebendo o mesmo tratamento das demais peças em madeira. Substituição dos vidros existentes por vidro comum, transparente, incolor de 03mm.

8. Elementos arquitetônicos, artísticos e decorativos:

Restauração e consolidação dos elementos artísticos externos e reprodução de elementos faltantes. Restauração e consolidação de frisos e cornijas. Revisão das escadas em madeira, desinfestação, substituição das peças comprometidas e imunização. Recomposição dos elementos decorativos externos em massa.

9. Restauração de pinturas parietais:

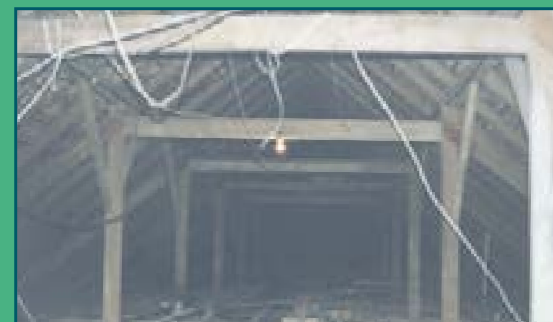
Prospecções das possíveis pinturas decorativas (do tipo máscara) ou artísticas. Para as pinturas tipo máscaras é retirado seu molde, deixado um testemunho da pintura original, devidamente restaurado e realizada a sua reprodução. As pinturas decorativas, quando encontradas, são decapadas e isoladas, niveladas e reintegradas. As técnicas de reintegração utilizadas foram o trategio, o pontilhismo e o ilusionismo. Os materiais empregados foram os pigmentos seco de diversas cores, um aglutinante e um veículo de aplicação. Após a reintegração foi aplicado um verniz selante para proteção da policromia.



Instalações hidráulicas e elétricas obsoletas e perigosas, instaladas inadequadamente.



Estado de conservação da estrutura de telhado, telhado, forros e divisórias do sótão. Estruturas muito comprometidas causando risco eminente aos usuários.



Madeiramento muito afetado pela ação de insetos xilófagos (cupins) e apodrecimento pela infiltração de águas pluviais.

Telhado existente se encontra com peças deslocadas e quebradas que causam goteiras, infiltrações e apodrecimento do madeiramento. Calhas e rufos ineficientes, devido a entupimentos ou quebras e infestação de insetos xilófagos. Este conjunto de fatores ocasionou o estado emergencial em que se encontra o telhado atualmente. O processo de restauro do telhado consiste troca total de telhas, fixação das telhas ao ripamento através de grampos ou ganchos inoxidáveis. Emboçamento de novas cumeeiras, substituição de rufos e calhas por novos em alumínio. Substituição total do ripamento e encaibramento, muito afetados pela ação de cupins. Revisão das demais estruturas em madeira, sendo previstas substituições e/ou reforços nas peças comprometidas. Desinfestação e imunização de todo o madeiramento e colocação de manta aluminizada dupla face para isolamento térmico. Revisão e substituição, se necessário, dos forros e divisórias em madeira existentes, que também se encontram bastante prejudicados. Revisão e execução de novas instalações elétricas, hidráulicas e de lógica, que atualmente representam sérios riscos aos usuários do edifício, em sua maioria doentes.

(Descrição da situação do telhado na proposta de restauro)

10. Restauração dos tetos em estuque:

Estuque é uma técnica que utiliza argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo trançado de metal, ripado de madeiras em cunha ou treliça de madeira que se usam como paredes secundárias, forros e ornamentos. Quando utilizado em forros, seu extradorso pode ser encontrado policromado, com pinturas artísticas ou decorativas. O processo de restauro foi realizado nas duas faces do estuque, extra e intradorsos.

Extradorso:

- limpeza superficial por aspiração, após a abertura das galerias de insetos, no madeiramento de estrutura;
- desinfestação – tratamento para eliminação de insetos xilófagos;
- imunização – tratamento preventivo contra a reinfestação;
- aplicação de resina acrílica para consolidar o estuque.

Intradorso

- limpeza superficial – remoção de sujidades;
- limpeza profunda – limpeza química, remoção de óleos, ceras e vernizes.
- limpeza mecânica de repinturas;
- consolidação – injeção de material consolidante em fissuras e rachaduras;
- nivelamento e preenchimento das lacunas;
- reintegração, apresentação estética – integração policromática de acordo com a pintura original;
- camada de proteção – aplicação de camada final de proteção para a pintura original e intervenções estéticas.

11. Telhado:

Desinfestação, limpeza, imunização, consolidação e/ou substituição de partes estruturais comprometidas, após revisão de sua integridade estrutural. Remoção e substituição total de ripas e telhas. Substituição de calhas, rufos e condutores por novos em alumínio.

12. Sistema de prevenção contra descargas atmosféricas:

Agenciamento do projeto específico e execução do mesmo, atendendo as normas atuais. Foram instalados novos captores, cabos e barras chatas, caixas de inspeção, malhas de aterramento e acessórios necessários.

13. Limpeza:

Limpeza geral e fina de todo e qualquer resto de materiais provenientes da obra de restauro.



Foto antiga do hall de entrada. Piso de ladrilhos hidráulicos e pinturas parietais em falso marmóreo.



Estado de conservação do hall antes da intervenção de restauro.



Hall de entrada após o restauro.

Planejamento: nova função para o prédio

Desde a conclusão do processo de restauro do Hospital da Santa Casa de Curitiba, que durou de 2002 a 2015, tornou-se latente a relevância da história contida naquelas paredes para a cidade Curitiba e, mais ainda, a necessidade de disponibilizá-la ao público. As intervenções de restauro arquitetônico deixaram visíveis as marcas do tempo passado através de janelas, cuidadosamente expostas, desvelando antigos momentos vividos pela estrutura e seus ocupantes do passado.

A equipe administrativa do Hospital, apoiada por outras organizações, passou então a refletir sobre a viabilização de um espaço cultural, que fizesse jus ao seu passado grandioso e atuação pontual e misericordiosa, reconhecida no presente. Para isso, contou com o importante apoio da Associação Médica do Paraná, cujo acervo foi complementar aos ideais da Santa Casa de Curitiba.

A extroversão de seus valores e trajetória hospitalar culminou na elaboração de um projeto cultural que envolveu a organização de seu acervo, pesquisa histórica, novas parcerias e organização de seus espaços. O resultado de todo esse processo se tornou público em janeiro de 2019, com a inauguração do Espaço Cultural da Santa Casa de Curitiba, medida antecedente lógica da implantação do Museu da História da Medicina do Paraná.

Da Exposição ao Museu da Medicina

A originalidade de um imóvel que foi desenhado para destinação específica, já com mais de treze décadas de idade, está na base do desafio de requalificação de uso do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.

A estrutura inicial do conjunto, cuja fachada é voltada para a Praça Rui Barbosa, possui todos os atributos de preservação de prédios históricos, sendo assim uma Unidade de Interesse de Preservação, na órbita do poder público Municipal, protegida por lei.

Ao mesmo tempo, não possui mais os atributos funcionais exigidos das unidades hospitalares contemporâneas, ainda que esteja coligada com novas construções que foram sendo implementadas e adequadas para substituição das antigas áreas médicas, que serve no presente somente como espaço de tráfego, recebendo agora visitantes e não mais os pacientes.

É neste espaço restaurado que se propôs a implantação do Espaço Cultural da Santa Casa de Curitiba, uma nova visão de uso que pretende a dinamização das funções potenciais que a área histórica edificada permite, notadamente pela qualidade da estrutura presente, como pela centralidade que ocupa na paisagem do entorno, desde quando ainda somente ela ali estava edificada.

A perspectiva de um local de múltiplas funções culturais, notadamente as de memória, induz à implantação de uma unidade museal de conteúdos voltados para atividade fim da organização, que ainda persiste servindo como um mecanismo de humanização do prédio. Agora, possibilitando oferecer atividades de deleite cultural, como exposições permanentes e temporárias, além de atividades realizadas nos espaços internos e externos, desde seminários no Salão Nobre até recitais de música nos jardins preservados.

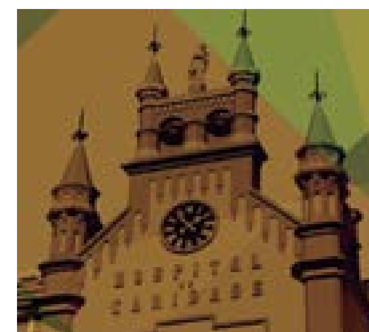
Neste cenário de perspectivas possíveis, a implantação de uma exposição voltada à História da Medicina no Paraná foi a estratégia de materialização da proposta. A grande coincidência de propósitos com a Associação Médica do Paraná, histórica parceira de lutas que foi fundada nos corredores da Santa Casa na década de 1930, levou a um casamento perfeito entre o acervo de objetos colecionados pelo heroico médico rionegrense Dr. Ehrenfried Othmar Wittig, cuja detentora é a AMP, com a magnitude e unicidade do prédio de feições arquitetônicas lusitanas.

A complementaridade entre espaço e coleção é o fator crucial para a implantação definitiva do Museu da História da Medicina no Paraná, que poderão continuamente estabelecer diálogos variados, ora exaltando as tecnologias médicas em desenvolvimento constante, ora exaltando a natureza da arquitetura médica, enquanto sempre valoriza o ser humano: o médico, o enfermeiro, o voluntário, o paciente e os visitantes.

Planejando-se a utilização desde os jardins até os cômodos internos, respeitando-se inicialmente a natureza original de alguns espaços (como a farmácia e o salão nobre) e a dimensão mutável de outros (como o sótão), a estrutura de alas foi desenvolvida a propósito de discursos de coleções de objetos, funções, ambientes e circulação propositiva. Levou-se em consideração também que ainda neste momento se integram na entrada principal as recepções do hospital e do espaço cultural.

Foi nesta lógica de mediação entre funções candentes que a visitação da exposição foi proposta de forma dirigida, mediante agendamento, onde se pode prever o volume, o momento e a natureza do interesse do público recebido para este fim.

Esta primeira exposição produziu também dados relevantes para mensuração de novas propostas culturais que levarão à implantação definitiva de um museu, onde o prédio deverá qualificar-se técnica e estruturalmente. Além da formação de um quadro profissional especialista que permita o inventário e manejo da enorme coleção de objetos formada inicialmente, bem como sua expansão ao longo do tempo, de acordo com as políticas organizacionais em formação. Além da formação de um quadro profissional especialista que permita o inventário e manejo da enorme coleção de objetos formada inicialmente, bem como sua expansão ao longo do tempo, de acordo com as políticas organizacionais em formação.



MUSEU DA
História da Medicina
DO PARANÁ





Conceito curatorial

> *"O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania". (HORTA, 1999, p. 6).*

O conceito curatorial do espaço foi pontuado pelo novo uso da ala histórica do prédio. A intervenção expositiva em espaço patrimonial histórico, notadamente quando ainda mantém grande parte de sua funcionalidade, pretende informar acerca da dinâmica da prestação hospitalar caridosa no presente contínuo.

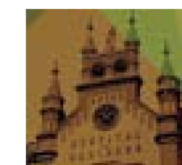
Acervo e prédio foram integrados por mídias expositivas bi e tridimensionais, na forma de mobiliários diversos, painelização e televisores, articulados por mediadores que conduzem um circuito lógico espacial: Pátio, Térreo, Superior e Sótão. Ainda que esteja inserida no prédio, a exposição é acompanhada de projeto luminotécnico próprio.

Os ambientes expositivos interpolam a arquitetura, que guarda os sentidos dos objetos dispostos em ambientação referenciada por painéis que conferem dimensão ao conjunto, além da voz de personagens que se apresentam em audiovisual.

A visitação presencial se dá em grupos de até vinte pessoas, garantindo uma experiência controlada e respeitosa em face da dinâmica do prédio que, além de sua característica histórica de preservação, é ainda uma unidade hospitalar em funcionamento, permitindo observar o movimento humano típico que envolve a medicina em ação.

O novo espaço cultural pode então assumir o encargo de apresentar suas coleções de objetos e cumprir seu maior objetivo, tornar-se também um Museu da História da Medicina.

Agora, reconectado em suas dimensões temporais, propõe uma nova função ao espaço: ser cultural enquanto resiste profissionalmente, na forma de um moderno hospital em franca atividade. O convite para conhecer os ambientes expositivos, sempre mediados por monitoria qualificada, interpola a arquitetura que guarda os sentidos dos objetos dispostos em ambientação referenciada por painéis que conferem dimensão ao conjunto, além da voz de personagens que se apresentam em audiovisual.



MUSEU DA **História da Medicina** DO PARANÁ

Na exposição podem ser observados os elementos componentes expositivos através de suas caracterizações funcionais:



ESPAÇOS — São as alas segmentadas no prédio e que correspondem a um conjunto de mensagens expositivas.



JANELAS DO TEMPO — São os recortes no prédio onde se observam as antigas evidências arquitetônicas (pinturas, tijolos, madeiras...) ao lado da sua versão atual, exibindo contraste.



COLEÇÕES — São os conjuntos de objetos dispostos em cada um dos espaços, correspondendo a mensagem expositiva.

O Espaço Cultural da Santa Casa de Curitiba e seu Museu da História da Medicina do Paraná são multidimensionais.



GUIA IMPRESSO

REDES SOCIAIS

LIVRO

SITE

CADERNO DE RECOMENDAÇÕES

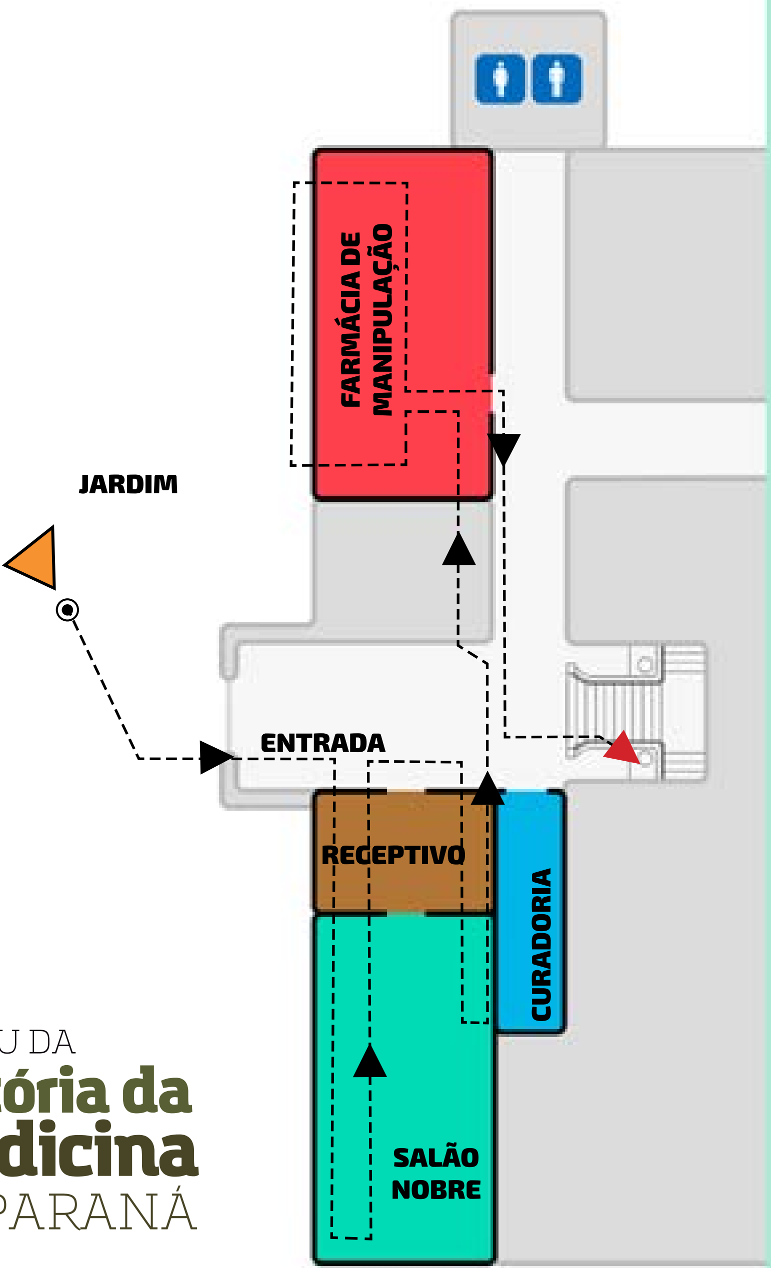
Mediação cultural

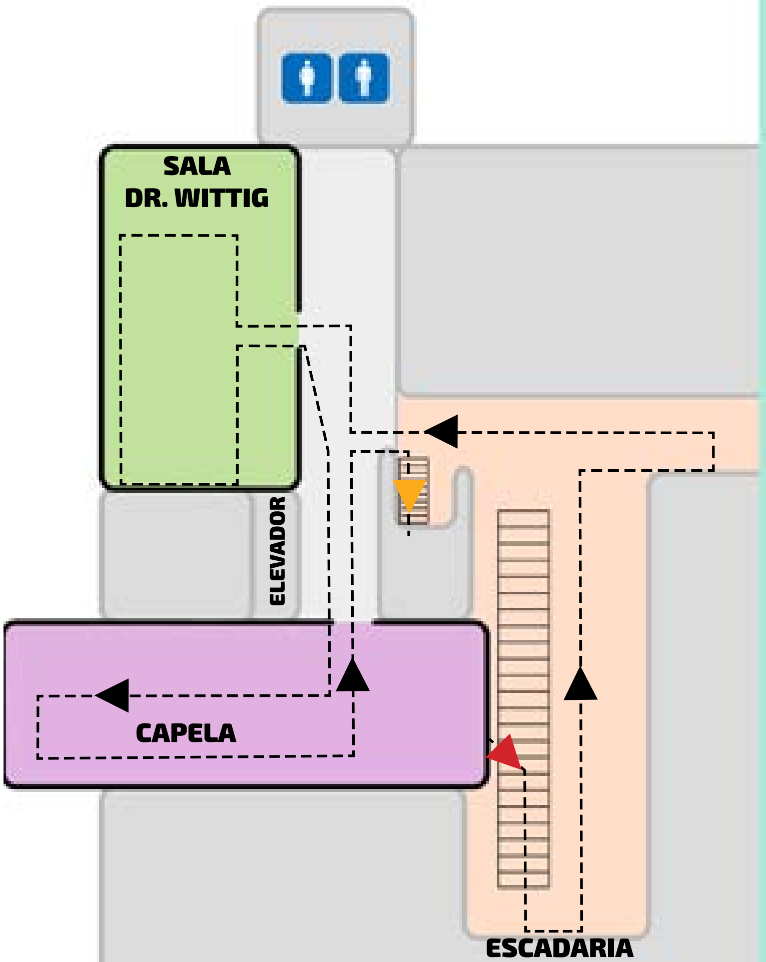
O espaço expositivo segmentado em suas alas guarda coleções de objetos. Revela arquitetura exuberante do prédio. Assim, a mediação entre o visitante e estes elementos articula-se por meio desta primeira exposição, desenvolvida através de multimeios que permitem, desde a experiência de visitação física nos pontos mais importantes e pitorescos do prédio, com painéis informativos, guia impresso, entrevistas em audiovisual com personagens importantes e a presença de mediadores capacitados a ampliar o conhecimento do visitante. Nas próximas páginas, desvende um pouco mais deste universo.

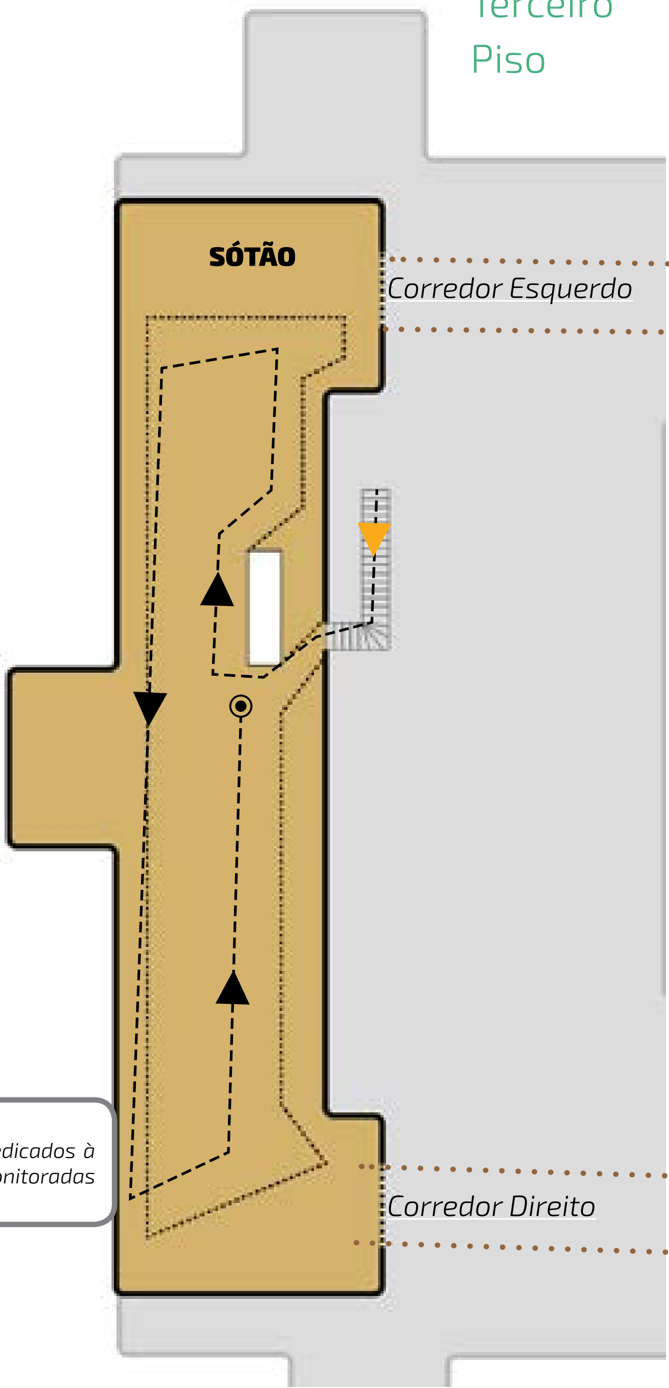


MUSEU DA **História da Medicina** DO PARANÁ

MAPA DA EXPOSIÇÃO







Visitação

São mais de 1.000 m² dedicados à exposição, com visitas monitoradas de 1h30min.

Navegação

1. A exposição inicia no Jardim e finaliza no Sótão, conforme os pontos indicados
2. A exposição atravessa o Hospital, assim, é necessário silêncio e seguir a trilha pontilhada conforme o sentido indicado

Jardins

Os grupos de visitantes são recepcionados no jardim frontal do hospital, onde é possível contemplar a riqueza arquitetônica da fachada, as esculturas e o jardim, que incorporam-se à paisagem urbana do entorno, que apresenta ainda um grande fluxo de pessoas. Nesse ponto, a fala dos mediadores é voltada justamente à noção espacial do prédio, que no passado era considerado distante do centro da cidade.



Salão Nobre

Este espaço é voltado aos grandes nomes que contribuíram para a instalação, desenvolvimento e permanência da Santa Casa de Curitiba. Personagens como a Rainha D. Leonor de Portugal, responsável pela criação das Santas Casas; o Dr. Murici, médico baiano que angariou fundos e iniciou a construção do atual prédio do Hospital da Santa Casa de Curitiba; e até mesmo os mais recentes provedores são abordados. Neste espaço, 28 pinturas retratam alguns provedores e algumas delas foram produzidas pelo grande artista norueguês Alfredo Andersen, considerado o 'pai da pintura paranaense'. Por meio de um vídeo documentário, é realizada uma introdução ao universo hospitalar da Santa Casa de Curitiba.







Provedores da Misericórdia



1. **1854** Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira
2. **1855** Doutor Augusto Lobo de Moura
3. **1856** Comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira
4. **1859** Padre João de Abreu Sá Sottomaior
5. **1859** Dr. José Matias Gonçalves Guimarães
6. **1866 a 1867/1879** Dr. José Cândido da Silva Murici
7. **1879 e 1880/1887** Dr. Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque
8. **1887** José Fernandes Loureiro
9. **1890** José Theodoro de Freitas
10. **1891/1894** Joaquim José Belarmino de Bittencourt
11. **1895** Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva
12. **1897/1899 e 1901/1908** Padre Alberto José Gonçalves
13. **1909 e 1910/1919** Manuel Martins de Abreu
14. **1920/1922** André Pinto de Barros
15. **1923/1925** Annibal Guimarães Carneiro
16. **1926 e 1927/1930** Antonio de Souza Mello
17. **1930 e 1931** David Silveira da Mota
18. **1931** Ivo de Abreu de Leão
19. **1932 e 1933** David Silveira da Mota
20. **1934/1941** Manoel Francisco Correia
21. **1942 e 1943** Olívio Carnasciali
22. **1944 e 1945** José Gonçalves Junior
23. **1946/1951** Flavio Macedo
24. **1952/1959** José Gonçalves Junior
25. **1960 e 1961** Fausto Nascimento Bittencourt
26. **1962 e 1963** João Gualberto Gomes de Sá
27. **1964 e 1965** Júlio Maito Sobrinho
28. **1966 e 1967** José Loureiro Fernandes
29. **1968/1971** Fausto N. Bittencourt
30. **1972 e 1973** Raymundo Dalcol
31. **1974 e 1975** Gastão de Abreu Pires
32. **1975** Mário Augusto de Queiroz
33. **1976** Gastão de Abreu Pires
34. **1976/1979** Mário Augusto de Queiroz
35. **1980** Gastão de Abreu Pires
36. **1980 e 1981** Mário Augusto de Queiroz
37. **1982 e 1983** Felix Brandão Sobrinho
38. **1984/1994** Ivo Arzua Pereira
39. **1994/1996** Gilberto de Abreu Pires
40. **1996/2000** Ary de Christan
41. **2000/2005** Ivo Clemente Juliatto
42. **2006/2015** Irmão Frederico Unterberg
43. **2016/2017** Irmão Pedro João Wolter
44. **2017/2019** Dom João Bosco Óliver de Faria
45. **Provedor atual:** Monsenhor Mário Sérgio Bittencourt de Carvalho

Curadoria

A sala da Curadoria é famosa por sua biblioteca, que faz referência a pesquisa e preservação documental, essenciais para a formação do Museu da História da Medicina do Paraná. O Livro Ata de Fundação da Santa Casa, exposto neste cômodo, contém a assinatura de grandes personalidades, como a de Dom Pedro II, e a recuperação e tratamento do documento ficou à cargo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Uma coleção de livros e documentos raros, acervo da Santa Casa de Curitiba e da Associação Médica do Paraná, também estão expostos nesta sala, com proteção adequada.



Farmácia

A conservação do mobiliário, frascos e do ambiente da farmácia impressiona os visitantes. Ao todo, as prateleiras abrigam 700 itens que contêm embalagens centenárias. Constam no acervo ópio, éter, cocaína 20% e iodeto de mercúrio. Além disso, algumas apresentam nomenclaturas curiosas, como Extrato de Quina Vermelha, Óleo de Rícino Adoçado, Ratânia e outros. Nesta sala, o legado de André de Barros também vem à tona. Provedor da Santa Casa entre 1920 e 1922, exerceu de forma zelosa o ofício de farmacêutico em Curitiba, tornando-se popular. Era muito querido pela população, que o considerava um homem confiável.

Uma farmácia a frente de seu tempo

O Curso de Farmácia, ofertado pela Universidade do Paraná, a partir de 1912, tinha como Hospital-Escola a Santa Casa. Nesta época, o farmacêutico era, muitas vezes, médico e químico. O profissional de Farmácia sabia fazer desde a manipulação mais simples até o remédio para doenças complexas. Assim, os conhecimentos práticos da Santa Casa nortearam a criação do curso de Farmácia. E como tudo começou? Primeiro na Botica, formulando, preparando e distribuindo remédios. A Farmácia da Santa Casa era descrita, em 1955, como:

> *"... muito bem montada e provida dos mais variados e procurados medicamentos está a disposição dos enfermos que confiam no cuidado que lhes será dispensado na Santa Casa."*
>
> (HOERNER, 2002, p. 154)

No início, os fármacos eram principalmente de origem vegetal, com a preparação dos infusos. Depois, aprendeu-se a identificar os princípios ativos, sintetizá-los e, mais recentemente, modelá-los no computador e transformá-los em medicamentos. A produção de medicamentos deslocou-se ao longo do tempo, da "botica" para a fábrica. Indústrias farmacêuticas que têm raízes históricas, como a Sandoz, fundada em 1886, acreditam na essência dos valores ancestrais da farmácia, que objetivam aumentar o acesso aos medicamentos, à informação e à capacitação médica adequadas para profissionais da saúde. A Santa Casa de Curitiba, desde os primórdios, buscou a inovação e a ciência para atender aos crescentes desafios com cuidado da saúde na sociedade.















Rótulos de medicamentos da farmácia da Santa Casa e da Botica Stellfeld, Irmão & Cia.

Escadaria

O trânsito entre os andares expositivos permite vivenciar a dinâmica hospital, assim como apreciar, com mais intensidade, a riqueza arquitetônica do prédio. A majestosa escadaria do Hospital Santa Casa de Curitiba conserva o tradicionalismo do prédio, enquanto os vitrais de arte sacra apontam para a fé e o assistencialismo, missão atemporal da instituição. Também está presente no hall do 2° piso a mostra especial "Centenário de Mário de Abreu", de autoria do pesquisador Dr. Carlos Ravazzani, que conta a trajetória desse grande médico que começou a atuar no Hospital Santa Casa de Curitiba em 1929.

Arquitetura e arte da Santa Casa

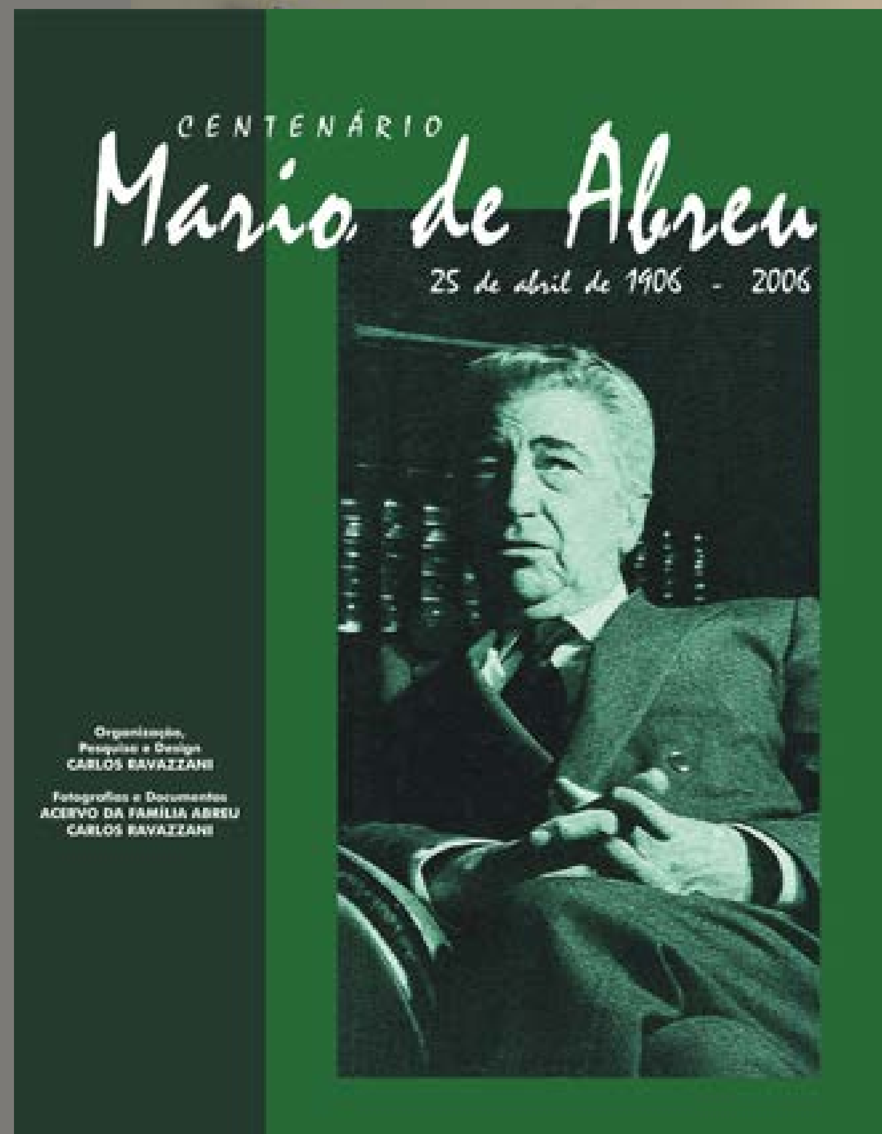
Considerado moderno por ocasião de sua construção, na atualidade, a arquitetura utilizada no prédio da Santa Casa é considerada eclética, por apresentar elementos de diversas características e épocas. Ressaltam-se imponentes os pináculos de origem portuguesa.

O renomado artista Poty Lazzarotto está presente neste espaço com um belíssimo vitral sobre o Salmo 24, que foi idealizado por ele e executado por seu colega, o artista plástico Adoaldo Lenzi.

> *"O seu todo apresenta uma perspectiva imponente e reúne precisa solidez. Vai ficar o primeiro edifício da província"*
> Jornal Dezenove de Dezembro, 28 de fevereiro de 1874.







"A Santa Casa era o hospital da cidade, o hospital de caridade, o único de Curitiba onde havia possibilidade de assistirmos aos indigentes. Estávamos preparando nossa vida futura."

Dr. Mário de Abreu (HOERNER, 2002, p. 121)

Sala Dr. Wittig

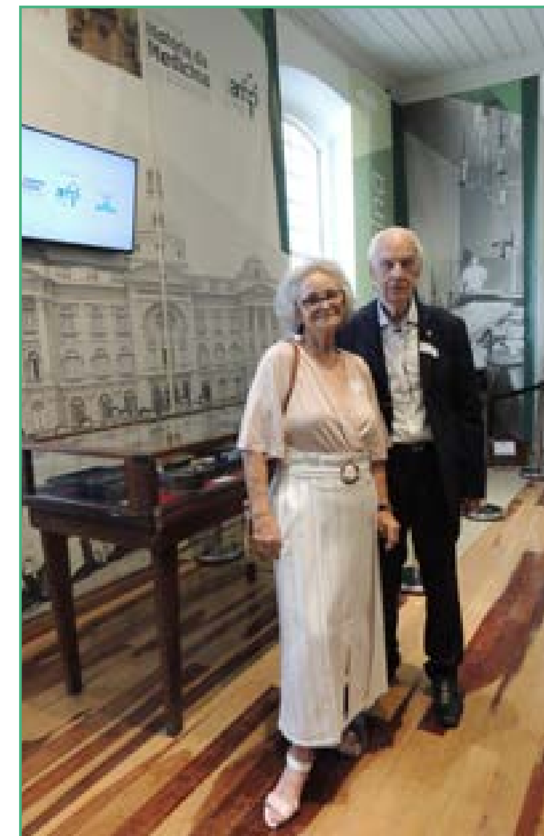
Rebatizado para a inauguração do Museu da Histórica da Medicina do Paraná, este cômodo já foi Enfermaria Sant'ana e Sala São José, nomes que continuam na porta de entrada. O processo de restauro deixou evidenciadas as antigas nomenclaturas, o que denota os sucessivos usos diferenciados do espaço ao longo dos anos. Relíquias variadas guardadas com imenso carinho pelo Dr. Ehrenfried Wittig foram comodatadas ao Museu da História da Medicina no Paraná e estão disponíveis ao público neste espaço.

No interior da sala, os visitantes são surpreendidos com um vasto número de equipamentos e instrumentos médicos, inclusive de um pulmão de aço, fundamental para o tratamento da poliomielite na metade do século XX. A sala faz alusão ainda ao ensino da medicina, parceria da Santa Casa e da Associação Médica do Paraná e apresenta palavras-chave que permeiam o trabalho do hospital e são essenciais para a divisão dos objetos expostos, como 'ensino e pesquisa', 'diagnóstico e tratamento' e 'assistência e cuidado'.

A sociedade precisa conhecer e homenagear estes ícones e elementos desenvolvedores da medicina, qualquer que seja seu setor, especialidade ou profissão.

"Os médicos mais jovens, evidentemente, não conheceram como foi, como se fazia e conseguia exercer a medicina há 50, 60 ou mais anos. Mas, é importante saber que pessoas promoveram estes avanços, em medicamentos ou aparelhos. Rever, reviver, relembrar, conhecer. Contribuir para as novas gerações entenderem como já foi difícil, muito difícil, árduo, limitado, espinhoso e penoso o exercício da medicina. Restaurar é também trazer à realidade passada, algo que esquecemos ou não tivemos oportunidade de conhecer, de ver, utilizar, ou seja, é um novo prazer cultural". (Dr. Wittig)

O Dr. Ehrenfried Wittig foi um dos responsáveis por implantar o chamado "Teste do Pezinho" no Paraná. O Dr. Wittig recebeu as principais honrarias concedidas a médicos com atuação no Estado, em reconhecimento ao seu trabalho ético e humanitário. Entre elas, estão o Diploma de Mérito Ético-Profissional, pelos 50 anos de exercício exemplar da atividade, e a Medalha de Lucas – Tributo ao Mérito Médico, comenda instituída pelo Conselho Regional de Medicina do Paraná, em 1996, e que neste período foi concedida a personalidades médicas de destaque.



Dr. Wittig e esposa prestigiando a inauguração do espaço que leva seu nome.



Santa Casa no DNA da Associação Médica do Paraná

A Sociedade de Medicina que nascera na Santa Casa de Curitiba, em 1902, tinha uma visão cultural e científica. Em 1933, ela se une a outras duas instituições: a Sociedade Médica dos Hospitais, com vida orgânica e social, defensora dos princípios éticos; e o Sindicato Médico do Paraná, que defendia a classe enquanto trabalhadores de uma sociedade em conflito e transição.

A união fez nascer uma entidade moderna, forte e coesa: a Associação Médica do Paraná (AMP). Assim, visava congregar, defender e amparar a classe médica do Estado, estreitando laços e mantendo a solidariedade entre os seus membros.

O Salão Nobre da Santa Casa foi o cenário da assembleia de fundação da AMP, assim como muitas das reuniões posteriores ocorriam nas dependências do hospital ou na Biblioteca Pública do Paraná.

Além disso, a AMP estimula o respeito da ética profissional e dedica-se na divulgação dos avanços da medicina. Uma finalidade histórica foi o combate veemente ao charlatanismo, ao curandeirismo e ao exercício ilegal da medicina.

Santa Casa de Curitiba e UFPR

Pioneira no atendimento médico em Curitiba, muitos dos profissionais que atuaram na Santa Casa também foram professores na Faculdade de Medicina do Paraná, federalizada em 1951. A cooperação contribuiu para a realização de avanços médicos e formação de milhares de profissionais.

Alguns destaques:

- *Dr. Antonio Rodolpho Pereira de Lemos*, médico da Santa Casa de 1894 a 1918 e primeiro professor nomeado para a cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Paraná;
- *Dr. João Evangelista Espíndola*, médico da Santa Casa de 1895 a 1930 e diretor do Hospital de Caridade por mais de 20 anos, catedrático da cadeira de Higiene;
- *Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva*, um dos fundadores da Universidade do Paraná, seu primeiro reitor e o primeiro catedrático de Obstetrícia e Ginecologia. Foi médico do Hospital Santa Casa de 1898 a 1930;
- *Dr. José Guilherme de Loyola*, médico da Santa Casa desde 1901, professor de Clínica Neurológica e Psiquiátrica;



Primeira Diretoria da Universidade do Paraná. Da esquerda para direita, sentados: Nilo Cairo da Silva, Victor Ferreira do Amaral e Silva e Euclides Bevilaqua; em pé: João Barcelos, Manoel Cerqueira Daltro Filho e Hugo Gutierrez Simas.

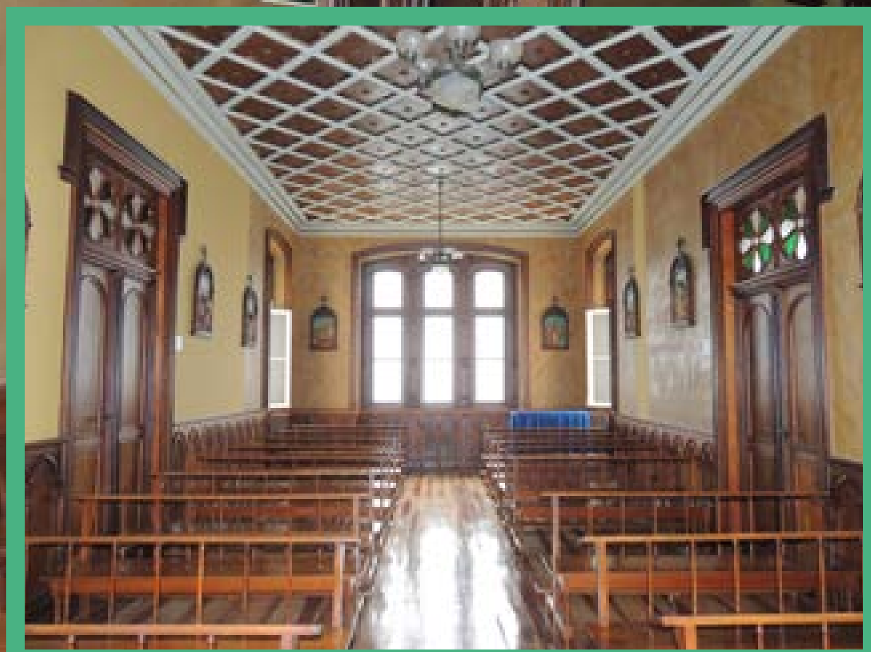
- *Dr. Miguel Severo de Santiago*, médico do Hospital desde 1902, foi o primeiro catedrático de Anatomia Descritiva;
- *Dr. Joaquim Pinto Rebello*, médico da Santa Casa por quase 50 anos, desde 1911 e primeiro catedrático de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia;
- *Dr. Szymon Kossobudzki*, médico da Santa Casa de 1913 a 1934, iniciou o ensino da Clínica Cirúrgica, sendo o patrono do ensino da cirurgia no Paraná;
- *Dr. João Cândido Ferreira*, catedrático que inaugurou o ensino de Clínica Médica na sua enfermaria da Santa Casa, onde trabalhou desde 1913;
- *Dr. Francisco Martins Franco*, médico do hospital de Caridade desde 1916 e catedrático de Propedêutica Médica;
- *Dr. Miguel Isaacson*, médico da Santa Casa desde 1923 e chefe das enfermarias Santa Ana e Santa Rosa, na Santa Casa, catedrático de Ginecologia.



Capela

O espaço religioso do Hospital é visitado com zelo e silêncio, já que ainda está ativo para celebrações e é, também, utilizado pelos familiares e pacientes que buscam o espaço para confortar-se na fé cristã. A capela foi elogiada por Dom Pedro II em sua visita ao hospital, na data da inauguração, fazendo especial alusão ao teto de madeira. Aliado às evidências construtivas salientadas pelo restauro, é possível observar a técnica e uso de diversos elementos construtivos, bem como a presença cristã evidenciada nos vitrais, pinturas, altar e teto.





Sótão

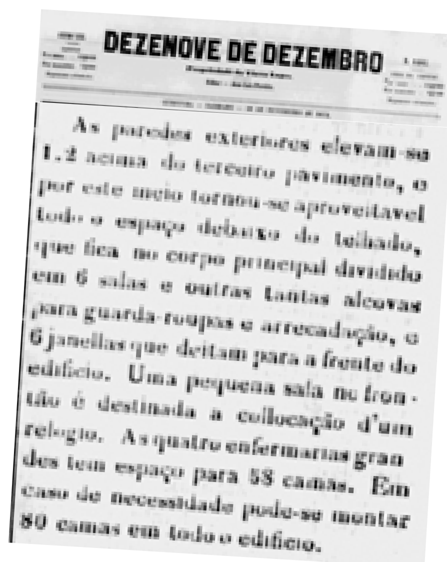
Subir ao sótão do prédio é uma viagem no tempo. Essencial para a funcionalidade segura do Hospital, o restauro tornou possível também o uso do local com novos objetivos. A intervenção é evidente no espaço, por meio das vigas de sustentação, do telhado e dos tijolos aparentes, recuperados no restauro. Neste espaço é possível conhecer também o mecanismo do elevador de madeira.

Agora, o sótão abriga parte da exposição do Museu da História da Medicina do Paraná, com duas coleções distintas: a primeira, referente a objetos médicos e cenários de uma enfermaria e centro cirúrgico; a segunda, uma coleção completa de todo o paramento litúrgico, ainda utilizado na celebração eucarística.

As Irmãs de São José de Chambéry são homenageadas neste local, por meio da exposição de vestimentas e fotos. O serviço prestado pelas religiosas foi de fundamental importância para o hospital, especialmente com os pacientes da unidade psiquiátrica. A devoção e o sacrifício das Irmãs tem um valor inestimável para a Santa Casa de Curitiba e, ainda hoje, é uma inspiração.

"Para a história da medicina, a arquitetura ainda conserva, escondidos sob antigas reformas, espaços, texturas e técnicas originais, recompostas com pouco esforço, como antigas enfermarias e salas cirúrgicas."

Cláudio Maiolino, arquiteto responsável pelo processo de restauro do Hospital.


DEZENOVE DE DEZEMBRO

As paredes exteriores elevam-se 1.2 acima do terceiro pavimento, e por este meio tornou-se aproveitavel todo o espaço debaixo do telhado, que fica no corpo principal dividido em 6 salas e outras tantas alcovas para guarda-roupas e arrecadação, e 6 janellas que deitam para a frente do edificio. Uma pequena sala no frontão é destinada a collocação d'um relogio. As quatro enfermarias grandes tem espaço para 58 camas. Em caso de necessidade pode-se montar 80 camas em todo o edificio.

O processo de restauro do prédio histórico do Hospital da Santa Casa de Curitiba foi dividido em duas fases, a primeira começou em 2002 e a segunda em 2006. Em 2015, o trabalho foi concluído e o imóvel teve seus elementos arquitetônicos e históricos revalorizados, como o exclusivo elevador e o relógio, peças únicas em sua época.

A recuperação do sótão foi essencial para garantir a segurança do prédio, por se tratar da área de telhados e fiações não aparentes, além da usabilidade da área, que hoje detém ainda espaço destinado a uma futura reserva técnica do Museu da História da Medicina do Paraná.


2010


2015

O processo de restauro do prédio do Hospital da Santa Casa torna-se evidente no sótão, por meio das vigas de sustentação, do telhado e dos tijolos aparentes, recuperados na intervenção. Neste espaço é possível conhecer também o mecanismo do elevador de madeira, totalmente manual.


2019


Restauro do prédio
histórico da Santa Casa

Irmãs de Chambéry: heroínas da caridade

Em 26 de julho de 1896, uma congregação formada por seis Irmãs de São José de Chambéry chegava a Curitiba, atendendo a uma série de convites realizados pelo Bispo Dom José de Camargo Barros, primeiro bispo de Curitiba. A jornada das religiosas durou cerca de um mês e foi acompanhada também pelos missionários Padres Lassiaz e Anxionnaz.

A campanha do Bispo Dom José em busca da assistência das irmãs de São José de Chambéry contou com o apoio da Madre Marie Théodore Voiron, Provincial de São Paulo, que entrou em contato com a Madre Geral de Chambéry. Esta, por sua vez, recorreu à Superiora Geral das Irmãs de Moûtiers, sensibilizando-a sobre o caridoso trabalho que poderia ser realizado.

Já no Paraná, as irmãs se depararam com uma árdua missão. Com um trabalho incansável e inspirador, elas auxiliaram no atendimento das unidades hospitalares, assistência aos pacientes, auxílio espiritual e limpeza.

A partir de 1903, com a fundação do Asilo dos Alienados, mais tarde Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz, as freiras passam a prestar também apoio na contenção dos pacientes dessa unidade, que exigiam cuidados especiais. Os hospitais da Irmandade de Caridade Santa Casa tornaram-se o universo das Irmãs de São José de Chambéry, que ali trabalhavam, moravam e perpetuavam suas missões religiosas. Das pioneiras, apenas três retornaram à França. A missão em Curitiba demandou grandes sacrifícios das Irmãs, cuja devoção é inspiradora e possui um valor inestimável para a Santa Casa.

As pioneiras da caridade foram:
Ir. Maria José Jacquier (1ª Superiora)
Ir. Cécile Mermoz
Ir. Marie Lucie Rolland
Ir. Marie Françoise Michel
Ir. Flavie Borlet
Ir. Mari Basile Bonnavie





A Coleção de centenas de objetos médicos expostos tem no sótão sua segunda amostra, na forma de cenário completo, sendo um centro cirúrgico e uma enfermaria.



Elevador

Totalmente manual, o elevador de madeira está desativado. No passado, ele era utilizado para o transporte de pacientes, cena representada por meio de uma ambientação criada para o espaço cultural.











Um centro cultural para o relacionamento social

Um espaço cultural deve ser vivo e relacionar-se constantemente com a sociedade, gerando pertencimento e construindo o seu valor social. Para tal, diversas atividades são realizadas em paralelo com a exposição, além da constante visitação guiada, que promove mediação cultural para os mais diversos grupos de visitantes, desde grupos escolares, universitários, pacientes do Hospital Santa Casa de Curitiba, moradores de Curitiba e turistas.

Mesa Redonda "História da Saúde no Paraná e suas Pioneiras"

Realizado em 14 de maio de 2019, o evento abordou o desenvolvimento da história da saúde, da medicina e da enfermagem, especialmente no Paraná com destaque para a participação feminina. Participaram os seguintes convidados: Me. Simone Peruzzo (COREN-PR); Me. Marta Savi (Historiadora UFPR); Dr. Carlos Ravazzani (HSC e IHGB-PR); Dr. Ehrenfried Wittig (Museu da Medicina AMP).

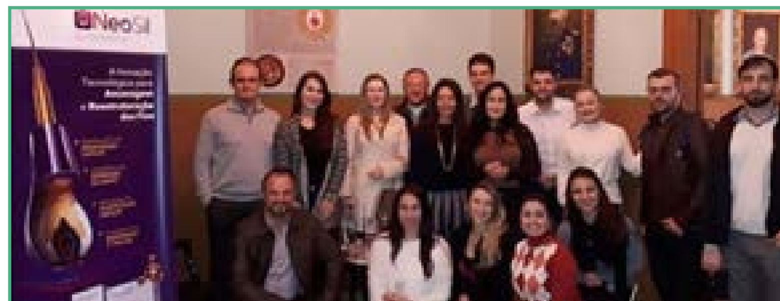
Mesa Redonda "História da Saúde Pública no Paraná"

Realizado em 26 de setembro de 2019. Participaram os seguintes convidados: Manoel César Santos (Museu do Saneamento SANEPAR); Marina Braga Carneiro (Divisão de Acervo Permanente DEAP - atuou na Rede Memória da Saúde Pública); Márcia Dalledone Siqueira (professora aposentada da UFPR); e Dr. Donizetti Giamberardino (Diretor Clínico do Hospital Pequeno Príncipe).

Visita Guiada Especial: Enfermagem



Visita Guiada Especial: Jornada de Dermatologia



Tarde no Museu - Filme “O Palhaço”



Tarde de Jogos



Tarde no Museu - Filme “Saneamento Básico”



Roda de Conversa Saúde Mental



PRESENTE
E FUTURO



SANTA CASA

Um presente para o futuro

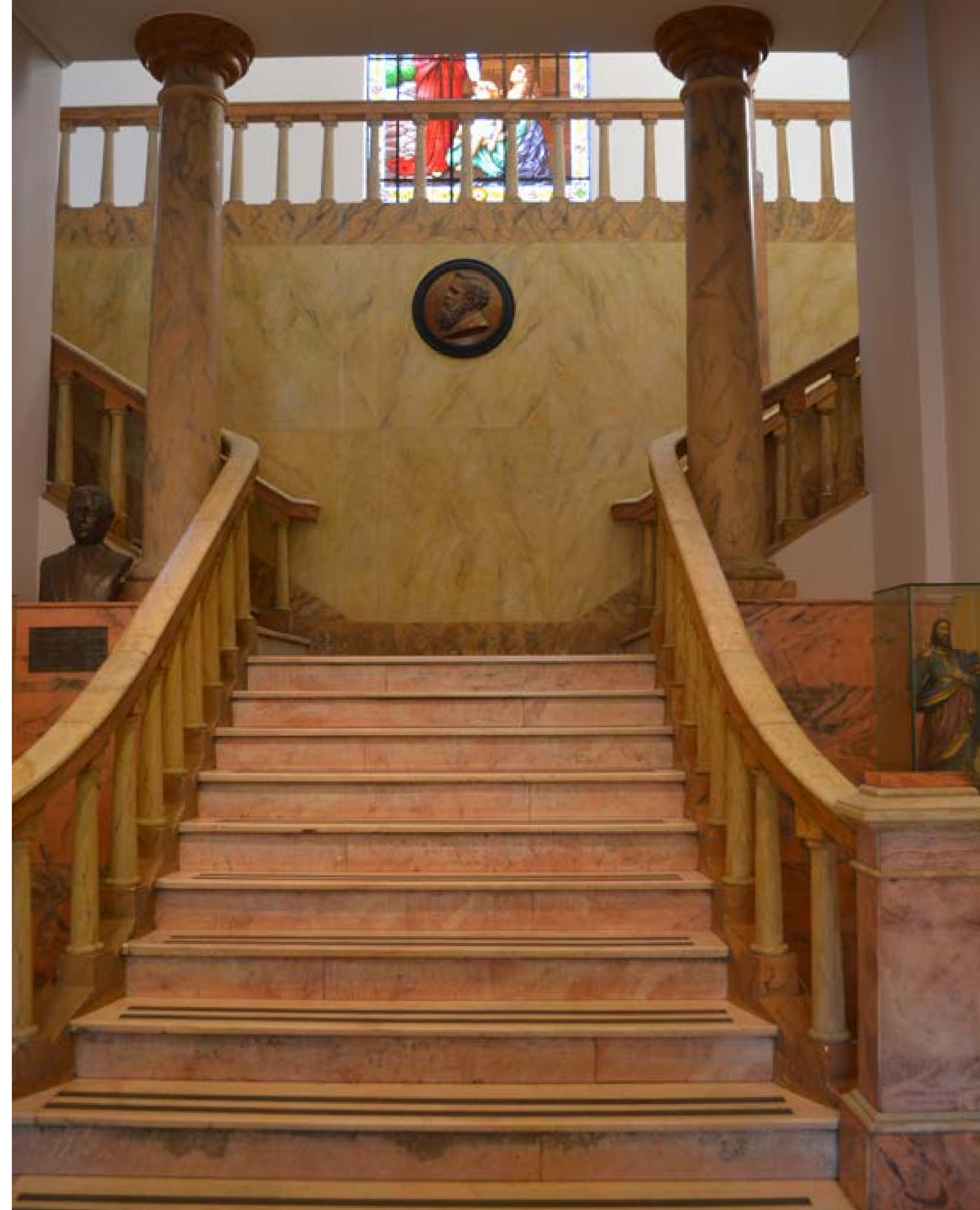
Ao percorrer os corredores da Santa Casa de Curitiba e observar com atenção cada traço e detalhe da arquitetura interna e externa do prédio, é possível perceber uma clara dicotomia entre passado e presente.

Logo na entrada, uma imponente escadaria e vitrais coloridos não deixam de ser notados, assim como o brilhoso piso de madeira, o pé direito alto e as largas portas que dão acesso aos quartos e enfermarias. As grandes e robustas janelas, que ajudam a arejar e iluminar o interior dos quartos e corredores, também dão vida à fachada de uma das edificações mais belas da região central da cidade. É como viajar no tempo e imaginar como homens e mulheres dedicaram-se a salvar vidas nesse lugar por quase 140 anos.

No entanto, é nesse mesmo espaço que metros adiante estão localizados modernos e equipados setores de diagnóstico e tratamento de diversas áreas e especialidades. Salas cirúrgicas amplas, unidades de terapia intensiva com leitos humanizados, pronto-atendimento com acolhimento imediato, unidade de hemodiálise e um recém-inaugurado setor de hemodinâmica, com um dos mais atuais equipamentos da cidade, dão o contraponto, mostrando que o hospital acompanhou as mudanças da era moderna, sem esquecer ou renegar sua origem, que, se transcrita em uma palavra, pode ser definida como pioneirismo.

Dr. José Cândido da Silva Murici idealizou, em meados do século XIX, a construção de um hospital para atender à população de uma então pequena cidade chamada Curitiba. O médico, infelizmente, não chegou a ver a obra concluída, mas seu legado foi deixado para a posteridade: o primeiro hospital da cidade.

Através dos anos, o chamado Hospital de Caridade mudou e tornou-se a Santa Casa de Curitiba, hospital de referência para a capital paranaense e também para outras cidades do estado e do país. Por aqui, renomados médicos e professores foram responsáveis por acolher os primeiros pacientes, estruturar e aprimorar os serviços de assistência hospitalar, implantando novas técnicas, criando novas especialidades e ensinando o ofício da medicina aos novos profissionais. Foi na Santa Casa que vários procedimentos diagnósticos, terapêuticos e cirúrgicos foram realizados pela primeira vez no Paraná.



Além do pioneirismo na assistência hospitalar, foi também o primeiro hospital-escola para alunos de medicina dos mais tradicionais e antigos cursos da cidade.

Com isso, fomentou-se o ensino e a pesquisa clínica dentro do hospital, cujos pacientes podiam ser tratados com técnicas inovadoras para sua época. Nesse aspecto, a tradição permaneceu, visto que em diversas especialidades a pesquisa médica permanece ativa até os dias de hoje, com grande representatividade no cenário nacional e internacional.

Não são raras as vezes em que profissionais da Santa Casa levam o nome da Instituição para seminários e congressos, reforçando o compromisso do hospital com a inovação e atualização médico-assistencial.

Somado a isso, a presença religiosa também é um capítulo importante dessa história. A relação Santa Casa e Igreja foi e permanece indissociável. Limitar a assistência à saúde apenas ao diagnóstico e ao tratamento de doenças é um equívoco. Nesse sentido, a atuação da Santa Casa vai além da assistência médico-hospitalar. Com a presença de membros religiosos, seja na assistência direta ao paciente ou nas posições de gestão — incluindo o Conselho de Administração — as diretrizes de atendimento seguem sempre premissas humanitárias, valorizando e respeitando as necessidades dos pacientes.

Esses valores religiosos são colocados em prática diuturnamente e estimulados no ambiente hospitalar, oferecendo aos pacientes, seus familiares e também aos próprios profissionais o apoio e conforto espiritual necessários para enfrentar as dificuldades decorrentes da enfermidade.

Com isso, completa-se a tríade ensino-pesquisa-humanização como uma das principais marcas do atendimento Santa Casa. Um presente para o futuro ofertado por milhares de mãos ao longo dos anos, que ajudaram a construir a reputação e o reconhecimento público da Santa Casa perante a sociedade, consolidando-a como uma instituição séria, respeitada e amada pela comunidade curitibana.



Uma nova Santa Casa

Com mais de um século de história, é comum que por vezes a Santa Casa seja associada ao passado. O que de certa forma é natural, afinal, milhões de pessoas já foram atendidas no hospital ao longo das décadas e cada um tem sua própria lembrança.

Jovens que recordam com alegria do momento em que foram comunicados que receberiam um novo órgão e se emocionam ao lembrar como foi a sensação de iniciar uma nova vida pós-transplante; homens e mulheres em tratamento renal que construíram laços de amizade com profissionais e outros pacientes do setor de hemodiálise e mantêm até hoje o carinho dessas pessoas; além de pais e mães que choraram de felicidade pelos corredores ao receberem a notícia de que seus filhos foram salvos pelas mãos da equipe do hospital.

Há também, infelizmente, aqueles que se recordam do momento da partida de seus entes queridos, dos momentos de luta contra a doença, mas que, por vezes, fizeram questão de agradecer médicos e enfermeiros pelo bom atendimento prestado.

São histórias do passado que não podem e não devem ser apagadas. No entanto, é possível se reinventar a cada dia sem perder sua essência. E esse é o lema da Santa Casa nos dias de hoje, endossado pela diretoria e pelo Conselho de Administração da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.

Atualmente constituído como um Complexo Hospitalar e Ambulatorial, o hospital possui 224 leitos de internação, sendo 186 de enfermaria e 38 de terapia intensiva. Cerca de mil colaboradores diretos trabalham junto com um corpo clínico composto por quase 400 médicos e outros 118 residentes em formação em uma das 14 especialidades do programa de residência médica. Compõem ainda a equipe 145 voluntários, com uma valiosa e representativa atuação de quem dedica tempo e amor na atenção ao próximo.

São mais de 1.500 pessoas atuando com ética e responsabilidade em prol de uma assistência hospitalar integrada, de qualidade e humanizada. Entre esses profissionais e voluntários, há aqueles que estão iniciando sua carreira profissional, aqueles que recém-chegaram à instituição para agregar com conhecimento de fora e uma grande parcela que está há 10, 20, 30, 40 e até 50 anos dedicando-se ao hospital.



Nesse contexto, passado, presente e futuro encontram-se em um mesmo lugar. O passado, que acompanha as histórias dessas pessoas que ajudaram a construir o nome da Santa Casa; o presente, da Santa Casa de hoje, que faz parte do dia a dia desses profissionais e pacientes; e o futuro, que depende do hoje para que possa ser construído alicerçado em ações e planejamentos efetivos diante do crescimento do mercado.

É preciso inovar constantemente, mas, ao mesmo tempo, preservar essa identidade forte, essa essência que é única da Santa Casa.

Por isso, uma ação que vem sendo construída e consolidada é a implantação de uma linha de cuidado completa e especializada em cardiologia, que vai desde uma consulta ambulatorial de rotina aos tratamentos mais complexos, como o cateterismo, angioplastia e o transplante cardíaco.

Esse é um trabalho que vem sendo pensado e executado de forma efetiva há pelo menos dois anos, quando o hospital deu início a um processo de investimento em aquisição de equipamentos e reestruturação física dos setores nos quais o paciente cardíaco é atendido, otimizando os processos para que, sem precisar ser transferido, o paciente possa realizar todo cuidado para doenças cardiológicas dentro do próprio Hospital.

Essa linha de cuidado tem início no pronto-atendimento de dor torácica, unidade exclusiva para pacientes com sinais de eventos de risco cardiológico, com atendimento 24 horas e totalmente integrado à UTI cardiológica, centro cirúrgico e unidade de hemodinâmica, onde são atendidos pacientes na iminência de infarto. Com a consolidação dessa linha, estima-se que um paciente infartado grave possa ser atendido em poucos minutos já na hemodinâmica, reduzindo drasticamente o risco de morte ou sequelas.

É um investimento em resolutividade, considerando uma das especialidades mais tradicionais do hospital: a cardiologia, que atualmente já realiza anualmente cerca de 4 mil procedimentos na hemodinâmica, 900 cirurgias e 10 mil atendimentos de emergência, além de ser um dos principais centros transplantadores cardíacos do Paraná.

Como pioneirismo faz parte da essência da Santa Casa, a construção dessa linha de cuidado é parte integrante de um projeto maior da atual direção, que é consolidar a Santa Casa não só como um serviço de referência em cardiologia, mas também em várias outras especialidades. Afinal, grande parte dos serviços médicos de Curitiba surgiu neste hospital.



Já está em processo de consolidação uma linha de cuidado bem estruturada em atendimento na área renal, por exemplo, cujo serviço de transplantes vem crescendo ano a ano e obtendo bons resultados quantitativos e qualitativos, um dos melhores do Estado, de acordo com relatórios apresentados periodicamente pela Central Estadual de Transplantes, além da ampliação no volume de atendimento no serviço de hemodiálise. Há espaço ainda para outras especialidades, afinal são, ao todo, 24.

Por ano, mais de 120 mil pessoas são atendidas no hospital, sendo usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), beneficiários de diversas operadoras de planos de saúde e pacientes de atendimento particular.

Esses milhares de pacientes que diariamente realizam exames, consultas ou procedimentos de tratamento em diferentes especialidades, podem até não saber, mas estão ajudando a construir uma história secular, que vem sendo contada há anos por homens e mulheres que acreditaram desde o início na Santa Casa, e que permanecem acreditando que a tradição e a experiência acumuladas ao longo de quase 140 anos, são fundamentais para assegurar um futuro promissor.



Quando olhamos para trás, percebemos que a história da Santa Casa se entrelaça com a história de Curitiba, da medicina, da enfermagem e, em geral, com a história da saúde Paranaense. E olhando para frente, ainda há uma longa jornada para que muitas e novas histórias de superação, esperança, vida e conquistas possam ser construídas e contadas.

POSFÁCIO

Memória e Futuro

Em 2017, o Conselho de Administração (CAD) da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (ISCMC) foi abraçado com muito amor por novos representantes, todos membros religiosos da Igreja Católica que contaram com o apoio da equipe administrativa para auxiliar no aspecto da gestão hospitalar.

Os Irmãos Maristas, que até então exerceram um importante trabalho e consolidaram a Santa Casa como um grande hospital-escola para o curso de Medicina da PUC-PR e, também, para os demais cursos da área da saúde, definiram novos objetivos em sua missão e optaram por seguir com sua vocação educacional.

Essa transição ocorreu em um momento oportuno, visto que o cenário econômico era desfavorável, assim como outras instituições filantrópicas também enfrentavam, mas ainda com a possibilidade de mudança, por meio de um plano de recuperação, que consistia basicamente no aumento da receita, ampliando a oferta de serviços e redução de custos.

É o momento em que o Grupo Marista deixa a gestão da Santa Casa em um processo conjunto de transição com a Pró-Saúde, que entrou com a determinação de uma das maiores instituições filantrópicas de gestão de serviços de saúde e administração hospitalar do Brasil. Sua experiência em contratos de gestão com entes público e privado, regulamentados por legislações federal, estadual e municipal, e a gestão amparada por seus princípios organizacionais, governança corporativa, política de integridade e valores cristãos, foram essenciais a um novo tempo da Santa Casa de Curitiba.

Foi então que a gestão administrativa da ISCMC apresentou ao CAD uma série de opções para que o objetivo fosse alcançado. Após avaliação, o CAD ponderou os impactos que cada ação poderia causar, não autorizando aquelas que pudessem causar impacto na assistência aos pacientes, que fosse contra os valores cristãos característicos da Santa Casa e ou que não assegurassem a sustentabilidade financeira a longo prazo. Assim foram priorizadas ações como as citadas a seguir:

• **Redução de custos**: internalização de serviços terceirizados e análise detalhada de custos por tipo, a fim de acabar com os desperdícios;

• **Pronto atendimento**: abertura para mais de 20 planos de saúde, aumentando de cerca de 100 atendimentos mês para cerca de 1.600 atendimentos/mês;

• **UTI:** Reforma de uma UTI com 10 leitos. Unidade com conceito humanizado, leitos individualizados e equipamentos novos;

• **Hemodinâmica**: reforma e ampliação da área da nova hemodinâmica, aquisição de novo equipamento moderno e oferta de mais exames e atendimentos aos pacientes com risco cardiológico;

• **Renovação do parque tecnológico do bloco cirúrgico**: por meio de projetos de captação de recursos, foram adquiridos novos e modernos focos cirúrgicos, monitores multiparamétricos, bisturis elétricos, elevador de transporte de pacientes e outros materiais e equipamentos necessários para ampliar a oferta de procedimentos cirúrgicos.

Neste momento, em que os destinos da Santa Casa de Curitiba e da Pró-Saúde se encontram para juntas cumprirem o desiderato cristão da caridade e a assistência ao próximo, com responsabilidade técnica contemporânea, um novo tempo se abre, onde memória e inovação se alimentam e se reforçam mutuamente. É tempo de preservar o patrimônio cultural acumulado e transformá-lo em ferramenta de educação e formação cultural das novas gerações. A saúde, assim como a educação, é a base que permite as pessoas realizarem seus sonhos de uma vida plena e feliz.

Preservar a missão e os valores cristãos em defesa da vida dos brasileiros que mais precisam, mantendo a Pró-Saúde, uma das instituições beneficentes que se dedica a entender a realidade sociocultural dos brasileiros, alinhada às melhores práticas de gestão tem sido um desafio alcançado ano a ano pela entidade, desde sua criação, em 1967. Assim, a perenidade de entidades filantrópicas depende de dois esforços igualmente importantes: a preservação de sua natureza institucional e a profissionalização do trabalho desenvolvido. O trabalho de inteligência visa promover a qualidade e a humanização dos serviços realizados, a sustentabilidade das unidades gerenciadas e o reconhecimento das pessoas atendidas.

Assim, nesse processo, valoriza-se a missão de cuidar da saúde, com a prestação de serviços humanizados e de qualidade, assim como o trabalho social realizado na área de educação infantil. Tendo atuado em Estados de todas as regiões do Brasil — desde grandes centros urbanos a comunidades indígenas localizadas em áreas remotas —, particularmente junto aos indígenas e ribeirinhos da Amazônia legal, cumprindo, nas últimas décadas, a missão do Sínodo da Amazônia proposta pelo Papa Francisco.

Com uma história construída a partir da ampla experiência católica de trabalho social, a Pró-Saúde e a Santa Casa se alinharam por também realizar a gestão de unidades educacionais e de projetos sociais, tendo como foco o desenvolvimento das pessoas e a defesa da vida. São mais de 50 anos de experiência em prol da profissionalização da gestão de serviços educacionais e de saúde, alcançando resultados de impacto positivo na vida de milhões de brasileiros.

A capacidade e liderança na repercussão de ideias e valores valiosos para a medicina e a saúde pública, atentos às práticas que reforçam o compromisso de fortalecer a conexão cristã com Deus (reescrever). A saúde, assim como a educação e a cultura, é a base que permite às pessoas realizarem seus sonhos de uma vida plena e feliz (repetido). Ou seja, num ângulo profundo, é possível nutrir o ministério de cura da Igreja, apoiado pela educação e pesquisa. Portanto, é a fidelidade ao Evangelho que exorta na Santa Casa enfatizar a dignidade humana e a justiça social à medida que comunidades mais saudáveis são desenvolvidas. Assim, valoriza-se a atenção às práticas que reforçam o compromisso em fortalecer a nossa conexão católica com Deus.

São mais de 2,5 mil médicos e 16 mil colaboradores que participaram do processo de manter os valores fundamentais. Esses valores definem a Pró-Saúde e servem como princípios orientadores. São as raízes das quais todas as nossas atividades, decisões e comportamentos crescem:

• HUMANIZAÇÃO	Cuidado centrado nas pessoas, estabelecendo vínculos fraternos para usuários e colaboradores.
• SUSTENTABILIDADE	Adotar práticas sociais, econômicas e ambientais para assegurar a perenidade organizacional.
• QUALIDADE	Busca da melhoria contínua.
• INTEGRIDADE	Atuar de acordo com as normas aplicáveis e melhores práticas institucionais.
• SOLIDARIEDADE	Tratar, na misericórdia, o outro como irmão e irmã.

Observando os valores, é possível notar a solidariedade um com o outro, capacidade de entrar na alegria e na tristeza do outro, ao mesmo tempo, demonstrar desempenho proeminente, tornar-se referência, apresentar o nosso melhor pessoal e profissional, com totalidade moral, solidez, fidelidade, confiança, veracidade em tudo o que faz.

Os valores que envolvem a gestão da saúde pública, educação e assistência social por entidades filantrópicas têm sido fomentados historicamente por uma ética cristã, por meio de organizações que se formaram ao redor deste preceito. O Código de Ética e de Conduta integra as ações do Programa de Governança e Integridade e estabelece princípios e normas de conduta que devem orientar a atuação de todos aqueles que possuam relação com a instituição como diretores, colaboradores, fornecedores, poder público, parceiros e clientes. O documento orientativo é de adesão compulsória, ou seja, todos aqueles que desejam manter relação com a instituição, devem segui-lo. O objetivo é equilibrar as relações nos diferentes níveis hierárquicos, coibindo assédios e promovendo um ambiente seguro ao trabalhador.

Foi assim com as Santas Casas de Misericórdia, desde Lisboa no encerramento do século quinze até as mais recentes, como a Santa Casa de Curitiba, na metade do século dezenove. Isso denota o profundo respeito e reverência por toda a criação, o fundamento que molda a espiritualidade, nos relacionamentos com os outros e na jornada para Deus. A Pró-Saúde também nasceu nesta mesma visão, de humanidade católica e cresceu para qualificar o atendimento de saúde para todas as regiões, afinal está presente hoje em 12 estados do Brasil, tendo atuado em todas as regiões do Brasil, é uma das instituições beneficentes que mais entende da realidade sociocultural dos brasileiros.

A tradição que envolve este mister não pode deixar de lado a contínua fidelidade aos objetivos institucionais e profissionalização do atendimento, sempre ligados às melhores práticas em cada período das gerencial das organizações, legando sempre uma melhor posição no futuro. Assim, lideraremos a transformação dos cuidados de saúde para alcançar a saúde e o bem-estar ideais para as pessoas e comunidades que servimos, especialmente aquelas que são pobres e vulneráveis.

Por tudo isso, é possível notar uma história construída a partir da ampla experiência católica de trabalho social, assim é importante realizar a gestão de unidades educacionais e de projetos sociais, tendo como foco o desenvolvimento das pessoas e a defesa da vida.













Drª Wanessa Portugal

Defender o bem-estar total de nossos pacientes às vezes significa também ajudá-los com necessidades não clínicas. Por isso, preza-se por programas abrangentes desenvolvidos para reunir parceiros da comunidade para tratar de questões não clínicas de um paciente, além de conectá-lo a recursos para melhorar sua saúde imediata.

Compreender e abordar o impacto de vários fatores sociais é essencial para fornecer cuidados de saúde equitativos, eficazes e de alta qualidade. E é a coisa certa a fazer.

Nesta caminhada, encontramos e colaboramos com o desenvolvimento pleno de muitas unidades hospitalares e suas iniciativas inovadoras, tal como vemos no Museu da História da Medicina do Paraná. Obra da majestosa e secular Santa Casa de Curitiba, em parceria com a Associação Médica do Paraná, nos legam uma ação preservacionista digna de sua tradição e origens, remontando a da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, instituidora do Museu São Roque, com acervo e programação cultural riquíssimos. A oportunidade é ímpar e sem paralelo no Brasil, a qualificação do Espaço Cultural da Santa Casa de Curitiba é exemplo que pauta outras organizações, para que venham promover a memória da medicina e assistência e venham integrá-las num grande projeto nacional de preservação do patrimônio cultural.

Desta maneira, ficamos honrados em participar do desenvolvimento do Espaço Cultural da Santa Casa de Curitiba, que institui o Museu da Medicina no Paraná, em parceria com a Associação Médica do Paraná, ampliando a oportunidade dos imóveis hospitalares transcenderem suas funções originais, transformando-se eles mesmos em ícones da arquitetura e da paisagem urbana em que se inserem, como se dá também na pioneira Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, com seu Museu São Roque de acervo e programação cultural riquíssimos.

Estamos unidos não apenas por uma estrutura organizacional, mas principalmente por colaboradores que se esforçam para criar comunidades saudáveis e fornecer atendimento excepcional, enraizado no profundo respeito à dignidade humana.

Por isso, queremos honrar a memória da **Drª Wanessa Portugal**, a quem dedicamos este livro. O trabalho eficiente e competente desta brilhante advogada viabilizou a evolução da Pró-Saúde, que lhe é muito grata. Foi Diretora Jurídica e de Filantropia da Pró-Saúde e, em fevereiro de 2018, assumiu a Diretoria Executiva-Geral da entidade. Recebeu por duas vezes consecutivas o Prêmio "100 Mais Influentes da Saúde". Drª Wanessa partiu jovem, deixando saudades, mas acima de tudo, um grande legado, pois adotou como seu projeto de vida usar a sua profissão para fazer a diferença na realidade das pessoas doentes e ou em estado de vulnerabilidade, pautando suas ações na integridade e justiça.

Contudo, a superação das limitações leva as organizações assistenciais filantrópicas cada vez mais ao epicentro da excelência na prestação da saúde pública, deixando marcas que agora não serão esquecidas.

A missão da Santa Casa de Curitiba e da Pró-Saúde, como entidade irmã, alicerçadas sobre os valores evangélicos, pode ser resumida na exortação do amado Papa Francisco: "Alegra-me compartilhar com vocês o objetivo de defender e promover a vida, a partir dos mais indefesos ou necessitados de assistência por serem doentes, idosos ou marginalizados", iniciou o Santo Padre, recordando que nas últimas décadas o sistema de assistência transformou-se radicalmente, e a tecnologia alcançou níveis impensáveis, "porém colocando de modo cada vez mais forte problemas de caráter ético"[1].

Congratulações cristãs de um futuro memorável e solidário.

Dom Eurico dos Santos Veloso
Arcebispo Emérito de Juiz de Fora (MG)
Presidente da Pró-Saúde



REFERÊNCIAS

ALBATROZ ARQUITETURA. **Proposta de Restauro da Santa Casa de Misericórdia**. Curitiba/Paraná. Curitiba: 2007.

CARNEIRO JÚNIOR, Renato Augusto. **Personagens da história do Paraná.** Curitiba: SAMP, Museu Paranaense, 2014.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. **A arquitetura do isolamento em Curitiba na República Velha**. Curitiba: E. A. de Castro, 2004.

COLEN, Gecernir; VIEIRA, Lauro Mello. **O ensino na faculdade de farmácia da UFMG.** Belo Horizonte: Clube dos Autores, 2012.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. **Curityba** - Sabbado - 28 de fevereiro de 1874. Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, n° 1.484, 28 de fevereiro de 1874.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. **Curityba** - Quinta-feira, 20 de maio de 1879. Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, n° 1.962, capa, 20 de maio de 1879.

DIAS, José Pedro. **A farmácia e a história** - uma introdução à história da farmácia, da farmacologia e a terapêutica. Lisboa: Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, 2005.

FÉRNANDEZ, Luis Alonso. **Nueva museología**: planteamientos y retos para el futuro. 2° ed. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

FIAMONCINI, Celina. **Em defesa da saúde e do amparo**: imigrantes portugueses em Curitiba (1898-1930), 2011.

FRAIZ, Ipojucan Calixto. **Nilo Cairo, a medicina e a Universidade Federal do Paraná**. 2014.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia e patrimônio.** Erechim: Gabilis Editora, 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Restauro da Santa Casa foi um presente para a cidade, diz Cordiolli.** Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/restauro-da-santa-casa-foi-um-presente-para-a-cidade-diz-cordiolli/2015>. Acesso em: 07 jan. 2019.

HOERNER JÚNIOR, Valério. **PUCPR** - Santa Casa, uma aliança Providencial. Curitiba: Champagnat, 2000.

HOERNER JÚNIOR, Valério. **Santa Casa.** Curitiba: Champagnat, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Curitiba.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MULLER, Estevão. **As samaritanas de Chambéry & os samaritanos de Champagnat.** 1° ed. Curitiba: FTD, 2018.

PIZANI, Maria Angelica Pinto Nunes. **O cuidar na atuação das irmãs de São José de Moutiers na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (1896-1937)**. 2005.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Perfil.** Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/perfil-da-cidade-de-curitiba/174>. Acesso em: 07 jan. 2019.

RAVAZZANI, Carlos. **Centenário de Mário de Abreu.** Exposição, 2006.

RAVAZZANI, Carlos. **Pioneiros da Medicina**. Exposição, 2003.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. **Associação Médica do Paraná** - 60 anos de História. Curitiba: AMP, 1993.

SIQUEIRA, Marcia Teresinha Andreatta Dalledone. **Saúde e doença na província do Paraná.** 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA completa 208 anos de fundação.** Disponível em: <https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/faculdade-de-medicina-da-bahiaufba-completa-208-anos-de-funda%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 07 jan. 2019.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Universidade do Mate:** história da UFPR. 2° ed. Curitiba: UFPR, 2006.

WITTIG, Ehrenfried Othmar (Org.). **Contribuição à História da Medicina no Paraná** - Especialidades, Hospitais, Entidades. 1° ed. Curitiba: Ehrenfried Othmar Wittig, 2011.

WITTIG, Ehrenfried Othmar. **Museu de História da Medicina da AMP**. Revista Arquivos do Conselho Regional de Medicina, v. 32, n° 125, jan./mar. 2015, circulação eletrônica.

IMAGENS

Carlos Alberto Ravazzani
Casa da Memória de Curitiba
Círculo de Estudos Bandeirantes
Instituto Histórico e Geográfico do Paraná
Núcleo de Mídia e Conhecimento
Santa Casa de Curitiba
Santa Casa de Lisboa



PATROCÍNIO

SANDOZ A Novartis Division

REALIZAÇÃO





SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA





